



FALE
FACULDADE
DE LETRAS

U F *m* G

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Kelvin Jorge Batista Silva

**MASCULINIDADES NEGRAS E SEUS DESDOBRAMENTOS NOS CAMPOS DAS
AFETIVIDADES E VIOLÊNCIA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA POR MEIO
DO ROMANCE *O AVESSO DA PELE* (2020) DE JEFERSON TENÓRIO**

Belo Horizonte
2025

Kelvin Jorge Batista Silva

**MASCULINIDADES NEGRAS E SEUS DESDOBRAMENTOS NOS CAMPOS DAS
AFETIVIDADES E VIOLÊNCIA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA POR MEIO
DO ROMANCE *O AVESSO DA PELE* (2020) DE JEFERSON TENÓRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Alexandre

Belo Horizonte

2025

T312a.Ys-m Silva, Kelvin Jorge Batista.
Masculinidades negras e seus desdobramentos nos campos das afetividades e violência na literatura afro-brasileira por meio do romance *O avesso da pele* (2020) de Jeferson Tenório [manuscrito] / Kelvin Jorge Batista Silva. – 2025.
1 recurso online (100 f. : il., color.) : pdf.
Orientador: Marcos Antônio Alexandre.
Área de concentração: Literatura Brasileira.
Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 97-99.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Tenório Jeferson, 1977– *Averso da pele* – Crítica e interpretação – Teses. 2. Ficção brasileira – História e crítica – Teses. 3. Racismo na literatura – Teses. 4. Relações raciais – Teses. 5. Negros na literatura – Teses. 6. Masculinidade – Teses. 7. Homens na literatura – Teses. I. Alexandre, Marcos Antônio. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: B869.342



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada *Masculinidades Negras e seus Desdobramentos nos Campos das Afetividades e da Violência na Literatura Afro-Brasileira por meio do Romance O Averso da Pele (2020) de Jeferson Tenório*, de autoria do Mestrando KELVIN JORGE BATISTA SILVA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira/Mestrado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Marcos Antônio Alexandre - POSLIT/FALE/UFMG - Orientador

Prof. Dr. José de Paiva dos Santos - POSLIT/FALE/UFMG

Prof. Dr. Adélcio de Sousa Cruz - UFV

Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antonio Alexandre, Professor do Magistério Superior**, em 26/02/2025, às 13:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose de Paiva dos Santos, Professor do Magistério Superior**, em 26/02/2025, às 20:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adélcio de Sousa Cruz, Usuário Externo**, em 07/03/2025, às 12:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3954654** e o código CRC **733A5A2C**.

*A todos os homens e meninos negros.
Ao meu pai Sivaldo e ao meu avô
Lourival, meus primeiros exemplos das
masculinidades negras.*

AGRADECIMENTOS

A CAPES agradeço pela concessão da bolsa que permitiu minha dedicação integral aos estudos e à pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos ao meu orientador Dr. Marcos Antônio Alexandre pela orientação e por todos os ensinamentos que me passou e que contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico. Agradeço principalmente por toda a paciência, dedicação e atenção, foi tudo muito importante no meu processo acadêmico e profissional, um exemplo e influência para o tipo de professor que pretendo ser. Quero agradecer a todos os outros professores que me inspiraram durante a minha jornada no mestrado. Obrigado Dr. José dos Santos Paiva, Dr^a. Soraya Martins, Dr^a. Daniela Campos e Dr. Eduardo de Assis Duarte.

Além disso, gostaria de agradecer também a todos integrantes do meu grupo de pesquisa Literafro, por me motivar à escrita e por enriquecer meu repertório.

Gostaria de expressar o meu agradecimento aos meus pais, Teresa e Sivaldo, e à minha irmã, Karen, cujo apoio e incentivo me ajudaram a vencer todos os momentos difíceis da minha jornada. Obrigado por tudo que vocês fizeram por mim, eu não estaria onde estou sem vocês.

Quero agradecer ao Daniel, meu aliado, por toda paciência, apoio, amor e inspiração que me deu. Por acreditar no meu potencial e na importância deste trabalho. Obrigado por me ouvir, me acolher e me motivar durante todo o processo.

Um agradecimento especial aos amigos que fiz na faculdade e durante minha trajetória, cuja companhia e apoio tiveram um papel importante na minha existência. Em especial, Cibelle, Ari, Tiago e Glenderson. Obrigado por serem os melhores amigos que eu poderia ter e por todos os momentos especiais dos quais vocês fizeram parte.

Obrigado a todos por estarem comigo nesse momento único de minha vida.

RESUMO

A pesquisa parte da relação existente entre a masculinidade hegemônica e as masculinidades negras. A masculinidade hegemônica é a masculinidade padrão que pode ser exemplificada através da imagem do homem branco, heterossexual, patriarcal, cujo valores se baseiam na virilidade, força e no poder. Para que a masculinidade hegemônica exerça o seu poder e mantenha seu alto *status* social, ela irá se apoiar na marginalização e desvalorização das masculinidades negras. Sendo assim, as masculinidades negras podem performar os valores da masculinidade hegemônica e apresentarão atravessamentos específicos por conta do fator racial. As afetividades do homem negro e a violência contra sua existência são altamente permeadas pelos impactos do racismo e dos valores impostos pela masculinidade hegemônica. O presente trabalho realiza uma análise de como a violência e as afetividades trabalham na criação da subjetividade negra masculina por meio da leitura do romance *O Averso da Pele* (2020) de Jeferson Tenório, além de abordar suas representações na obra a partir de textos teóricos da área. Como resultado da análise, foi observado que as relações de origem desempenham um papel essencial em como os homens negros desenvolvem e lidam com as relações afetivas. O abandono parental, uma realidade da vivência negra masculina, tem um importante papel em como o trauma da ausência afeta as relações ao longo da vida. O relacionamento interracial se torna mais uma questão na vida do homem negro por ser uma relação vista como um tabu, além de ser um desafio à virilidade de homens brancos. O contrário da relação interracial, a relação negro-centrada não é vista como tabu, mas o racismo desempenha uma grande força intensificadora dos traumas de um casal negro, como é observado por meio dos personagens Henrique e Martha. O casal negro possui desafios que se diferem dos que existem no relacionamento interracial em relação à superação de traumas, demonstrando que para um convívio saudável, é preciso a superação dos traumas. A violência se tornará algo constante na vida do homem negro, podendo ocorrer por conta da hiperssexualização de seu corpo, mas também por conta do próprio racismo e por meio da necropolítica do Estado. O trabalho ressalta a importância da ampliação dos estudos e debates acerca das complexidades das masculinidades negras, evidenciando o caráter primordial do romance como porta-voz de uma vivência negligenciada, além de denunciar a violência da qual esses corpos são alvos.

Palavras-chave: masculinidades; masculinidade hegemônica; masculinidades negras; o avesso da pele; afetividades; violência.

ABSTRACT

This research is based in the relationship between hegemonic masculinity and black masculinity. Hegemonic masculinity is the standard masculinity that can be exemplified through the image of the white, heterosexual, patriarchal man, whose values are based on virility, strength and power. For the hegemonic masculinity to exercise its power and maintain its high social status, it will rely on the marginalization and devaluation of black masculinity. Thus, black masculinity, that can perform the values of hegemonic masculinity, will present specific crossings due to the racial factor. Thus, the affectivities of a black man and the violence against his existence are highly permeated by the impacts of racism and values imposed by hegemonic masculinity. Therefore, the present work proposes to carry out an analysis of how violence and affectivities work in the creation of male black subjectivity through the reading of the novel *The Dark Side of the Skin* (2020) by Jeferson Tenório, besides addressing his representations in the book from theoretical texts of the area. As a result of the analysis, it was observed that origin relationships play an essential role in how black men develop and deal with their affective relationships. Parental abandonment, a reality of black male experience, has an important role in how the trauma of absence affects relationships throughout life. Interracial relationship becomes more of an issue in the life of black men because it is a relationship seen as a taboo, and also a challenge to the virility of white men. Unlike interracial relationships, the black-centered relationship is not seen as taboo. Still, racism plays a major intensifying force in the traumas of a black couple, as observed through the characters Henrique and Martha. The black couple has other challenges that differ from those imposed in interracial relationships regarding trauma overcoming, demonstrating that to have a healthy conviviality, it is necessary to overcome the traumas. Violence will become something constant in the life of black men and it may occur due to hyper-sexualization of their body, but also due to the violence of racism itself and through the state's necropolitics. This work highlights the importance of expanding studies and debates about the complexities of black masculinity, highlighting the primordial character of the novel as a voice for a neglected experience, besides denouncing the violence in which these bodies are targeted.

Keywords: masculinities; hegemonic masculinity; black masculinities; the dark side of the skin; affectivities; violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Código Criminal de 1830, no Império, traz vadiagem como crime.	80
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: A MASCULINIDADE NEGRA E SEUS ATRAVESSAMENTOS EM O AVESSO DA PELE (2020)	30
1.1 – Das masculinidades e da masculinidade hegemônica.....	30
1.2 – Das masculinidades negras.....	41
CAPÍTULO II: AS AFETIVIDADES DO HOMEM NEGRO	51
2.1 – Henrique e Pedro: as feridas da paternidade negra	54
2.2 – Suellen e Juliana: a relação interracial para o homem negro	59
2.3 – Henrique e Martha: só o amor negro não cura.....	63
CAPÍTULO III: DAS VIOLÊNCIAS QUE CERCAM O CORPO NEGRO MASCULINO: DAS RELAÇÕES SOCIAIS E AFETIVAS AO ESTADO.....	71
3.1 – As violências nos campos das afetividades e nas relações sociais	71
3.2 – “Parado é suspeito, correndo é ladrão”: O homem negro, a necropolítica e violência policial	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	97

INTRODUÇÃO

Em 2020 Jeferson Tenório publica seu mais famoso livro, *O Averso da Pele* (2020), pela editora Companhia das Letras. Foi um sucesso estrondoso e, atualmente, o livro chegou a sua sétima reimpressão. O romance narra a trajetória de Pedro que investiga e resgata a história de vida de seu pai que foi morto vítima de violência policial. Por meio dessa busca, Pedro tem como objetivo compreendê-lo e se compreender como um homem negro em uma cidade racista localizada na região sul do Brasil. Tenório (2020) aborda em seu romance assuntos relevantes como o abandono, o racismo, a masculinidade negra, a afetividade, o machismo, a violência policial e a identidade racial/étnica. Essa obra se torna essencial em um contexto contemporâneo a partir do momento em que aborda temáticas em que a maioria da população brasileira pode se identificar, seja com as situações apresentadas e/ou com as personagens ao longo da leitura. Sendo assim, a obra de Tenório se torna uma importante produção para a literatura brasileira, podendo ser uma referência relevante quando se pensa no conceito de literatura afro-brasileira. Tamanha é a relevância do romance que *O Averso da Pele* (2020) recebeu o prêmio Jabuti em 2021 na categoria de romance literário.

Eduardo de Assis Duarte começa o seu texto intitulado “Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra” (2021) com uma indagação: “Pode o negro falar? Expressar seu ser e existir negros em prosa ou verso?” Em seguida vem a resposta: “nem sempre” (Duarte, 2021). Esse “nem sempre” deve-se ao fato de que por muito tempo o negro tem sido silenciado, apagado ou até mesmo invisibilizado no cenário literário. Ter voz nessa sociedade que tenta constantemente reprimir o sujeito negro não é fácil, mas persistir nesse campo é uma forma de resistência, uma forma de mostrar que o negro existe e demanda seu espaço. Entretanto, apesar de esse silenciamento forçado, muitos escritores ousaram e resistiram, publicando e escrevendo. São essas vozes que foram significativas para o desenvolvimento de uma literatura afro-brasileira, tal qual como é percebida nos tempos atuais.

Atualmente, vê-se o crescimento de autores negros sendo publicados. De acordo com Duarte (2011), a partir da década de 1980 houve o crescimento na produção de escritores que possuem um vínculo a uma etnicidade afrodscendente, no qual começa a ocupar mais espaços culturais no país. Esse aumento recente é em

parte em virtude dos quilombos editoriais, conceito criado por Luiz Henrique Silva de Oliveira (2018), no qual define quilombo editoriais como:

[...] um conjunto de iniciativas no campo editorial comprometidas com a difusão de temas especificamente ligados ao universo afrodescendente, com claro propósito de alteração das configurações do imaginário social hegemônico. Essas iniciativas possuem caráter deliberadamente independente e seus autores são, preferencialmente, negros ou, em alguns casos, não negros comprometidos com o combate ao racismo em todas as suas formas. O catálogo é vasto e diverso, com ênfase em ciências humanas, cultura, artes e literatura. Possuem nítido projeto de intervenção político-intelectual a fim de criar debates e formar continuamente leitores sensíveis à diversidade em sentido amplo. Para além de casas de publicação, operam como territórios de ação e resistência ao bloqueio tácito no campo editorial brasileiro. (Oliveira, 2018, p. 157)

Oliveira (2018, p. 157) adiciona ainda que esses quilombos editoriais são espaços de sociabilidade dos negros e cita como exemplo algumas dessas redes de sociabilidade que foram importantes no desenvolvimento de uma literatura afro-brasileira no Brasil, como a Imprensa Negra¹ (séculos XIX e XX), a Frente Negra Brasileira² (FNB), o Teatro Experimental do Negro³ (TEN), a série dos Cadernos Negros, o grupo Quilombhoje⁴ e o Movimento Negro Unificado⁵ (MNU). São essas redes que auxiliam em grande parte na divulgação e valorização da literatura afro-brasileira. Obviamente existem editoras que publicam autores negros, porém não

¹ A Imprensa Negra foi criada em 14 de setembro de 1833, “data que marca a publicação do primeiro periódico protagonizado e direcionado para o povo preto, no Rio de Janeiro, com o jornal “O Homem de Cor”. Desde a sua criação, a imprensa negra atuou em quase todas as décadas da história brasileira, e assumiu caráter político de exigência de direitos e questionamento sobre o Estado.” (Nunes; Paz, 2023)

² “Criada em outubro de 1931 na cidade de São Paulo, a Frente Negra Brasileira (FNB) foi uma das primeiras organizações no século XX a exigir igualdade de direitos e participação dos negros na sociedade brasileira. Sob a liderança de Arlindo Veiga dos Santos, José Correia Leite e outros, a organização desenvolvia diversas atividades de caráter político, cultural e educacional para os seus associados. Realizava palestras, seminários, cursos de alfabetização, oficinas de costura e promovia festivais de música.” (Ipeafro, 2025)

³ “O Teatro Experimental do Negro (TEN) surgiu em 1944, no Rio de Janeiro, como um projeto idealizado por Abdias Nascimento (1914-2011), com a proposta de valorização social do negro e da cultura afro-brasileira por meio da educação e arte, bem como com a ambição de delinear um novo estilo dramático, com uma estética própria, não uma mera recriação do que se produzia em outros países.” (Palmares, 2016)

⁴ “Foi fundado em 1980 por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, com o objetivo de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura. O grupo tem como proposta incentivar o hábito da leitura e promover a difusão de conhecimentos e informações, bem como desenvolver e incentivar estudos, pesquisas e diagnósticos sobre literatura e cultura negra.” A editora é conhecida principalmente pela sua publicação anual dos Cadernos Negros, onde reúnem produções de escritores negros de todo o Brasil. (Quilombhoje, 2025)

⁵ “O Movimento Negro Unificado (MNU) é uma organização pioneira na luta do Povo Negro no Brasil. Fundada no dia 18 de junho de 1978, e lançada publicamente no dia 7 de julho, deste mesmo ano, em evento nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo em pleno regime militar. O ato representou um marco referencial histórico na luta contra a discriminação racial no país.”

fazem parte de seu objetivo principal publicar somente tais autores e/ou suas temáticas, como no caso dos quilombos editoriais. Contudo, os quilombos editoriais atuam como um ato de resistência no campo editorial, no qual muitas das vezes esses escritores não possuem um espaço amplo para publicarem suas obras, uma vez que o mercado costuma priorizar a publicação de obras produzidas que abarcam uma “configuração do imaginário social hegemônico” (Oliveira, 2018).

Logo, vem outro questionamento: o que se entende por literatura afro-brasileira? Como se dá essa literatura? Portanto, como *O Averso da Pele* (2020) se encaixa nesse conceito?

Há muito se discute sobre o conceito de literatura afro-brasileira. Os conceitos de literatura negra e literatura afro-brasileira geram discussões entre estudiosos. O conceito de literatura negra possui algumas limitações quando se pensa em quem escreve essa literatura e como essa literatura representa a vida do negro. Domício Proença Filho estabelece um conceito de literatura negra que possui sentido duplo:

À luz dessas observações, será negra, em sentido restrito, uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros, e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularização cultural. Lato sensu, será a arte literária feita por quem quer que seja, desde que reveladora de dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros. (Proença Filho, 1988, p. 78, grifos do autor *apud* Duarte, 2011, p. 378)

O sentido duplo em sua definição deve-se ao caráter ambíguo que surge nesse conceito, pois no primeiro o negro é o sujeito e possui uma atitude compromissada, porém, no segundo, a condição, a vida do negro é o objeto, uma visão distanciada. Tal afirmação pode gerar dois tipos de abordagens literárias, uma literatura centrada na pessoa negra e outra literatura sobre o negro. Sendo assim, ao abarcar essas duas literaturas, a literatura negra poderia ter textos comprometidos com o social e cultural afrodescendente e, ao mesmo tempo, com o seu oposto, uma literatura voltada para o exótico e a reprodução de estereótipos que muitas vezes são atrelados ao racismo.

O conceito de literatura afro-brasileira, como afirma Duarte (2011), traz consigo, em seu próprio nome, o “tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos”. Ou seja, considerando essa mescla e todo o processo de mestiçagem que as pessoas negras sofreram ao longo da história do país, o conceito de literatura afro-brasileira levaria em consideração essas variações fenotípicas que foram geradas desde então. Visto que não existe uma literatura 100%

negra no Brasil, tomando o sentido de africana como sinônimo e muito menos a África é algo único, ela é diversa e plural (Duarte, 2011).

Para Duarte (2011) o conceito de literatura afro-brasileira é elástica e abarca tanto uma produção no qual o sujeito étnico é explícito, quanto o “dissimulado lugar de enunciação”. Sendo assim, obras e autores que não possuem uma voz autoral negra, mas trazem em suas obras olhares não brancos e não racistas se enquadram na literatura afro-brasileira, a exemplo Machado de Assis (1839 – 1908) e Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917). Essa ausência da voz autoral negra muito se devia ao contexto da época em que viviam, em que se assumir como uma pessoa negra em suas obras era quase proibido.

Portanto, Duarte (2011) resume quais elementos distinguiria uma obra da literatura afro-brasileira. Em suas palavras:

Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. (Duarte, 2011, p. 385)

Sendo assim, nesta pesquisa, *O Averso da Pele* (2020) de Jeferson Tenório será analisado a partir dos elementos abordados por Eduardo de Assis Duarte (temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público), aspectos que enquadram a publicação como uma obra da literatura afro-brasileira e, assim, explicitando sua relevância no contexto contemporâneo.

Iniciando pelo elemento da temática, Duarte (2011) afirma que “é um dos fatores que ajuda a configurar o pertencimento do texto à literatura afro-brasileira”. A temática do texto pode incluir a história do povo negro brasileiro através da denúncia das consequências da escravidão ou glorificação de heróis. Em *O Averso da Pele* (2020), Tenório traz em seus personagens as consequências decorrentes da escravidão no Brasil. Em sua obra, o escritor mostra como o racismo estrutural afeta as experiências e oportunidades dos indivíduos, além de trazer reflexões sobre a construção social dos estereótipos raciais. A partir dessas reflexões sobre a construção social, vem a discussão sobre a identidade racial e pertencimento. Pedro, por meio da história de seus pais, busca compreender melhor a sua identidade como homem negro. Em diversos momentos, Pedro relata momentos vividos por seu pai

Henrique que foram marcadas pelo racismo, como a experiência em que seu pai teve ao namorar Juliana, uma mulher branca:

Em seguida, o namoro de vocês evoluiu para uma aliança de compromisso. Assim, os almoços na casa da avó de Juliana com os tios e primos dela começaram a ficar ainda mais frequentes. A intimidade com o negão da família aumentou. As piadas sobre negros agora eram contadas sem nenhum pudor. Eles te tornaram cúmplice. No início você ria, porque queria continuar agradando e mostrar que era superior a tudo aquilo, mas, aos poucos, você ia sentindo que não queria mais ouvir certas coisas. (Tenório, 2020, p. 31)

A partir do momento em que Henrique tem contato com um professor universitário negro, sua consciência racial começa a se desenvolver, como pode ser visto no trecho a seguir:

[...] você conheceu o professor Oliveira. Será com ele que você tomará consciência de si e do mundo branco em que está inserido. Oliveira era poeta e professor de literatura. Usava cabelo black power. Barba grande. Você ficou impressionado com aquele professor negro que falava de Shakespeare e Ogum com a mesma intensidade e beleza. A partir dali, sua vida não seria mais a mesma. (Tenório, 2020, p. 29)

Observa-se que, além da consciência racial, que é trabalhada no romance, Tenório demonstra a necessidade da ocupação do negro em diferentes espaços, seja no acadêmico, a exemplo o professor Oliveira, e em outros espaços.

Outra passagem importante para o desenvolvimento da consciência racial para Pedro é o momento em que Henrique começa a se lembrar de sete abordagens policiais que mais marcaram sua vida, na parte intitulada “De volta a São Petersburgo”, capítulo 4. A primeira abordagem violenta foi em sua infância, aos 13 anos de idade (Tenório, 2020). Esse cenário, apresentado por Tenório (2020) por meio de Henrique e de outros personagens, é a situação de milhões de jovens negros, principalmente daqueles que se encontram em situações de vulnerabilidade. Essa realidade é um medo diário, é o temor que a pessoa tem em colocar o pé para fora de casa sem saber se voltará bem para o conforto do seu lar no fim do dia.

Além disso, uma memória antiga de Pedro com Henrique, mostra como a consciência racial foi um aprendizado importante para seu pai. Mesmo Pedro sendo muito novo, Henrique via a necessidade de conscientizar seu filho sobre os riscos de ser negro em uma sociedade estruturalmente racista que tenta e deseja exterminar corpos negros a todo custo:

Você sempre dizia que os negros tinham de lutar, pois o mundo branco havia nos tirado quase tudo e que pensar era o que nos restava. É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque

não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos. (Tenório, 2020, p. 61)

Como pode ser visto, os afetos são o que mantém o negro vivo. Para uma mudança e sobrevivência, a comunidade tem um papel importante na construção de uma identidade.

Ainda dentro do elemento da temática, é possível verificar a presença da ancestralidade, na busca de Pedro pela história de sua família e também pela expressão de uma religiosidade de matriz africana. *O Averso da Pele* (2020) gira em torno de uma história ancestral, uma busca da ancestralidade, por meio do narrador que rebusca, constrói e fabula a vida de seu pai até o momento em que o perde em uma tragédia. Através da ancestralidade o protagonista tenta (re)construir sua identidade como homem negro e, ao mesmo tempo, compreender o próprio pai. Logo, a ancestralidade desempenha um importante papel nessa reconstrução do passado que Pedro faz. Leda Maria Martins (2021) estabelece o seguinte sobre a ancestralidade:

Tanto pode ser concebida como um princípio filosófico do pensamento civilizador africano quanto pode ser vislumbrada como um canal, um meio pelo qual se espargue por todo o cosmos, a força vital, dínamo e repositório da energia movente, a cinesia originária sagrada constantemente em processo de expansão e catalização. Para muitos pensadores, entre eles Thompson e Fu-Kiau, a ideia de uma força vital institui a sophya Banto e, como reitera Aguessy, em África, diversos níveis de “existência e diferentes seres encontram-se unidos pela ‘energia vital’”. Esses seres são “o Ser supremo e os seres sobrenaturais, os ancestrais, o universo material, que inclui homens vivos, vegetais, os minerais e os animais, e o universo mágico. (Martins, 2021, p. 60)

Por consequência, a ancestralidade é essencial na vida das pessoas negras, uma vez que a busca pelo ancestral é um princípio filosófico que auxilia, guia e orienta o negro em sua vida, é uma forma de ganhar forças e sabedoria para enfrentar as dificuldades. No caso de Pedro, a busca pelo ancestral tem como objetivo principal compreender como é ser um homem negro em uma sociedade estruturalmente racista e como lidar com seus embates por meio da vivência de seu pai.

Além dessa reconstrução do ser ancestral, a ancestralidade no romance também toma outra face no momento inicial do livro por meio da expressão de uma religiosidade de matriz africana, em que Pedro, ao adentrar o apartamento de seu pai

após sua morte, reflete e segue um ensinamento ancestral ensinado por sua tia. Essa tradição passada em família serve para a manutenção de um saber antigo que até hoje sofre diversas tentativas de apagamento, e é uma forma de manter uma identidade intacta e preservada:

[...] onde encontro um alguidar de argila alaranjada. E, dentro dele, uma pedra, um ocutá, enrolada em guias de cores vermelhas, verdes e brancas, um orixá. Observo-a com cuidado. [...] Lembro o dia em que você me disse que sua cabeça era de Ogum, e que isso era ter sorte, porque Ogum era o único orixá que sabia lidar com os abismos. Lembro que foi de sua boca que escutei pela primeira vez a palavra “abismo”. Há palavras que guardamos na infância porque nos confortam. Lembro agora do que minha tia Luara havia me dito para fazer quando encontrasse o seu Ogum. Enrole-o num pano, segure-o entre as mãos e leve-o para o rio, ela me disse. (Tenório, 2020 p. 14)

Outro caráter importante da obra é a forma fragmentada da narração, em que a história é contada a partir de uma noção de tempo fragmentada. O romance vai do presente ao passado, do passado ao futuro, do presente ao futuro, do passado ao presente e varia nesse movimento espiralar de se contar uma história que ao mesmo tempo é única e representativa do povo negro. Leda Maria Martins (2001) revela a importância desse tempo espiralar em produções negras:

O tempo espiralar é uma percepção cósmica e filosófica que entrelaça, no mesmo circuito de significância, a ancestralidade e a morte. Nela o passado habita o presente e o futuro, o que faz com que os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estejam em processo de uma perene transformação e, concomitantemente, co-relacionados. (Martins, 2001, p. 79).

Apesar de o final do romance já ser conhecido por quem o lê, o movimento espiralar e a fragmentação auxiliam em uma potencialização do que está por vir. Esse tempo espiralar é uma forma ancestral que vai contribuir para a transformação da história, é ela que vai aquecer os tambores para o que está por vir no final e que vai contribuir no impacto da obra no leitor. É por meio da fragmentação que se dão as encruzilhadas da história, conexões e momentos que vão se formando dentro do espiralar da narração e que se tornam essenciais para a compreensão do que o autor pretende alcançar a partir de sua obra. As encruzilhadas serão esses encontros dentro da história no qual há a troca entre as pessoas, caminhos que se cruzam que geram um certo impacto na vida do outro, seja ela de forma amistosa ou turbulenta, como Leda Maria Martins (2003) diz sobre as encruzilhadas:

A noção de encruzilhada utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se

entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim. (Martins, 2003, p. 69)

A encruzilhada para o homem negro acaba sendo um momento e espaço de cura, pois por meio desses encontros, Pedro tem a oportunidade de se redimir com suas dores pessoais e as dores que concernem o seu relacionamento com o próprio pai. A partir dessa encruzilhada, abre-se um espaço para o aquilombamento, que de acordo com Soraya Martins (2023), aquilombar “é movimento, é a criação de possibilidades outras de existir e se relacionar. É a reunião de corpos em transbordamento, corpos em ação, que são”. Ou seja, nesse momento de aquilombamento em que Pedro perpassa ao longo da narrativa, se corrobora a criação de uma nova forma de viver para si mesmo, além de permitir uma nova forma de (r)existir em uma mesma sociedade que foi responsável pela morte de seu pai. O aquilombamento surge na obra como uma forma de acolhimento e de geração de força para que Pedro possa viver e passar por seu luto.

O próximo elemento é a autoria. Existe uma necessidade de compreender a autoria não somente como um dado exterior, mas como uma “constante discursiva integrada à materialidade da construção literária” (Duarte, 2011). Duarte (2011) também adiciona a autoria como um dos fundamentos “para a existência da literatura afro-brasileira que decorre da relevância dada à interação entre escritura e a experiência”. Tenório é um autor que assume em sua obra a sua experiência como homem negro. Elementos autobiográficos costumam ser encontrados em obras de escritores, existe um entrelaçamento entre ficção, realidade e testemunho (Duarte, 2011). Possivelmente diversas das experiências que as personagens Henrique e Pedro experienciaram no livro, seu autor também as viveu e vive. Henrique mudou-se do Rio de Janeiro, ainda criança, para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O mesmo aconteceu com Tenório, portanto, a sua vivência como homem negro em Porto Alegre pode ter servido de base para retratar a história de Henrique. Tenório é um autor comprometido com a militância, em suas redes sociais, em debates e assuntos políticos e raciais. Além do mais, atualmente ele é colunista da Uol, onde publica artigos semanais que debatem os últimos acontecimentos e assuntos pertinentes às suas causas sociais. O uso da internet como forma de expressão tem sido importante no contexto atual no qual boa parte da sociedade, principalmente a juventude, que

utiliza desse meio de comunicação como uma fonte recorrente de conhecimento e de notícias. A internet é um facilitador onde tudo é consumido rapidamente e facilmente.

No próximo aspecto, Duarte (2011) aborda que o ponto de vista adotado na obra “indica a visão de mundo autoral e o universo axiológico vigente no texto, ou seja, o conjunto de valores que fundamentam as opções até mesmo vocabulares presentes na representação”. Além disso, é necessária uma perspectiva que identifique a história, a cultura e toda problemática relacionada à vida da população negra ali representada (Duarte, 2011). Em *O Averso da Pele* (2020), Tenório assume a visão de mundo própria de um homem negro, a visão de um homem que, assim como ele, sente na pele a dor do racismo no dia a dia. Essa visão apresenta uma perspectiva afrocentrada, pois ao mesmo tempo em que apresenta as dores e a realidade de uma vivência negra, ela traz consigo uma visão na qual valoriza e cultua elementos relacionados à cultura afro-brasileira e a sua estética. Esse ponto de vista distinto ao do branco, que supera a cópia de modelos europeus e da assimilação cultural colonial, é um dos fatores principais que faz com que *O Averso da Pele* (2020) seja uma obra literária afro-brasileira notável, forte e poderosa no que promete ser.

Outro fator importante em relação ao ponto de vista, é a forma em que o romance é narrado majoritariamente na segunda pessoa. Dessa maneira, Tenório inova, pois não é uma forma comum de narração. Sendo assim, o leitor sente que está em frente a Pedro, ouvindo o seu passado e o de seu pai, como se o próprio leitor fosse Henrique. Com tal feito, o autor permite que o narrador se aproxime e se aprofunde na história, fazendo com que, dependendo da pessoa que o lê, se sinta representada e se identifique com os acontecimentos ali narrados. O elemento da linguagem acaba se mesclando com o do ponto de vista nesse momento. Aqui, ambos exercem uma função conjunta para criar um efeito único ao leitor.

Levando agora a linguagem em consideração, no romance ela tem um caráter poético que ao mesmo tempo é forte e bela, uma linguagem única, poderosa e sensível. O livro contém uma linguagem acessível e coloquial, repleta de gírias e expressões populares, mas também utiliza recursos literários mais elaborados como metáforas, alusões e jogos de palavras. Além disso, Tenório faz uso de uma escrita poética e sensorial para descrever cenários e sensações, proporcionando uma imersão na história e nos personagens, como mencionado anteriormente. Elementos na linguagem como a ruptura com a fala e escrita ditada pelo mundo branco, repleta

de referências e termos relacionados à cultura afro-brasileira, são mais um dos diversos motivos que demonstram como o livro se encaixa no conceito de um produto da literatura afro-brasileira.

Por último, mas não menos importante, tem o aspecto relacionado ao público. Pode-se afirmar que o público principal a que se dirige o romance de Tenório são as pessoas negras. O livro contém elementos de afirmação identitária, que Duarte (2011) relata ser uma das facetas da produção afro-literária. Ele ainda adiciona a informação de que o escritor tem como função ser o porta-voz da comunidade e é exatamente isso que o autor se propõe em sua obra (Duarte, 2011). Constituinte de elementos autobiográficos e de experiências vividas, Tenório se aproxima de sua comunidade e, evidentemente, também há um público para além das pessoas negras. Parte desses elementos autobiográficos é evidenciado em uma entrevista do autor cedida ao *Jornal Cândido* (2022), em que responde uma pergunta sobre as diferenças entre a cidade do Rio de Janeiro e Porto Alegre, no qual ambas são ambientadas em seu romance:

Vivi no Rio de Janeiro até os 13 anos de idade e depois voltei muitas vezes para passar férias e visitar parentes. O que posso dizer é que tanto o Rio como São Paulo passam uma ilusão de ter pessoas negras naturalizadas nos espaços. É possível ver negros em vários espaços pela cidade, especificamente nas praias, onde pessoas brancas e negras dividem os mesmos lugares. No caso de Porto Alegre, o território já é mais demarcado. Se você der uma volta pelo centro, vai perceber os guetos de pessoas negras em determinados bairros e guetos de pessoas brancas em bairros mais sofisticados. É uma segregação silenciosa, mas que está a olho nu. Me parece que o racismo é visual e mais escancarado. E passei essas impressões para o meu personagem Henrique, que é negro e se sente estranho na cidade em que morou a vida toda. (Tenório, 2022, *Jornal Cândido*)

Com o romance, o escritor deseja denunciar e expor as violências sofridas pelas pessoas negras no país em que vivemos. Em virtude de o romance ter sido publicado em uma editora de grande alcance nacional, sua obra poderá atingir os mais diversos públicos do país, principalmente após receber o prêmio Jabuti em 2021 de melhor romance literário. A premiação traz mais visibilidade ao livro, expandindo mais ainda seu alcance. Por último, a publicação em formato e-book facilita o acesso ao livro, uma vez que no contexto atual os livros têm se tornado mais caros e inacessíveis para uma boa parcela da população. Apesar de tudo, ainda assim é necessário a criação de mais medidas fomentadoras de acesso à literatura e a ampliação da inclusão digital por parte das populações marginalizadas que não possuem acesso ou condições de adquirir tais produtos.

O Averso da Pele (2020) é uma obra fundamental na literatura afro-brasileira, pois trata de questões centrais como identidade, racismo e ancestralidade, dá voz a personagens negros e estimula o debate sobre representatividade. Ademais, traz assuntos de pertinência contemporânea, como a violência policial, que é um dos mecanismos de extermínio da população negra atual. Portanto, com todos esses aspectos, o romance agrega todos os elementos propostos por Duarte (2011) para que uma obra esteja dentro do que se propõe como literatura afro-brasileira e esses elementos não andam separadamente na obra, elas são resultado de uma inter-relação. *O Averso da Pele* (2020) é uma obra que abala as estruturas de uma sociedade que ainda evita enxergar a violência constante que a população negra do país vivencia e busca evidenciar a busca por liberdade na sociedade contemporânea.

Frantz Fanon (2008, p. 26) em seu livro *Pele Negra e Máscaras Brancas* desenvolve o pensamento de que “[...] o homem negro não é um homem. [...] O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo.”. Trazendo essa declaração, Fanon (2008) afirma que, na sociedade, o homem negro não é visto como homem. As relações afetivas, ou como o autor reconhece, “séries de aberrações afetivas”, colocam o homem negro em uma posição inferior em relação ao que se entende por homem, ou seja, o negro não é um homem, é apenas um negro. A partir desse ponto, vem a discussão da masculinidade negra e suas questões: o que esse homem enfrenta, como ele lida com a sua realidade, quais são as consequências físicas, sociológicas e psicológicas vividas e experienciadas por esse indivíduo. O romance *O Averso da Pele* de Jeferson Tenório de 2020 possui uma grande significância ao abordar assuntos que tocam a masculinidade negra através de seus personagens principais.

Porém, antes de tudo, o que se entende por ser “homem” e “masculinidade” na sociedade contemporânea? De acordo com Robert William Connell (2001), masculinidade é um arranjo de práticas na vida cotidiana. Segundo ele, a biologia não define a masculinidade, pois a masculinidade toca nos corpos masculinos, às vezes simbolicamente e indiretamente (Connell, 2001). Connell (2001) observa que, embora existam diferentes formas de masculinidades, há uma “masculinidade hegemônica”, uma forma padrão de masculinidade que possui uma posição de autoridade cultural e de liderança, mas não de domínio total. Essa masculinidade hegemônica desempenha

o "papel masculino", que geralmente é fornecido por esportistas e heróis militares, sendo eles homens brancos, também no nível de sanções sociais, como uma desaprovação gentil à violência (Connell, 2001). Connell (2001) reforça que há grupos de homens cuja masculinidade é mais privilegiada que outros grupos de homens, como os homens negros. Tal privilégio sobre os sujeitos negros é evidenciada por meio da teoria fanoniana anteriormente mencionada (Fanon, 2008). Túlio Augusto Custódio (2019) declara que o homem negro estaria amarrado na dor da masculinidade patriarcal hegemônica, como afirmado por bell hooks (2004). Custódio (2019) explica tal afirmação dizendo que:

Ao ter o exercício de sua masculinidade (recalcado) de reconhecimento pleno, dentro desse padrão hegemônico patriarcal branco, ele (o homem negro) a verte para um lugar inadequado de realização, transformando a não-aceitação plena em dor e sofrimento, e vertendo para fora essa dor em códigos performativos fora-de-si, ou seja, do que desejaria ser e não mimetizar. (Custódio, 2019, p. 133)

Entretanto, os estudos de Connell apresentam algumas limitações. Vic Seidler (2006) lembra que a relação entre masculinidade e poder tende a tornar-se invisíveis as diferenças entre gerações e as dificuldades que muitos meninos enfrentam em sua própria vida, pois suas lutas nem sempre estão relacionadas à sua posição como homens em uma sociedade patriarcal, mas a tensões emocionais em suas vidas pessoais. Além disso, Seidler (2006) adverte sobre a necessidade de estar ciente de que essa masculinidade hegemônica existe, mas que ela pode silenciar o conceito de que as masculinidades também são herdadas.

Connell (2005) também menciona em seu livro, *Masculinities*, que se a masculinidade negra, por um lado, é marginalizada por modelos hegemônicos brancos e, por outro lado, desempenha um papel simbólico na construção da branquitude. O autor argumenta, por exemplo, que as estrelas esportivas negras são consideradas bons exemplos de masculinidade, enquanto a imagem de um negro como ladrão, um estuprador e um homem agressivo desempenha um papel fundamental na política entre os brancos, reforçando de muitas maneiras as fronteiras raciais (Connell, 2005). Rolf Malungo de Souza (2009 *apud* Custódio, 2019) cita que na tradição literária brasileira as representações de masculinidade criaram dois personagens, ou seja, duas representações do homem negro na sociedade brasileira: o Neguinho, que é um sujeito “submisso, sem vontade própria, devoto aos desejos, dependente”, e o Negão, que é um sujeito de “virilidade alta, superdotado, apetite

sexual insaciável, irresistível à mulher branca” e que, de acordo com Custódio (2019, p. 147), carrega consigo elementos da masculinidade patriarcal. Ao contrário dessas representações estereotipadas e racistas, o homem negro na verdade é um ser plural e diverso, e seu corpo nunca caberá dentro de descrições redutíveis. O negro é um universo em expansão, em que diversos eventos estão ocorrendo ao mesmo tempo, é impossível reduzi-lo a algo único. Esse universo diverso que cada homem negro pode ser ligado ao que Édouard Glissant (2008) expressa sobre opacidade, sendo essa opacidade a diferença que cada um carrega em si em relação aos outros. Glissant (2008) defende o direito à opacidade, em que “aceitar não apenas o direito à diferença, mas, indo além, aceitar também o direito à opacidade, que não é um cercado dentro de uma autarquia impenetrável, mas subsistência dentro de uma singularidade irredutível” e ainda adiciona que as “opacidades podem coexistir e convergir, tecendo tecidos”. Logo, como o próprio Glissant (2008, p. 53) afirma, “aceitar as diferenças é certamente perturbar a hierarquia da escala”, ou seja, a partir do momento em que virmos as diferenças não como algo superior ou inferior, nivelá-las ao mesmo nível, será o momento em que as comparações, as escalas, irão se fender e de forma definitiva o diferente deixará de ser algo à parte. Dessa forma, as representações dos homens negros na sociedade desempenham uma função primordial na manutenção do racismo estrutural. E esse racismo estrutural parte do conceito de que o racismo é decorrente da própria estrutura social e que ocorre por meio de comportamentos individuais e processos institucionais que são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (Almeida, 2019, p. 50). Ou seja, o racismo é um processo social, que está embrenhado em nossa sociedade de tal forma que, para combatê-lo, é necessário mudanças profundas nas relações sociais, econômicas e políticas (Almeida, 2019, p. 50). Tais afirmações se confirmam ao observar o que Robert Staples (1978) conclui, em seu artigo, de que quando comparado aos homens brancos, os homens negros têm menos privilégios e são afetados negativamente em áreas sociais como saúde, emprego, educação e renda. Ou seja, a masculinidade hegemônica patriarcal possui importante função na manutenção da marginalização do homem negro na sociedade, afetando-o em níveis sociais, sentimentais, físicos e afetivos.

Quando o assunto é a afetividade do homem negro, de acordo com hooks (2022), as relações de origem (vínculos íntimos criados na família) moldam as

atitudes, a forma de ser e interagir que trazemos para a parceria romântica e outras formas de relacionamentos. Logo, o que determinará como o homem negro irá se relacionar com outras pessoas é o resultado das interações das suas relações de origem.

hooks (2022) informa que o relacionamento entre os homens e mulheres negros possuem os mesmos desafios que acometem relacionamentos em culturas patriarcais. Além disso, com a adição do racismo à vida da família, “as disfunções na vida negra costumam ser mais extremas” (hooks, 2022, p. 193). Logo, a partir dessas pontuações, pode-se afirmar que, ao crescer sob tais condições, o campo afetivo – ou, as relações afetivas do homem negro – serão uma série de respostas à forma em que essa criança foi criada, em qual ambiente familiar essa criança viveu, como a sua família era estruturada e como foram essas suas relações de origem. Pois, como hooks (2022, p. 193) afirma, “é por meio da família que primeiro aprendemos os papéis sexuais e maneiras pelas quais devemos nos relacionar”, logo, para termos uma discussão significativa sobre as relações afetivas do homem negro, devemos começar observar a partir da infância desse homem.

Portanto, os abusos e violências sofridas durante a infância em decorrência a uma cultura patriarcal e influenciada por uma religião fundamentalista, impactará no campo de relacionamento desse adulto em relação às pessoas de seu círculo social. Os meninos que passam por esses abusos e violências constantes podem tornar-se homens que se sentem inadequados, e/ou que são incapazes de criar uma relação íntima além da materna, e/ou tendem a se tornar homens irresponsáveis, e/ou de se tornarem disfuncionais, e/ou magoados, e/ou sem amor próprio, e/ou mulherengos, e/ou violentos e/ou reclusos em relação aos próprios sentimentos (hooks, 2022).

Muitos desses impactos da infância podem ser vistos no romance de Jeferson Tenório a partir da relação entre Henrique e Martha, mãe de Pedro. A relação de Henrique e Martha é uma relação disfuncional decorrente de suas infâncias no qual não foram nada usuais. Henrique foi criado por sua mãe e Martha foi filha de uma mulher negra viciada em drogas, que foi adotada e separada de sua irmã. Todas as suas inseguranças e traumas originados na infância criaram uma relação turbulenta entre os personagens, além do racismo sofrido por ambos ser mais uma questão em seu meio. Além do mais, tudo que aprenderam sobre relacionamento foi a partir do modelo patriarcal e, como hooks (2022) afirmou, relacionamentos baseados nessa

estrutura tendem a se tornar disfuncionais. O que costumam pensar de que em uma relação somente uma das pessoas do relacionamento é emocionalmente estável, na verdade, acontece de outra forma. hooks (2022, p. 198) declara que devemos “considerar a possibilidade de muitos homens negros e mulheres negras estarem em um estado de desenvolvimento interrompido, presos por vínculos de fantasia e lealdade a falsos Eus”. Esse desenvolvimento interrompido é o que tornava instável a relação entre Henrique e Martha.

Além do mais, a questão do relacionamento inter-racial é presente no romance através do namoro entre Henrique e sua primeira namorada, Juliana, uma mulher branca. De acordo com Caio César (2019), existe uma construção intencional que leva os homens negros, a partir de processos conturbados de autoestima misturadas aos reforços ligados ao padrão de beleza feminino, a escolherem a ter relacionamentos com mulheres brancas, principalmente se há algum tipo de ascensão social. Em *O Averso da Pele* (2020), vemos desde o início que Henrique é um homem negro de classe social baixa e que começa a namorar Juliana, que é de uma classe média alta. Em um dado momento, Henrique se cansa dos constantes episódios de racismo sofrido pela família da namorada, que acaba achando suas pontuações como chateações e besteiras. Na mídia, a imagem que é passada é a de que o amor vence tudo e que, para isso, o homem negro precisa mostrar que é digno do amor branco e mostrar o seu valor, tendo que encarar e engolir todas as violências sofridas até ali (César, 2019). Henrique se viu nesse momento descrito por César (2019), de se validar para a família de Juliana e acaba terminando o seu namoro, demonstrando um ato de autocuidado e de amor-próprio.

Outra temática abordada em *O Averso da Pele* (2020) é a violência sofrida pelo homem negro. Ao longo do romance, Pedro relata as violências sofridas por seu pai, principalmente as de âmbito policial. Além das diversas violências que o homem negro sofre — racismo estrutural, a marginalização, a sexualização, a estereotipação, inferiorização, dentre outras — que são ocasionadas pelo racismo, a mais preocupante é a violência policial. Tal violência pode ser facilmente comprovada ao ouvir diversos relatos de homens negros, pois a maioria deles terá ao menos uma situação de violência policial para relatar, inclusive o autor desse trabalho. Osmundo Pinho (2019) afirma, por meio do *Mapa de Violência* de Júlio Waiselfisz, que a violência no Brasil é endêmica e que isso não representa somente o resultado de

circunstâncias acidentais, mas também constitui e limita a esfera pública brasileira em si, tal como os contornos objetivos para as estruturas sociais. Ademais, Pinho (2019) informa que a violência policial e a possibilidade de sua ocorrência “constitui o persistente *background* para a produção de subjetividades masculinas negras jovens”.

Um estudo apresentado por Pinho (2019) mostra que no período de cinco anos, entre 2002 e 2007, 92,1% das vítimas de homicídio no Brasil foram homens. Neste período, o número de vítimas brancas por ano caiu de 18.852 para 14.308, representando uma queda significativa de 24,1%. Em contrapartida, o número de vítimas negras cresceu no mesmo período de 26.915 a 30.193 por ano, ou seja, um aumento de 12,2% (Pinho, 2019). Em outros termos, Pinho (2019) interpreta esses resultados através de outras perspectivas:

Especificando em termos diferentes, a taxa de homicídio para os brancos caiu de 20,6 para 15,5 homicídios para cada 100.000 pessoas, representando uma queda de 24,9% entre 2002 e 2007, enquanto entre a população negra, as taxas aumentaram de 30,0 em 2002 para 32,1 homicídios para cada 100.000 pessoas em 2007, o que representa um aumento de 7% (ibid: 116). Falando proporcionalmente, em 2002, 58,7% mais negros morreram. Em 2004, o índice subiu ainda mais, para 85,3%, e, em 2007, atingiu 130,4% (ibid: 120). (Pinho, 2019, p119)

Esses dados só confirmam o quanto a violência sofrida pelos homens negros não é uma mera coincidência, mas sim uma violência seletiva e racista, no qual o Estado desempenha um importante papel na manutenção dessa violência. A propósito, Pinho (2019) declara que a ação policial, seja civil ou militar, é a principal responsável por grande parte da violência letal produzida nas grandes cidades. Os corpos dos homens negros estão inseridos em uma necropolítica, no qual como é estabelecido por Achille Mbembe (2016), essa necropolítica se baseia nas políticas governamentais de Estado que buscam controlar quem deve viver ou morrer a partir de aparelhos sociais públicos e um desses aparelhos é a violência policial. Henrique foi vítima dessa necropolítica que tem como base o racismo. Mbembe (2016, p. 128) também expressa que “a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou dominá-los”. A violência policial contra os homens negros opera como uma forma de controle dessa população, ou seja, atua como uma forma de manutenção e preservação das estruturas dessa sociedade que beneficia e privilegia certos corpos, em geral homens brancos heterossexuais e cisgêneros, em detrimento de outros corpos que fogem desse padrão hegemônico.

Em *O Averso da Pele* (2020), diversos episódios de violência policial são relatados ao longo do romance, sejam eles sofridos por Pedro ou por Henrique, ou até por outros personagens. No livro, vemos que desde pequeno Henrique já sofria em decorrência da ação policial. Na parte “De volta a São Petersburgo” do livro, mais precisamente no capítulo 4, Henrique, após ser abordado pela polícia ao esperar uma carona, reflete sobre sete abordagens policiais violentas que ele sofreu ao longo de sua vida. Nota-se que a primeira abordagem violenta foi em sua infância, aos 13 anos de idade (Tenório, 2020). Essa realidade apresentada por Tenório (2020), através de Henrique e outros personagens, é a realidade de milhões de jovens negros, principalmente daqueles que se encontram em situações de vulnerabilidade. Essa realidade é um medo diário, é o medo que a pessoa tem de colocar o pé para fora de casa sem saber se voltará bem para o conforto de seu lar. Entretanto, nem sempre estar no próprio lar é sinônimo de segurança hoje em dia para essas pessoas.

A forma na qual o Jeferson Tenório decide contar uma história que infelizmente é corriqueira na vida de pessoas negras, principalmente do homem negro que é o principal alvo da violência policial, fissura as estruturas da sociedade. A fissura, de acordo com Soraya Martins (2023) trabalha da seguinte forma:

O gesto de fissura diz sobre o ato de rachar, fender as determinações representativas calcadas na rigidez das homogeneidades, sobre as formas de ser e estar negras e negros. Fissurar aqui é fender, intentando maneiras novas de encenar velhos dramas negros e novas maneiras de fazê-los ser sentidos. (Martins, 2023, p. 97)

Em consequência, Tenório escreve sobre um velho drama negro de forma única e original em que ele humaniza o homem negro, retomando a identidade e a individualidade em seus personagens. Com isso, o autor pretende humanizar um corpo que seria mais um em uma triste estatística da necropolítica. O corpo negro no romance deixa de ser anônimo e uma estatística para se tornar um homem negro que vivia, sentia e existia como um ser próprio e único, um homem que possui uma identidade e uma pluralidade.

A partir da fissura vem o gesto de fabulação, termo definido por Soraya Martins (2023) da seguinte forma:

Do ato de fissurar pode emergir aquilo que chamamos de Fabulação, a ficção como possibilidade de construção de um espaço onde negras e negros possam existir sem amarras, recriar memórias e temporalidades. Recontar a história. Dedicar-se a um desejo. Fabular é produzir imagens, olhares e identidades a partir da releitura crítica da história: do passado, operando no

presente e no futuro, através de uma leitura poética do mundo. Fabular é especular para se produzir rotas de fugas existenciais e estéticas. (Martins, 2023, p. 97-98).

Em *O Averso da Pele* (2020), Pedro fabula a partir do momento em que utiliza a história de seu pai, através de um olhar crítico e ao mesmo tempo sensível, para criar imagens e uma identidade, utilizando do passado para criar essa fuga existencial e uma vivência diferente para si e para outras pessoas que for ler o seu relato. Além disso, a obra em si é uma fabulação ao produzir uma releitura crítica da história brasileira, em que homens negros ainda são vítimas da herança escravagista, sendo que hoje ainda existe essa situação que é análoga à escravidão que perpetua o racismo e suas violências de forma velada e discreta.

Com base nesses estudos, surge a hipótese de que a afetividade e a violência marcam a construção das subjetividades das masculinidades negras. Logo, *O Averso da Pele* (2020), uma obra contemporânea da literatura afro-brasileira, será analisada na busca por essas evidências que apoiam essa hipótese ao extrapolar o enredo ao tocar nas dinâmicas sociais de gênero e raça. Em adição, a pesquisa demonstrará como as masculinidades negras estão presentes/representadas no romance e como se apresentam seus desdobramentos no campo das relações afetivas e da violência. Em virtude da necessidade de aprofundamento no debate da masculinidade negra, propõe-se analisar o assunto através da perspectiva da literatura afro-brasileira contemporânea. Além disso, o trabalho apresenta uma relevância pessoal por eu ser um homem negro e que, dado a isso, experiencio na minha realidade e sinto na pele as questões da masculinidade negra que são apresentadas no romance. O que me estimulou a escolher o romance de Jeferson Tenório foi a constatação de quanto seu texto se aproxima de minha realidade e de muitas outras pessoas de minhas relações, além de ser um texto potente que evoca diversas sensações e sentimentos a respeito de uma realidade dura e cruel que me instigaram a tentar compreender melhor sobre como é ser um homem negro no Brasil. Ainda mais, vejo uma imensa importância em trazer essa pesquisa sobre o presente assunto que possui uma alta relevância pessoal e comunitária para o meio acadêmico e, assim, dar voz a algo que ainda é pouco discutido e abordado na academia.

No primeiro capítulo da dissertação será abordado as questões que tangem as masculinidades negras partindo do debate do conceito de gênero, seguindo para como a sociedade patriarcal e o colonialismo influenciam nas masculinidades e, por

fim, entrando no debate das vivências masculinas negras e como *O Averso da Pele* (2020) subverte ao trabalhar as masculinidades negras.

No segundo capítulo será abordado como o afeto é construído, apresentado e recebido para os homens negros e assim, abordar como as suas relações afetivas serão construídas e desenvolvidas. Como consequência, as relações apresentadas no romance, através dos personagens de Pedro e Henrique, Henrique e as namoradas brancas e Henrique e Martha, se tornarão o foco para estudar as questões que existem acerca das relações dos homens negros.

Em seguida, no terceiro capítulo, será trabalhado como a violência influencia na construção da subjetividade identitária do homem negro na sociedade brasileira contemporânea e como as masculinidades negras são intensamente atravessadas pela violência social, sexual, policial e do Estado.

Por fim, nas considerações finais, serão elencados os conhecimentos desenvolvidos acerca das masculinidades negras, seus atravessamentos e vivências, além de abarcar como as afetividades e a violência estão relacionadas às experiências negras masculinas e influenciando na subjetividade desses indivíduos.

CAPÍTULO I: A MASCULINIDADE NEGRA E SEUS ATRAVESSAMENTOS EM O AVESSO DA PELE (2020)

1.1 – Das masculinidades e da masculinidade hegemônica

No modelo atual da sociedade ocidental, o homem, juntamente com a sua masculinidade, possui um *status* de poder, e aquele que foge de um modelo masculino ideal e quem não é considerado “homem” segue marginalizado em detrimento dessa ordem social. Os gêneros são conceitos construídos socialmente, e quando pensamos no homem e na sua masculinidade, observamos que são conceitos criados com o intuito de privilegiar e manter somente um tipo de pessoa no controle na escala do poder. Em algumas sociedades, desde os tempos antigos, os homens se colocam no controle afim de manter seus privilégios, o que até hoje continua em vigência. Existe uma série de códigos comportamentais que a sociedade privilegia e sustenta como necessário para que a masculinidade de um homem seja considerada genuína e digna de respeito entre os demais. A virilidade, a repressão de sentimentos, a honra, um padrão corporal/estético, a homofobia e sexismo, fazem parte de uma série de valores e comportamentos que tem como função criar uma imagem perfeita do que seria uma masculinidade ideal para os homens performarem. Tudo o que foge desses valores tende a diminuir o quanto essa pessoa seria considerada um homem.

Em um trecho do romance, Henrique associa a dor de sua úlcera como algo que parecia já existir dentro de si desde cedo e que perdurou até o fim de sua vida:

Nesse período, você ganhou peso, sua úlcera fechou e não havia mais uma ferida aberta no seu estômago, mas às vezes, quando você chora, quando lembra que pode chorar, você tem a sensação de que aquela ferida de meio centímetro sempre esteve dentro de você, desde o momento em que nasceu até a sua vida adulta. (Tenório, 2020, p. 22)

Ao se permitir ser vulnerável e chorar, os sentimentos trazem à tona as dores da vivência negra masculina periférica de Henrique. Ao ir à contramão do que a masculinidade hegemônica exige em relação a repressão emotiva, acessar esse outro lado permite dar a vazão das dores do personagem, a partir daquele momento as dores escoam e permitem trazer uma leveza, mesmo que momentânea, de algo que estava contido, tal qual uma barragem. Além disso, tal ato revela o peso que a

masculinidade coloca sobre o homem e como ela pode ser prejudicial ao indivíduo, sendo mais perigosa ainda para o caso dos homens negros que possuem uma camada que é ter que conviver com as dores do racismo durante toda a sua vida.

De acordo com Connell (2001, p. 44), gênero vai além da questão da “diferença dos sexos”, mas é algo que também condiz a respeito das relações de poder e desejo. Ou seja, pensando no que o autor revela e na posição do homem na sociedade, pode ser inferido que, para se estabelecer no poder, o homem precisou colocar os outros gêneros em sua subordinação para que pudesse preservar a manutenção de seus privilégios, e assim poder realizar os seus desejos e vontades. Apesar de esse *status* de poder, não significa que esse molde de homem cabe para todos os homens na sociedade. Pensando que todo indivíduo possui sua própria individualidade, certos homens não se encaixam nesse padrão esperado. Porém, mesmo não se encaixando, todo homem vai se beneficiar da sua imagem masculina, seja ativamente quando o mesmo busca inserir em seu imaginário, de forma consciente, certos comportamentos como masculinos, ou passivamente quando uma influência o adentra sem consciência. Além de tudo, fatores como orientação sexual, raça, classe e idade podem influenciar nessa posição de poder e destaque.

O aprendizado da performance de gênero é moldado pelo simbolismo social e a divisão de trabalho (Connell, 2001, p. 45). Ou seja, a cada determinada época, o que se tem como masculino e feminino será diferente, sendo assim, fatores sociais irão desempenhar um importante papel nos gêneros. Para um indivíduo, a sua percepção e performance como um ser masculino não será algo exclusivamente interno, influências externas irão fazer com que essa pessoa crie sua própria ideia e performance masculina do gênero. Portanto, existe uma vasta gama de masculinidades, e o homem, como qualquer outro indivíduo, é alguém plural, no qual um modelo considerado ideal de masculinidade poderá influenciar ou não na performance de sua masculinidade. Como Connell (2001, p. 46) diz, por meio das práticas reflexivas corporais, mais do que vidas individuais são formadas, existe também a formação de um mundo social em que modelos de gêneros se tornam normas e o ideal a serem seguidos. Com esse modelo social criado, muitas das masculinidades que escapam do padrão acabam sofrendo diversos desafios, sendo considerados menos homens ou masculinos quem quer que desafie as normas sociais de expressão de gênero.

Além disso, Connell (2001, p. 46) afirma que pelo fato de os seres humanos serem seres sociais, as pessoas reagem em resposta às situações particulares dentro de estruturas definidas das relações sociais. Logo, as experiências, situações e as interações com outras pessoas irão influenciar na formação/performance do gênero de cada um. É válido manter em mente que, apesar de toda as influências que o indivíduo recebe ao longo de sua vida, sua performance de gênero será única, pois não se deve excluir a individualidade de cada ser. Pode ser que alguém reproduza constantemente o que é padrão e esperado para o comportamento de um homem ou mulher, mas as masculinidades e mulheridades são múltiplas e diversas.

Ademais, o gênero está conectado à mudança histórica mundial moderna que foi o processo de colonização e suas consequências (Connell, 2001, p. 47). Como Antônio Bispo dos Santos (2015, p. 47) afirma em seu livro *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015), a colonização foi um processo etnocêntrico “de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra”. A imposição cultural eurocêntrica da colonização fez com que se estabelecesse um único padrão para as relações de gênero e suas devidas performances, uma vez que o processo de invasão trazia consigo a imagem do homem branco viril e explorador como o maior exemplo de masculinidade e como o centro da liderança em relação aos demais povos, etnias e gêneros.

A colonização fomentou o apagamento das diferentes culturas que haviam outras formas de masculinidades, mulheridades e suas respectivas formas de serem performadas e de se relacionarem. Como resultado, houve a padronização de comportamentos e da referência de gênero que, até hoje, segue muito enraizada nas sociedades ocidentais. Logo, pessoas negras, indígenas e mulheres nunca seriam capazes de alcançar esses padrões, uma vez que a exclusão e controle desses grupos são um dos pilares do processo de colonização. Muitos podem considerar que tais grupos podem alcançar esses modelos de gênero, porém isso seria uma ilusão para dar a ideia de controle, entretanto, os recortes de gênero, raça e etnia sempre serão os primeiros fatores a evitar essa igualdade ilusória de mulheridades e masculinidades. A colonização traz o centramento, a unificação e não abre espaço para a pluralidade e diversidade cultural por ser uma sociedade baseada no propósito de manter o homem branco, hétero e cisgênero no topo da pirâmide social do poder.

Tratando-se da masculinidade, Arthur Flannigan Saint Aubin (1994, p. 239) começa seu texto *O corpo masculino e metáforas literárias para masculinidades*, com uma provocação afirmando que a masculinidade, em suas manifestações culturais e psicológicas, é intrinsicamente associada à genitália fálica do homem e às suas conexões metafóricas como a violência, a agressividade, a penetração, a objetividade e a linearidade. O que esse autor traz nessa afirmação é o que a sociedade tem como primeira imagem sobre o homem e o ser homem. Nesse nível de pensamento ocorre a exclusão da subjetividade masculina e tudo o que o diferencia dessa imagem é considerado o outro, que é feminino (Aubin, 1994, p. 239). Aubin (1994, p. 240) adiciona que, por conta desse pensamento fálico associado à masculinidade, ocorre o ocultamento e fechamento da complexidade e da contradição inerente em qualquer representação de masculinidade no patriarcado.

O patriarcado desenvolve uma forte influência em diversos âmbitos sociais e, pensando especificamente nas masculinidades, ele irá ofuscar, ou até mesmo marginalizar, as demais masculinidades que fogem do que ele considera ideal. Fazendo isso, o patriarcado se torna uma das ferramentas utilizadas na manutenção do *status* social do homem branco no poder e isso ocorre desde o período da colonização. Aubin (1994 p. 240) reitera que o patriarcado pega para si a versão fantasiada do corpo masculino, a sua base metafórica, a metáfora de sua criação e seu princípio estrutural e resume/restringe a existência humana por meio da corporeidade do homem e a experiência do homem com a natureza do seu corpo como masculino, negando e rejeitando todas outras existências que podem ser relacionadas ao masculino. A ideia do patriarcado é de realizar a separação, criar dois lados opostos, criar uma polarização e sempre evidenciar a diferença entre as pessoas, criando um distanciamento e uma separação entre as diversas partes de uma comunidade.

A masculinidade é um “devir”, um “se tornar”, é um processo oposto ao que é tido como ser ou o estado feminino (Aubin, 1994, p. 241). Tendo ideia o “progresso” do patriarcado, a masculinidade seria algo a ser alcançado e experienciado como um triunfo sobre a natureza e esse progresso seguiria uma ordem linear e direcionado a objetivos definidos (Aubin, 1994, p. 241). Evitar um processo que poderia ser não linear e que explorasse outras possibilidades é o que evita que diferentes masculinidades sejam valorizadas e até mesmo de serem vistas como uma

possibilidade e alternativa ao que se tem como padrão, o falso imaginário. Como Aubin (1994, p. 241) afirma, poder e competição são palavras de comando neste sistema. Como não é um benefício para o patriarcado o poder comunitário, ele cria batalhas e competições entre os povos para dar a ideia de que o sucesso e os objetivos devem ser alcançados sozinhos, em detrimento dos demais.

A formação da masculinidade, a formação do eu e o senso de si mesmo como homem se dá, em muitos casos, por meio da concepção da imagem corporal como masculina (Aubin, 1994, p. 241). É importante ressaltar que a imagem do corpo masculino cisgênero é hegemonicamente tido como referência na sociedade, excluindo uma outra diversidade de corpos masculinos. Logo, pode-se adicionar o que Aubin estabelece sobre a masculinidade expressada no patriarcado: ela é derivada “de uma abordagem muito seletiva e de parcial concepção e experiência do corpo masculino”. Ou seja, a masculinidade dentro dos moldes do patriarcado não dá abertura para que o homem possa desenvolver e experienciar de forma ampla e diversa o que poderia agregar na construção de sua masculinidade.

A experiência do corpo masculino fica atrelada à força, virilidade, repreensão emocional, focada e direta a objetivos e sem autoexploração, ou seja, esse sistema reprime a expansão para além dos padrões e reduz a subjetividade masculina a algo limitado e definido. Sendo assim, Aubin (1994, p. 241) ressalta que masculinidade não deve ser confundida com a masculinidade dentro do patriarcado, e que a experiência do corpo masculino não deve ser reduzida ou confundida com o relato consciente do patriarcado sobre a experiência do corpo masculino. Apesar de a possibilidade dessa masculinidade ser parcialmente correta, ela é uma masculinidade que no mínimo é incompleta pelo fato de todas as limitações que esse sistema traz consigo (Aubin, 199, p. 241).

De acordo com Aubin (1994, p. 242), a biologia e os processos biológicos trabalham conjuntamente para o desenvolvimento da masculinidade. O autor reforça que os processos psicológicos ao longo do desenvolvimento do homem possuem maior importância, acentuando que o processo da masculinidade ocorre em maior parte a partir das experiências do indivíduo, e que é mais sobre um processo de “se tornar” do que algo já determinado desde o nascimento. Logo, Aubin (1994, p. 242) informa que o homem conscientemente internaliza e teoriza a masculinidade filtrada, por um lado, por meio das experiências do corpo tido como masculino e, por outro

lado, por meio da "representação evolutiva da psique de aspectos de si mesma como masculino" (*apud* Haddon, 1988, p. 9). Nesse ponto, as ideias de Aubin fortalecem a prerrogativa de que a masculinidade é construída socialmente a partir das experiências do homem e que se baseiam em um determinado modelo de masculinidade na sociedade.

Apesar do referencial e influência do feminino que a criança recebe desde o nascimento, a masculinidade acaba se tornando um processo a partir do qual o menino tem que se desvencilhar desse feminino, no qual se tornar masculino é rejeitar e desviar da feminilidade provinda da mãe (Aubin, 1994, p. 244). Pelo fato de a natureza ser vista como uma entidade feminina, o processo de construção da masculinidade retira o homem de sua associação com a natureza, ele se torna algo oposto, diferente e não natural (Aubin, 1994, p. 244). Essa desassociação da natureza e dos outros seres é um dos resultados dos processos de colonização. Santos diz em seu livro *A terra dá, a terra quer* (2023), que "a terra não nos pertencia, nós é que pertencíamos à terra" (p. 1). A colonização como um processo de etnocídio e de subjugação de uma cultura pela outra, fez com que houvesse essa separação do homem da natureza, trazendo assim, através do patriarcado, a competição entre os indivíduos e colaborando para que os homens se vejam como diferente dos demais.

Apesar de as masculinidades serem distintas e diversas, existe uma masculinidade que se torna o padrão para as demais, ainda que nem todas a sigam, as demais masculinidades acabam por sofrer influências em alguns aspectos, seja diretamente ou passivamente. Logo, acaba se tornando um desafio para as masculinidades se expressarem de forma autêntica por conta dessa masculinidade padrão possuir valores que muitas vezes geram comportamentos tóxicos, tanto para o próprio homem quanto para os demais que o cercam. É importante ressaltar que a pluralidade das masculinidades será influenciada por diversos fatores, a exemplo os diferentes contextos sociais e culturais, além das próprias experiências individuais de cada indivíduo e como ele se enxerga como homem.

Outro fator que influencia a construção das masculinidades são os períodos históricos (Connell, 2001, p. 48). Cada período histórico vai determinar e influenciar os valores masculinos de sua época, porém, mesmo as masculinidades sendo algo hereditário, elas sofrerão mudanças por conta das demandas de uma nova geração. Ou seja, as masculinidades estão sempre em constante metamorfose e tomando

novas formas a cada nova geração e contexto histórico-social, o que inclui a masculinidade padrão do patriarcado que, apesar de tudo, tende a ser mais conservadora em seus valores.

As diferentes masculinidades não são como “pratos lado a lado em um buffet”, existem as relações definidas entre elas (Connell, 2001, p. 49). As masculinidades não estão separadas umas das outras, elas sofrem interações e influências. Em algumas sociedades, certos tipos de masculinidades podem ser marginalizadas socialmente, como as masculinidades de homens LGBTQIAPN+ e negros. Outras formas de masculinidades podem ser consideradas honoráveis, dependendo de sua comunidade, mas normalmente as masculinidades que reforçam padrões estéticos e de virilidade, como heróis e esportistas, são amplamente valorizadas pela sociedade patriarcal como o ideal masculino.

Essa masculinidade que é definida como dominante, a padrão, é definida por Connell (2001, p. 49) sendo uma masculinidade hegemônica. Essa hegemonia de uma masculinidade perante as outras se deve ao fato de que ela exerce um *status* de poder em relação. Ela se estabelece em uma posição cultural de autoridade e liderança, enquanto as demais formas de masculinidades ficam às margens. É importante ressaltar que essa masculinidade é considerada hegemônica pelo fato de ser uma das masculinidades mais comuns, sendo facilmente encontrada em diversos âmbitos do social de homens. Além disso, Connell (2001, p. 49) adiciona que essa masculinidade é altamente visível por ela desempenhar o que é tido pelo “papel do homem, ou, “as funções e comportamentos de homem”. Ao pensar nessa masculinidade hegemônica, deve-se ter em mente que ela reforça uma imagem de um homem branco, hétero, cisgênero e que exerce seu poder na sociedade sobre as demais etnias e gêneros.

Para mais, esse homem performará comportamentos e valores que são tidos como masculinos, como a repressão de sentimentos, a virilidade, a força, padrão de beleza (corpo musculoso), competitividade, sucesso profissional, liderança, agressividade e força. Logo, tudo que desvia desses valores e imagem do homem hegemônico acaba sendo marginalizado e coloca sua masculinidade em jogo. Homens que não são esse ser hegemônico nunca poderão alcançar em toda sua integridade o poder social que a masculinidade hegemônica estipula, eles podem tirar proveito em certas instâncias por serem homens, mas nunca alcançarão uma

totalidade. Na sociedade patriarcal existe a ideia de que a masculinidade está em jogo a todo momento e, para isso, é criado na psique social masculina uma exigência de aprovação, uma necessidade constante em provar a todo momento o quão homens são.

No romance de Tenório (2020) existe um personagem que personifica a masculinidade hegemônica. Bruno Fragoso, dono de um escritório de advocacia no Rio de Janeiro, recebe o jovem Henrique para uma entrevista de emprego. É com Bruno Fragoso que Henrique sofre o seu primeiro caso de racismo descarado e escancarado:

Bruno não se intimidou e repetiu a frase *não gosto de negros*. [...] Depois, Bruno se ajeitou melhor na cadeira e justificou: *não gosto porque, quando eu tinha um sítio em Garibaldi, um casal de negros, que trabalhavam para mim como caseiros, me roubou. Levaram tudo que eu tinha em casa. Desde então não confio mais em negros*. Até aquele momento você nunca havia sofrido racismo, assim, tão descaradamente, não que você lembre. (Tenório, 2020, p. 20)

Connell (2001, p. 49) ressalta a importância que essa hegemonia exerce em uma disputa de poderes não só entre as diversas masculinidades, mas também em seu poder patriarcal sobre os demais gêneros. A masculinidade, ou o indivíduo homem, vai possuir privilégios na sociedade que irão marginalizar e diminuir as demais pessoas. Mesmo esse homem sendo uma pessoa não branca e/ou parte da comunidade LGBTQIAPN+, ele possuirá uma certa valorização e poder em detrimento dos outros gêneros, mas esse poder não será de uma totalidade como o poder que o homem branco, hétero e cisgênero possuirá. As masculinidades que se diferenciam da hegemônica nunca alcançarão o mesmo *status* de poder e privilégio na sociedade da mesma forma que a masculinidade hegemônica consegue. A sociedade está acostumada a priorizar o homem, principalmente os que não fogem muito dos parâmetros da masculinidade hegemônica. O personagem Bruno Fragoso exibe essa luta e disputa de poderes para reforçar o seu *status* social aos que estão em seu entorno, sendo a própria personificação do patriarcal e heterossexual:

Bruno Fragoso dirigia o escritório com a irmã. Depois que você foi admitido, você percebeu que quem mandava mesmo no escritório era o Bruno. [...] Bruno Fragoso era branco, rico, gostava de mulheres bonitas e carros importados, todo tipo de clichê possível para um homem branco rico. (Tenório, 2020, p. 22)

De acordo com Connell (2001, p. 50), os padrões correlacionados ao “masculino” e ao “feminino” são definidos a partir das visões de cada determinada sociedade. Cada povo determinará o que é tido como masculino e feminino para seus indivíduos, e é a partir disso que poderão surgir definições para homens e mulheres serem femininos ou não através de ato que seriam comparados aos padrões criados pela sociedade. Além disso, Connell (2001, p. 50) adiciona que as masculinidades são definidas coletivamente, seja em contextos formais ou informais, por exemplo, no local de trabalho, na escola, no grupo de amizades, na família e em diversos espaços e grupos sociais que irão demandar um certo comportamento “masculino” do homem. Logo, as masculinidades podem ser tanto herdadas quanto construídas individualmente e coletivamente. O ser humano, sendo um ser social e um animal que necessita viver em comunidade, será sempre influenciado pelos seus arredores. O coletivo possui um grande papel na construção da identidade masculina.

Sendo assim, é interessante observar como a comunidade LGBTQIAPN+ rompe com muitos desses padrões sociais de gênero e como essas pessoas se tornam um desafio para quem segue padrões hegemônicos por não performarem os papéis de gênero esperados, uma vez que para as pessoas LGBT’s a liberdade de expressão e de ser não está associada aos padrões impostos pela sociedade, e sim pelos seus verdadeiros ‘eu’. A partir dessa perspectiva à comunidade *queer*, é possível constatar como que os papéis de gênero estão muito aprofundados e fixados na psique da sociedade, além de revelar a dificuldade que se tem de admitir que possa existir uma gama de possibilidades de expressar as masculinidades. A aceitação de outras masculinidades é algo que se torna um embate e um desafio para muitos, mas se houvesse mais abertura para tal, muitos dos desafios das masculinidades seriam mais simples de serem trabalhados e, conseqüentemente, solucionados.

Essa masculinidade hegemônica, que pode ser lida como uma masculinidade branca, dispõe do mesmo dispositivo que Cida Bento (2022, p. 18) declara em seu livro o pacto narcísico da branquitude, que nada mais é do que o pacto de cumplicidade não verbal da branquitude em manter seus privilégios. Por ser narcísico, esse pacto tem como objetivo a autopreservação, “como se o ‘diferente’ ameaçasse o ‘normal’, o ‘universal’” (Bento, 2022, p. 18). A masculinidade branca sendo hegemônica, se entende como algo universal, ou seja, ela sendo o comum e a única possível. Esse pacto é um dos fatores para o que foi mencionado anteriormente, de

que as masculinidades diferentes à hegemônica nunca alcançariam seu mesmo *status* de privilégio e poder na sociedade. Os homens brancos nunca renunciariam a sua posição para um homem negro, pois como Henrique Restier (2019, p. 25) estabelece, o homem negro faz parte de um grupo sociorracial que “rivaliza com os homens brancos pela conquista de oportunidades de poder social, recursos e acesso às mulheres” (isso ocorre através de uma perspectiva heterossexual, pois fala-se de uma masculinidade idealizada, logo homens homossexuais não entram nesse embate). Bento (2022, p. 18) ainda adiciona que os sentimentos de ameaça e medo fazem parte do preconceito. Esse preconceito dos homens brancos perante os negros e o pacto silencioso, faz parte das ferramentas utilizadas pelos brancos para que os homens negros acreditem que possuem as mesmas oportunidades e privilégios, para assim os manterem sob controle por meio de uma ilusão. Essa ilusão faz com que muitos homens negros se sintam acolhidos e vistos por seus colegas brancos, mas na verdade essa ferramenta cria uma falsa sensação de pertencimento, que a qualquer momento o fator raça lembrará o homem negro da sua verdadeira condição na masculinidade branca: a de servitude.

Essa questão do pacto é mais elaborada, pois ela não irá se restringir somente ao grupo dos homens brancos, mas às pessoas brancas em geral para manter o homem negro em seu “devido lugar” perante a eles. No romance *O Avesso da Pele* (2020), quando Pedro Relata um namoro antigo de seu pai com uma mulher branca, Juliana, existe a evidenciação desse pacto racista na família da mulher. Os parentes da namorada de Henrique, principalmente os tios, ou seja, os homens, cometem atos racistas ao fazer piadas sobre negros para Henrique por achar que, por ele estar se adentrando na família, eles possuíam a liberdade de serem racistas abertamente. De início, Henrique “ria, porque queria continuar agradando e mostrar que era superior a tudo aquilo, mas, aos poucos, você ia sentindo que não queria mais ouvir certas coisas” (Tenório, 2020, p. 31). Essas piadas serviam para colocar Henrique numa posição de inferioridade em relação aos demais da família, era uma forma de marcá-lo como o “diferente” e o restante como “normal”. Além disso, esses atos e segregação servem para retirar toda a humanidade e, conseqüentemente, a imagem de Henrique como homem, restringindo-o para ser visto somente como o negro; mas o negro sem sua masculinidade e humanização, o negro encarado para servir de entretenimento para os brancos como “compensação” e “privilégio” por entrar para uma família branca

que se mostra “aberta” e “receptiva” a recebê-lo no “seio familiar”. O pacto se mostra nesse aspecto mais aberto na família, em que não só os que faziam as piadas eram responsáveis, mas os que ficavam em silêncio, como a namorada Juliana, que se mostravam condizentes às piadas racistas. Quando Henrique decide deixar de ir aos almoços da família da namorada por conta do racismo, ele obtém a seguinte reação da namorada: “Juliana não disse nada. Preferiu ficar quieta, porque não queria brigar. Ela estava magoada com o que você tinha dito dos tios. *Eles não são racistas, só não estudaram o que você estudou.*” (Tenório, 2020, p. 35)

O silêncio, o falso sentimentalismo e a negação de que os tios não eram racistas revelam esse caráter silencioso do pacto entre os brancos na família de Juliana. Por ser branca, mesmo sendo mulher, a raça é algo que sempre marcará primeiro nas relações sociais. Neste caso, Juliana, uma mulher branca, participa do pacto que marca seu namorado como diferente, inclusive nos “apelidos” em que eles se tratavam, como “minha branquinha” e “meu nego”. Até certo ponto Henrique não compreendia abertamente essa constante evidenciação de sua cor na relação, mas a partir de um momento de conscientização ele entende como isso era problemático na relação entre os dois. Juliana, ao ser confrontada por sua resposta, joga a culpa de toda situação em Henrique e seu “egoísmo”: “*Bem que me falaram que você só pensa em si mesmo. Você é que é um egoísta aqui. Você acha que só você é quem sofre com isso? Você acha que não me magoa quando as pessoas perguntam por que estou contigo?*” (Tenório, 2020, p. 36)

Esse egoísmo projetado em Henrique, na realidade, é um reflexo do egoísmo branco perante as pessoas negras e sua própria dificuldade em reconhecer que está sendo racista. Henrique se torna um espelho que traz o reflexo da própria branquitude quando precisam confrontar seus próprios conflitos internos sobre a compreensão e assunção de que são racistas. Tratar Henrique como egoísta é reduzi-lo e presumi-lo como um ignorante, é desafiar a inteligência dele o colocando num patamar de infantilidade. Para os brancos, colocar a culpa no homem negro é um recurso de tentar criar o sentimento de culpa no indivíduo, ou seja, se livrar da própria culpa e a colocá-la no oprimido. Assumir seus atos racistas se torna um grande desafio por ser um embate contra seus espelhos de Narciso, nos quais assumir que é ou que foi racista quebra com a sua imagem de ser superior e endeusado que nunca comete erro ou de

que nunca seria capaz de violentar alguém, ao menos abertamente. Juliana ao fazer tais afirmações coloca Henrique em uma posição de inferioridade, uma posição que retira a humanidade do personagem e o rebaixa ao nível de ser não pensante. É um grande desafio para os brancos se assumirem racistas e se posicionarem durante momentos racistas, como os da família de Juliana. Logo, quando Henrique se posiciona em relação à namorada e à sua família, ele se mostra digno de respeito, demonstrando uma consciência racial e que aquele espaço não é digno de sua presença. Henrique se mostra como um homem como qualquer outro, uma pessoa com identidade e sentimentos, e é o que Pedro diz sobre o que seu pai queria dizer em relação à família de Juliana: “[...] não queria mais ouvir aquele bando de racistas te chamando de negão toda hora, e que você tinha um nome e talvez eles nem soubessem que seu nome era Henrique” (Tenório, 2020, p. 35). Henrique queria que os parentes o vissem simplesmente como um ser humano, como alguém real e que merecia respeito, ou seja, ele queria a sua humanização naquele meio. Como já dizia Fanon (2008, p. 26), “[...] o homem negro não é um homem” e é assim que ele é (não) visto pela branquitude.

1.2 – Das masculinidades negras

Custódio (2019, p. 133) afirma que a condição do homem negro dentro dessa masculinidade hegemônica patriarcal o verte para uma situação de não realização que o condiciona a uma situação de dor e sofrimento e, como consequência, essa dor se deriva em códigos performativos fora de si, o que ele gostaria de ser e sem mimetização. Além disso, Custódio (2019, p. 133) adiciona afirmando que dentro dessa masculinidade hegemônica a identidade do homem negro se dilui e que consequentemente o leva ao caminho reverso de ser e ser percebido como homem. Logo, a desumanização deste homem se torna uma ferramenta para que a masculinidade hegemônica mantenha sua posição de privilégios e poder dentre as demais masculinidades. Ao desumanizar o sujeito negro, se retira toda sua individualidade e *status* de ser humano e o reduz à condição de coisa ou de animal. A desumanização, ou animalização, do homem negro é uma herança e maldição dos períodos coloniais, em que seus corpos, tratados como objetos e mercadorias, tinham seu esvaziamento identitário com objetivo de justificar a escravização. Entretanto, a

prática de desumanização se encontra em funcionamento até os dias atuais, sendo um dispositivo amplamente utilizado e que está inserido nas estruturas e funcionamentos sociais com o propósito de manter essa população oprimida e marginalizada. A diluição da identidade do homem negro mencionado por Custódio (2019) ocorre em virtude do fato de ele tentar se encaixar nos moldes da masculinidade hegemônica, apesar de ser um molde que não cabe o indivíduo negro. Ao tentar se encaixar, ou se assimilar, o homem negro vai perdendo sua própria identidade e acaba reprimindo o seu verdadeiro eu para tentar satisfazer padrões alheios.

O homem branco, ao se colocar na posição de referência do universal, faz com que o negro habite uma zona de não ser, como foi dito por Fanon (2008, p. 26): “uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer”. Esse lugar de não pertencimento é um lugar de questionamentos, onde o sujeito viverá uma intensa discussão sobre o seu verdadeiro eu. Ele se vê e se entende como um indivíduo homem, mas existe uma dificuldade em digerir que sua visão de si não é a mesma que os outros possuem sobre ele e, conseqüentemente, muitos indivíduos tentarão mimetizar os padrões tidos como masculinos para se reafirmarem e serem vistos como verdadeiros homens na sociedade. Mas como Fanon (2008, p. 27) afirma, o negro é um negro, pois lhe condicionaram historicamente a essa condição subalterna. Não importa os esforços que o homem negro faça, essa condição não humana imposta sobre si sempre será reforçado e está profundamente enraizada na sociedade por conta de processos históricos como a colonização. Ao falar da zona do não ser, ou a zona do colonizado, Fanon reitera que existe uma zona do colonizador e que ela trabalha com a ideia da dualidade, o bom e o ruim, e que as duas zonas são opostas enquanto uma, a do colonizado, sobrevive em detrimento da outra:

A zona habitada pelos colonizados não é complementar da zona habitada pelos colonos. Essas duas zonas opõem-se, mas não ao serviço de uma unidade superior. Regidas por uma lógica puramente aristotélica, obedecem ao princípio de exclusão recíproca: não há conciliação possível, um dos termos está a mais. [...] A cidade do colonizado, a cidade indígena, a cidade negra, o bairro árabe, é um lugar de má fama, povoado por homens também de má fama. (Fanon, 1965, p.30)

É curioso e irônico como a zona do não lugar é um espaço existente e não existente também. É algo que vai além do campo semântico da palavra e acessa outros campos

da materialidade e do não material. Ao mesmo tempo que essa zona mostra o lugar desse indivíduo se encontra nas estruturas sociais, ela marca um não lugar deles nessas estruturas. Tenório (2020), por meio dos personagens Henrique e Pedro, subverte essa questão da desumanização e do não lugar do homem negro. A partir de seu romance, o autor realiza um aprofundamento das vivências das masculinidades negras trazendo suas complexidades com muita sensibilidade e, assim, humaniza os homens negros, transmitindo uma visão que não é amplamente vista e debatida acerca de suas experiências e que contraria as visões racistas e estereotipadas comumente e amplamente difundidas sobre as masculinidades negras.

No artigo de Alan Ribeiro e Deivison Faustino (2017, p. 165) intitulado “Negro Tema, Negro Vida, Negro Drama: Estudos sobre Masculinidades Negras na Diáspora” os autores citam uma entrevista realizada com o pensador Willian Eduard Burghardt Du Bois, em que lhe foi feita a pergunta “como é a sensação de ser um problema?”. Ribeiro e Faustino (2017, p. 165) revelam que a resposta de Du Bois foi que o pensador acredita que o verdadeiro problema não se retém somente na premissa da visão do negro como problema, uma vez que tal visão é um olhar da branquitude sobre o indivíduo, mas é a partir do “o conjunto de relações de poder e subjetivação que aprisionam também o olhar do negro sobre si”. Logo, quando o homem negro se vê como um problema, ele desenvolve uma consciência duplicada de si que, ao mesmo tempo, aceita o olhar distorcido de quem o despreza e o olhar individual de si mesmo.

Ao colocar o negro como problema e insistir nessa visão errônea do sujeito, faz com que esse homem se sujeite a situações em que tenta compensar ou se encaixar em um parâmetro como forma de compensação por se ver como um problema. Nesta visão, muitos homens negros poderão perpetuar comportamentos e performar os códigos ditos da masculinidade hegemônica. Ao mesmo tempo, sua consciência de que não é um problema fica reprimida por conta da sua visão externa. É comum nas masculinidades a repressão de sentimentos e de uma expressão única do indivíduo, e esse peso recai sobre o homem negro de uma forma mais potente por conta dele precisar mais do que os demais em ser visto como sujeito homem. Como Du Bois afirmou, essas relações de poder aprisionam o indivíduo e auxiliam na manutenção da condição do negro como um objeto, esvaziando toda sua humanidade para que a manutenção dos poderes na sociedade patriarcal seja mantida pelos brancos,

somente criando uma sensação de pertencimento aos homens negros. No livro *Homem Invisível*, do autor afro-estadunidense Ralph Ellison, é possível identificar a visão do homem negro para sociedade, além da sua percepção dessa visão:

Sou um homem invisível. Não, como um fantasma que assombrava Edgar Allan Poe, nem um desses ectoplasmas de filme de Hollywood. Sou um homem de substância, de carne e osso, fibras e líquidos - talvez se possa até dizer que possuo uma mente. Sou invisível, compreendam, simplesmente porque as pessoas se recusam a me ver. Tal como essas cabeças sem corpo que às vezes são exibidas nos mafuás de circo, estou por assim dizer, cercado de espelhos de vidro duro e deformante. Quem se aproxima de mim vê apenas o que me cerca, assim mesmo, ou os inventos de sua própria imaginação - na verdade, tudo e qualquer coisa, menos eu. (Ellison, 2020, p. 28)

O que Ellison traz nesse trecho inicial de sua obra é a questão de como o homem negro é (não) visto pela sociedade. Ao jogar com o conceito da invisibilidade, o autor traz à tona tudo que condiz a respeito da situação e posição do negro na construção social. O que se sobressai diante da sociedade são os preconceitos e estereótipos que são atribuídos a esse corpo, ou seja, a redução da condição humana e do *status* de homem para apenas o de negro, invisibilizando toda identidade e a humanidade que vai além da cor de pele. Além disso, a obra de Ellison revela a condição do homem negro na diáspora, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, e que isso faz parte da construção social de seus respectivos contextos: a desumanização do indivíduo negro decorrente dos processos colonizatórios e da escravização como ferramenta de opressão e marginalização à benefício de uma branquitude até os dias atuais.

Um outro motivo que leva ao processo de desumanização, ou animalização do homem negro, é como as masculinidades negras são uma constante ameaça às masculinidades brancas. Processos reducionistas como tal começaram a ser elaboradas no período histórico da colonização. De acordo com Vandelir Camilo e Paulo Melgaço da Silva Junior (2022, p. 235), abordar as masculinidades negras por meio de uma perspectiva histórica é uma gama de complexidades que vai de estereótipos, ressignificações, auto-ódio, violências, sofrimentos e como esses homens negros lidam com o racismo. É impossível abordar sobre as masculinidades negras sem abordar seus diversos atravessamentos em outros campos e/ou conceitos. Sendo assim, Camilo e Junior (2022, p. 236) adicionam ao debate que as masculinidades negras se encontram sempre em uma relação a uma masculinidade branca que busca constantemente apagar simbolicamente o que é tido como seu oposto. Uma das ferramentas para apagar as masculinidades negras são o

esvaziamento desse indivíduo como homem, que é reduzido à estereótipos para que ressalte a imagem poderosa das masculinidades brancas na sociedade, por ser uma imagem padrão propagada desde à escravização.

A colonização dominou o sistema-mundo, e para manter esse poder ela racializou, ou seja, realizou a criação dos sujeitos raciais. De acordo com Guilherme Dutra (2022, p. 112), a criação dos sujeitos raciais, por meio dos processos colonizatórios, consiste “na coisificação do ser, do enclausuramento deste na zona do não-ser”. Ou seja, como resultado dessa criação, houve a desfragmentação ou decomposição da humanidade do homem negro, o tornando refém da racialização que hierarquizava a nova formação de poder mundial e que segue nos moldes atuais do constructo social (Dutra, 2022, p. 112). Dutra ainda informa que toda a “sociabilidade tida a partir das relações produtivas escravistas, do tráfico de transplantados e da ligação das economias coloniais com a centralidade do nascente capitalismo é paramentada pela racialização”.

Por consequência, esses processos de sociabilidade contribuíram de forma abrangente para a marginalização desses indivíduos e, a partir da criação desses sujeitos raciais, a racialização começa a ditar a organização social, não somente do período colonial, mas também pós 1888. Pensando o pós-abolição, a forma como os recém-libertos continuavam ainda em trabalhos de servitude, sem o mínimo de reparação social do governo, é um exemplo de como que o ato de libertação foi algo mais simbólico do que realmente efetivo, uma vez que a condição desses sujeitos raciais e sua organização social ainda eram em classes e espaços marginalizados no ambiente urbano. Para fazer uma síntese desse processo, Dutra (2022, p. 113) cita Stuart Hall:

A raça é assim, também, o modo como a classe é “vivida”, o meio através do qual as relações de classe são experimentadas, a forma na qual ela é apropriada e combatida. Isso tem consequências para todas as classes e não apenas para aqueles segmentos “racialmente definidos”. (Hall apud Dutra, 2022, p. 113)

Esse processo da criação dos sujeitos raciais é algo que vai colaborar para que o racismo se torne um fator estrutural na construção social do país, formando assim uma sociedade em que o racismo estrutural seja um princípio alicerçador de como as classes irão exercer suas relações de poder e subjugo. Sendo assim, Dutra (2022, p.113) adiciona que essa criação dos sujeitos configura a base “para o caráter

autoexplicativo da ideologia racial”, no qual possui o racismo como ferramenta de poder que “baliza, estrutura e organiza a vida e a produção em sociedades historicamente racistas”. Portanto, o negro será uma condição criada historicamente e socialmente (Dutra, 2022, p. 113). Como consequência, além do esvaziamento da subjetividade do negro, houve a imposição de características e estereótipos sobre esses indivíduos para a construção de uma imagem negativa do negro como sendo o ladrão, o malandro, o agressivo, o violento, o estuprador, além da sexualização excessiva de seu corpo, a imposição da servitude, a desvalorização de sua intelectualidade e a ideia de que “serve” somente para trabalhos braçais.

Em decorrência à desumanização do negro, houve a criação do imaginário de que esse corpo pode ser acessado e violado a todo momento, sem consentimento. Ao reduzir e até eliminar a sua condição humana, esses corpos passaram por um processo de objetificação que concede o livre acesso a esse corpo, independentemente de qual motivo seja. Essa coisificação do corpo negro é um resultado também da posição de servitude que impuseram a esse indivíduo por conta da escravização. Um servo que tem seu corpo utilizado tanto ao nível simbólico, quanto ao do físico. Os corpos negros são como peças de uma instalação interativa, no qual não existe limites para uma invasão, é como se o toque sem consentimento fosse lei, não exceção. Seus cabelos, peles e traços físicos sempre são alvos do toque físico, mas também existe o toque ao nível da palavra, no qual expor “comentários” sobre a aparência do negro de forma depreciativa ou de forma sexualizada. A abertura e a liberdade que a branquitude sente para tocar e objetificar o negro transcende do físico para o verbal, ato que expõe seus pensamentos racistas sobre o corpo negro alheio e segue a mesma perspectiva da invasão realizada pelo toque, porém de forma subjetiva.

O corpo negro é um corpo adereço (Martins, 2021, p. 69), é um corpo em que o ancestral toma forma, assumir seus cabelos, suas características e sua beleza, utilizar tranças, turbantes e vestimentas típicas são formas de o negro recuperar a sua propriedade de seu próprio corpo que, há muito tempo, sofreu e sofre tentativas de apagamento. Portanto, essa retomada de si significa ir contra uma sociedade que possui ideais hegemônicos que desempenha esforços contínuos para conter e regular seus corpos negros por meio de um conceito de beleza branco e europeu.

A partir do processo de criação dos sujeitos raciais e como decorrência a sua coisificação, o homem negro se torna um instrumento de uso e abuso dentro da anteriormente mencionada masculinidade hegemônica. Por ser uma variante das masculinidades e tida como hegemônica, essa masculinidade terá como base o homem branco, por causa do imaginário e idealismo colonizador europeu que coloca o indivíduo branco como o universal. Além de sua branquitude, esse homem será um sujeito cuja orientação sexual, será provavelmente e forçadamente heterossexual, além de cisgênero, no qual práticas sociais se suportam no reforço de práticas e ideias patriarcais, sexistas, racistas, homofóbicas e transfóbicas, cujo fim é estabelecer uma posição de poder dentro de uma determinada sociedade e se posicionando em um local de superioridade em detrimento dos outros indivíduos. Consequentemente, o homem negro entra nessa história como uma ferramenta para que esse homem branco, que performa a masculinidade hegemônica, realize a manutenção de seus poderes.

Entretanto, o negro desafia essa masculinidade branca por ser uma masculinidade que gerará competição entre os homens, uma vez que para o homem branco o poder deve ser exclusivamente e único para si mesmo. A masculinidade hegemônica é pautada no formato e na configuração social patriarcal e capitalista que tende a propiciar e incentivar a competição entre cidadãos, uma disputa de poderes, assim como pode-se observar nas lutas das classes, em que para uma ser próspera e manter seus privilégios, outra classe considerada inferior terá que sucumbir à exploração. Sendo assim, o homem negro, dentro dessa masculinidade branca hegemônica se torna um peão para que a branquitude masculina jogue seu mesmo velho e contínuo jogo colonial de utilizar o corpo negro a seu bel prazer; a servitude aqui é a mesma de séculos atrás, porém de forma repaginada e velada.

Não obstante, como vivemos em uma sociedade sexista, seria possível o homem negro se beneficiar de sua posição como homem na sociedade? Essa linha de pensamento é maliciosa e perigosa, pois se trata de uma fantasia, um poder ilusório presumir que o negro possui um *status* de poder por ser homem. Na realidade, esse homem negro pode experienciar momentos em que sua masculinidade será validada e se beneficiar de certos privilégios de forma limitada e não abrangente, pelo fato de que nunca alcançará todos os privilégios que o branco possui. O que a masculinidade hegemônica realiza é algo similar ao mito da democracia racial, de que todos são

iguais, que não existem barreiras raciais na sociedade e negam a existência do racismo ou de racistas. Ao trazer essa abordagem que falsamente nivela os homens negros aos homens brancos, a masculinidade hegemônica cria essa sensação de poder na mente dos negros e nos demais da sociedade. Entretanto, quando for necessário, o fator raça será o primeiro utilizado para desnivelar o negro e pôr em xeque a sua masculinidade.

Restier (2019, p. 25) pontua em seu artigo, “O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço”, que apesar do baixo *status* social do homem negro, este grupo de homens rivaliza também com o grupo dos homens brancos pela busca do poder social, de recurso e de acesso às mulheres (pensando pela perspectiva heterossexual, pois a masculinidade hegemônica automaticamente negligencia as masculinidades de outras sexualidades). É a partir então desse duelo viril que os estereótipos racistas do homem negro serão utilizados como ferramenta para a manutenção dos poderes. Nesse momento surgem falsos apontamentos de que o homem negro é um selvagem, um predador sexual, aquele ser bruto e degenerado incapaz de assumir responsabilidades e afetividades, além de ser considerado um indivíduo nada promissor.

Sendo assim, se torna um esforço gigantesco e incessante lutar contra um imaginário social do negro que está imbricado na sociedade brasileira desde o início da colonização e que, por muito tempo, foi defendida pela ciência eugenista europeia. À vista disso, para muitos homens negros, essa é uma luta interna e silenciosa, em que a ideia de masculinidade ideal banaliza conversas que abrem portas para a discussão de seus sentimentos e a possibilidade de demonstração de sua vulnerabilidade. Essa luta silenciosa afeta diversos âmbitos da vida desses homens, principalmente o campo das relações afetivas que são construídas ao longo de seu viver. O homem que não consegue lidar ou não compreende o que passa, acaba transbordando suas dores e ansiedades nos demais que o cercam, porém isso ocorre de forma involuntária. O acesso ao atendimento da saúde mental seria um grande auxílio no enfrentamento dessas dores, porém nesse setor da saúde pública ainda é difícil o acesso e se encontra em um estado precário. A população negra que já sofre negligência em atendimentos médicos, e enfrenta dificuldades maiores em acessar serviços de saúde mental. Uma outra camada nessa situação é a desvalorização da importância do atendimento psicoterapêutico, principalmente por homens, que

acreditam que quem necessita desse tipo de atendimento é tido como “louco”, além da barreira masculina em relação à exposição de seus sentimentos para uma outra pessoa além de si.

Em *O Averso da Pele* (2020), Tenório apresenta uma importante arma contra os artifícios da masculinidade hegemônica: o letramento e a consciência racial. O letramento e a consciência racial que Henrique vive na faculdade, por meio da figura do professor Oliveira, muda sua perspectiva e formas de pensar que, até certo ponto, acreditava que sua vivência como homem negro era somente aquilo que tinha vivido e que devia se contentar com todas as violências que sofreu ao longo de sua vida. O poder desse letramento foi potente a ponto de Henrique escolher uma nova realidade para si e não se sujeitar ou se acomodar onde claramente ele não cabia. Henrique passa a se enxergar como um ser merecedor e digno de um bem-viver como tantos outros homens. Porém, apesar de o letramento racial ser um ótimo aliado, ao mesmo tempo ele não te ensina a lidar com tudo que sofre com uma devida nitidez. O letramento ajuda na evidenciação das violências que o indivíduo sofre ao longo de sua vida; ele se torna capaz de identificar ataques que antes o afetavam de outra forma, mas agora, com a consciência racial, abre caminhos para uma nova existência e forma de combate às falsas ideologias raciais que recaem sobre esse homem negro.

As questões que cercam as masculinidades negras são extensas e é impossível abordar os seus atravessamentos de forma a cobrir toda a amplitude que o assunto traz à tona. Porém, é impossível negar que as masculinidades negras lidam com a violência de base racista que é antiga, desde o início do processo colonizatório europeu, antes mesmo da travessia do Atlântico. Apesar de toda grandeza de discussões acerca do tema, ainda se torna necessária a ampliação e a divulgação da realidade negra masculina contemporânea, seus desafios, seus embates, suas consequências e suas origens, só para assim criar e aprimorar ferramentas e ideias que possam guiar as masculinidades negras para um caminho em que a existência seja leve, menos dolorosa e sem amarras das pressões sociais que recaem sobre esses indivíduos. Seguindo esse pensamento, é assim que surge o romance de Tenório (2020), uma história que ao mesmo tempo é única e coletiva, e que dá voz para uma discussão que costuma ser silenciada ou até mesmo invisibilizada. *O Averso da Pele* (2020) subverte esse não lugar do homem negro e o transforma em locutor que tem a sua voz e existência em lugar de destaque, tem importância e

potência para alertar uma realidade que ainda é muito forte entre os homens negros brasileiros. A história de Henrique e Pedro, uma história geracional e de herança, apresenta possibilidades de existência em uma sociedade que está a todo momento tentando os exterminar. Revisitar a vida de seu pai, foi para Pedro um processo de cura autoconhecimento, pois a partir dessa visita ao passado, Pedro compreende o rumo que a vida de seu pai tomou e como isso pode ser importante para a construção de sua própria identidade como homem negro que honra seus ancestrais. A partir desse romance, o homem negro retoma a posse de seu corpo-voz e de sua narrativa, o naturaliza e o eleva ao *status* de ser, se opondo a tudo aquilo que o impede de ser visto e, ainda por cima, previne que sua história seja distorcida ou apagada por vozes brancas que, por muito tempo, se apropriam de seus corpos e vontades.

CAPÍTULO II: AS AFETIVIDADES DO HOMEM NEGRO

Como os seres sociais que os humanos são, as interações entre as pessoas são base e essenciais no desenvolvimento e crescimento de todo indivíduo. Durante a vida, o homem vive uma eterna construção e manutenção de suas redes afetivas. As redes afetivas são necessárias por representarem e funcionarem como um alicerce durante a vida. Pode-se afirmar que, na maioria das vezes, uma das primeiras pontes construídas entre dois seres humanos ocorre entre a mãe e seu recém-nascido. Partindo dessa relação-base, outras surgem ao longo da vida e muitas também podem ser desfeitas. A relação materna é como hooks (202, p. 191) define como uma relação de origem, assim como as demais que são criadas dentro do seio familiar. hooks (2022, p. 191) adiciona que são essas relações de origem que irão influenciar e moldar a forma que uma determinada pessoa irá criar, desenvolver e realizar a manutenções de suas relações sociais ao longo da vida.

Antes de mais nada, é importante ter em mente que quando se fala sobre as relações afetivas, elas não são necessariamente relações de caráter romântico. As relações afetivas são todas as formas de relações que podem ser construídas entre os humanos, sejam elas de caráter fraternal, maternal, romântica e as amizades, sem falar as relações entre os demais membros familiares. No romance *O Averso da Pele* (2020), diversas relações afetivas são apresentadas e desenvolvidas e, assim como as relações afetivas na vida real, são de extrema relevância na narrativa individual e coletiva dos personagens que se interagem. As relações no romance ainda possuem um caráter de importância e essencialidade, pois são elas que moldam a história e dão a subjetividade e aprofundamento na identidade de cada indivíduo.

De início, o romance apresenta uma das relações centrais do livro que é a relação entre pai e filho, de Henrique e Pedro. Seguindo o romance, observa-se que as relações dos pais de Henrique com o filho são um dos pontos de partida para que Pedro possa compreender mais a fundo o seu pai Henrique e sua origem. À medida que o romance vai se desenvolvendo, os namoros de Henrique com duas mulheres brancas, Juliana e Suellen, são importantes por trazerem aspectos da vivência da relação interracial e que tiveram impactos na vida de Henrique como homem negro. Em seguida, mas não menos relevante, é apresentado na história a relação entre os pais de Pedro, Henrique e Martha, que nesse caso é uma mulher negra.

O romance apresenta três tipos de relações que possuem um grande impacto tanto na vida de Henrique quanto na de Pedro. É necessário pontuar a etnia de cada personagem na relação porque as questões raciais se tornam uma grande questão em relação a como essas interações serão realizadas, para além de ajudar a compreender mais intimamente as reações e hábitos que cada um possui ao ter que se relacionar com o outro. Além do mais, pensando nos protagonistas que são homens negros, seus atravessamentos que giram entorno das masculinidades negras serão algo que influenciará e impactará na forma que suas relações serão construídas e desenvolvidas. Como mencionado no capítulo anterior, existe uma gama de estereótipos e preconceitos que cercam o homem negro e, com certeza, existem aqueles que são utilizados no campo afetivo. Muitos desses estereótipos são utilizados para reduzi-los como homens que são incapazes de construir uma relação duradoura, que são mulherengos, que abandonam o papel da paternidade e que são insensíveis. É de suma importância ressaltar que o presente trabalho não vem como algo para legitimar o comportamento dos homens negros em sua rede afetiva, mas sim para compreender o porquê de determinados comportamentos quando se pensa no campo afetivo em que está inserido e condicionado.

A princípio, antes mesmo de se aprofundar nas relações existentes no romance, é imperativo analisar alguns dos estereótipos que recaem sobre o homem negro dentro do campo das afetividades. Um dos maiores estereótipos que recai é a sua hiperssexualização, na qual esse indivíduo se torna a própria personalização do sexo perfeito e, assim, se torna novamente um objeto cuja única função é servir e ser utilizado sem alguma pretensão de aprofundar a relação. César (2019, p. 57), em seu texto *Hiperssexualização, autoestima e relacionamento inter-racial*, declara que a construção dessa imagem hiperssexualizada do homem negro é um artifício do racismo para mais uma vez retirar e reduzir a visão do indivíduo como homem. De acordo com Staples (1978, p. 176), as acusações de hipersexualização do homem negro muitas vezes partem dos homens brancos, e tal suposto faz correlação com o que Restier (2019) diz sobre o duelo viril que existe entre as masculinidades negras e brancas. Esse duelo viril é nada mais que uma batalha entre essas duas masculinidades, “uma tensão entre duas alteridades masculinas marcadas pelo estatuto colonial do homem” (Restier, 2019, p. 24). Segundo Restier (2019, p. 25) para uma masculinidade ser valorizada, se torna necessário a desvalorização da outra por

meio de aparatos simbólicos, como estereótipos e representações negativas, mas também por aparatos físicos, como a polícia, sistema prisional e outros. Sendo assim, ao rivalizar e desafiar o homem branco através de sua virilidade, o negro é negligenciado no campo das afetividades como merecedor de uma relação íntima e profunda, que vá além do corporal.

Essa hiperssexualização do indivíduo negro será um dos principais fatores para que esse homem tenha uma visão distorcida de sua autoimagem. Por não ser como o homem branco, que é considerado o parceiro ideal para se relacionar, o negro se localiza às margens da escolha afetiva e pode desenvolver um sentimento de auto-ódio e de baixa autoestima. As características fenotípicas do homem negro já são estigmatizadas por conta do racismo e quando entra no campo das afetividades elas são ainda mais intensificadas para esse indivíduo. Crescer em uma sociedade onde se vê nas mídias majoritariamente a exaltação de corpos irreais e brancos, em que seu corpo negro não é visto como devia, desenvolver uma autoestima se torna um esforço enorme. O homem negro sofre com o padrão de beleza desde a infância, quando nota que não é o escolhido como o par para a dança da escola, quando não é a escolhido como a “paquera” de alguém, quando os seus traços negros são alvo de piada, sem falar de outros atos violentos. Além disso, César (2019, p. 61) adiciona que quando o indivíduo negro desenvolve o sentimento de auto-ódio, ele não só irá odiar a si mesmo, mas também os outros que se pareçam com ele.

Além da hiperssexualização, existe outra ferramenta que corrobora a imagem negativa do negro: o pressuposto de um homem violento e bruto. De acordo com César (2019, p. 53), a criação dessa imagem do negro violento é de origem colonial e cita a exemplo os Estados Unidos, que criou essa imagem violenta para poder incriminá-lo institucionalmente e criar um novo tipo de escravização. Além disso, César (2019, p. 54) adiciona que, no contexto racista estadunidense, criou-se o mito do negro estuprador, que ignorava os estupros às mulheres negras pelos brancos desde o período da escravização, além de ignorar também os casos atuais, como se o estupro fosse um comportamento exclusivamente realizado por homens negros. Sendo assim, César (2019, p. 55) declara que houve a incorporação dessas políticas e ideias dos Estados Unidos no Brasil. Assim sendo, muito dos estereótipos do negro violento e predador sexual foram incorporados à representação negativa do homem negro brasileiro.

No Brasil, o perfil do “negão”, dado por Custódio (2019, p. 147), é a própria personalização dos estereótipos de hiperssexualização, como o autor se refere, o “negão” é uma imagem do negro de “virilidade alta, superdotado, apetite sexual insaciável, irresistível à mulher branca”. Ainda é possível adicionar ao perfil do “negão” o estereótipo de violento, pois muitas vezes essa terminologia é utilizada de forma pejorativa com o intuito de indicar que um homem negro é violento e bruto, que ele resolve seus problemas por meio da agressão física. Sendo assim, a masculinidade hegemônica cria um falso perfil de um homem negro baseado em falsas ideias, para assim poder se manter na frente do duelo viril entre as duas masculinidades.

O afeto para pessoas negras se torna uma questão por esses motivos e por serem pessoas cujo afeto é negado desde cedo, às vezes partindo das relações de origem. Portanto, a partir desse ponto, serão analisados três das principais e primordiais relações afetivas dentro do romance *O Averso da Pele* (2020): a relação entre pai e filho de Henrique e Pedro, a relação de Henrique com suas namoradas brancas Suellen e Juliana e, por fim, a relação de Henrique e Martha.

2.1 – Henrique e Pedro: as feridas da paternidade negra

Basicamente, o romance gira em torno da relação de Henrique e Pedro, mas para isso, Pedro revisita o percurso de vida de seu pai e, dessa forma, são apresentadas outras relações que foram importantes na construção identitária de Henrique. Ao realizar tal trabalho, Pedro busca compreender os fatos e como seu pai se tornou aquele homem pensativo e reflexivo sobre a vida. A reconstrução da vida de Henrique faz com que Pedro se aprofunde nas questões que cercam a vivência negra masculina, principalmente de uma realidade periférica. Essa reconstrução pode ser vista como uma forma de honrar a vida de seu pai, evitar que a sua morte seja apagada e esquecida como a de milhares de outros homens negros que são vítimas da violência policial no Brasil. Pedro dá rosto, nome, identidade e vida para seu pai, performando através dessa reconstrução uma homenagem e ritual de passagem de seu pai. Dessa forma, Pedro não enterra seu pai, ele desenterra todo seu íntimo e remonta o que ele mesmo chama de “quebra-cabeça sentimental” (Tenório, 2020, p. 71). É isso que Pedro realiza ao longo do romance, ele vai meticulosamente

remontando esse quebra-cabeça sentimental do pai e, para isso, é necessário observar atentamente cada peça, ou “cada momento de vida e pensamentos”, ver onde as peças se encaixam e com o que elas se encaixam, é preciso ter um olhar macro e micro, ter paciência e atenção, para conseguir compreender e chegar ao resultado de um todo: Henrique, pai, filho, homem, marido e professor.

Entretanto, antes de aprofundar na discussão da relação de Henrique e Pedro, é necessário debater sobre uma relação de origem de Henrique. No capítulo 6, da parte *Avesso*, é revelado que o pai de Henrique abandonou ele e a sua mãe, quando ele tinha somente um ano de idade. Henrique cresceu com essa ausência paterna, ao mesmo tempo que viu a luta de sua mãe para poder criá-lo de forma digna. Sendo assim, uma relação de origem primordial e que foi de maior impacto na vida de Henrique é a sua (não)relação com o pai. No velório do pai, Henrique evidencia essa ausência através da constatação de que o pai era apenas um desconhecido para ele: “Convenhamos: você estava diante de um desconhecido. Nenhum parentesco de sangue seria capaz de comovê-lo.” (Tenório, 202, p. 71)

O abandono parental negro é uma realidade dentro das masculinidades negras, e hooks (2022, p. 172) adiciona que essa imagem do pai ausente é geralmente associada ao homem negro por pessoas que querem criticar as famílias negras e que essas pessoas geralmente são pessoas brancas não esclarecidas. O abandono parental não é algo exclusivo da vivência negra masculina, mas também de outras masculinidades, como a hegemônica, porém, faz parte da realidade de muitas crianças negras no Brasil. É primordial debater esse assunto com a consciência de que o abandono parental negro é uma experiência que se difere das outras masculinidades por possuir a camada racial. Como observado, a masculinidade hegemônica se beneficia quando o homem negro é apontado como o único homem que pratica o abandono parental, pois assim eles conseguem sair impunes de algo que afeta todas as masculinidades e, assim, manter o foco em um grupo de indivíduos subalternizados historicamente.

Antes de mais nada, hooks (2022, p. 173) alerta para o perigo da ideia que existe do mito romântico em que se pauta no “basta haver um homem negro na casa para a vida ser perfeita”. Ou seja, um pai pode ser ausente, mesmo estando presente fisicamente na vida de seus filhos. Pais que são tóxicos, abusivos e violentos desestruturam uma família, e a vida deles não são resolvidas e perfeitas só pelo fato

de ter um homem em casa. A família pode ser disfuncional com ou sem a presença de um pai, pois se essa criança for criada no modelo patriarcal da masculinidade hegemônica patriarcal, ela estará fadada a repetir um ciclo tóxico e vicioso pelo resto de sua vida. Como hooks (2022, p. 174) diz:

[...] a cultura patriarcal supervaloriza a família encabeçada por pai e mãe, representando-a como ideal, todas as crianças desta nação criadas em famílias que não se assemelham a esse ideal aprendem que estão vivendo em uma família defeituosa. Crianças que vivem em lares onde o pai não está presente precisam saber que não há “falta” que as torne imperfeitas.

Yago Eloi (2022, p. 43) ainda adiciona a esse debate informando que é “comum que algumas crianças que cresçam com a presença do pai em contrapartida à ausência do afeto paterno”, pois a repressão dos sentimentos, valor fortemente difundido pela masculinidade hegemônica, se torna uma barreira para que o afeto seja desenvolvido entre o filho e o pai. Essa situação de um pai presente, mas sem afeto, o torna uma pessoa cuja presença também é uma ausência, uma presença-ausência.

É curioso pensar que, mesmo não sendo criado pelo pai, Henrique desenvolveu essa repressão sentimental, pois como é narrado no livro, Henrique decide não demonstrar tristeza próximo à mãe e assim ele “vai chorar por dentro” (Tenório, 2020, p. 69). Essa repressão, mesmo sem a imagem masculina como relação de origem, reforça e constata o quão forte é o poder da masculinidade hegemônica. Isso vai sobrepor um pouco a relação de Henrique e seu filho Pedro. Por Henrique não ter vivenciado um exemplo de paternidade, ele não compreende bem como demonstrar seus sentimentos pelo filho e como ser afetuoso. Pedro reclama em uma lembrança que seu pai costumava ter conversas profundas e ele, como criança, não gostava sempre de ter esse tipo de conversa. Porém, essas conversas profundas eram a forma de Henrique passar conhecimentos e saberes para seu filho. A partir desses ensinamentos e conversas muito reflexivas, Henrique cria um pai que provavelmente ele gostaria de ter tido, um pai que o alertasse sobre como é ser um homem negro em uma sociedade estruturalmente racista. Dessa lembrança, Pedro diz:

No entanto, agora eu sei que você estava me preparando. Você sempre dizia que os negros tinham de lutar, pois o mundo branco havia nos tirado quase tudo e que pensar era o que nos restava. *É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse*

lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantém vivos.
(Tenório, 2020, p. 61)

Esse pode ter sido o momento em que Henrique foi mais vulnerável com seu filho Pedro, pois seu ensinamento carrega muito da sua subjetividade como homem negro, algo que somente uma pessoa como ele pode dizer sobre a experiência de ter que conviver com o racismo. Através dessa conversa, Henrique também demonstra um nível de disposição para quebrar com certas amarras da masculinidade hegemônica por sempre tentar conversar com o filho, mesmo que sejam conversas difíceis. Por não ter um pai presente, Henrique não aprendeu como a se abrir e ouvir o filho, mas agora como pai, ele escolhe seguir o caminho oposto daquilo que nunca teve. Além disso, a partir dessa conversa, Henrique ressalta a importância dos afetos para as pessoas negras. Os afetos são o que dão apoio nessa luta que não precisa ser solitária, e isso segue de antemão o que a masculinidade hegemônica propõe aos homens, que é um caminho solitário. Henrique demonstra uma sabedoria, ou até uma estratégia de vida, que o auxiliou a suportar as suas dores até aquele momento de sua vida.

Stefano Volp (2022, p. 108) diz em seu livro *Homens Pretos (Não) Choram*, que traz diversos contos que abordam os atravessamentos das masculinidades negras, a seguinte frase: “Se possível, seja melhor que seu pai”. Volp apresenta uma forma de cura para os homens negros em relação às afetividades entre pai e filho: a quebra de ciclos tóxicos, ser quem você gostaria de ter tido como pai. Não é um processo fácil, pois são traumas que perduram a vida toda. Porém, é exatamente esse caminho que Henrique segue, a quebra com esse ciclo das masculinidades negras e ressignificação de sua vida, atendendo e proporcionando ao seu filho o que a sua criança interior desejava e gostaria. Apesar de tudo, Henrique já teve o pensamento de abandonar a esposa e o filho, porém ele mesmo pensa: “Talvez você achasse que seria até aceitável, e menos vergonhoso, deixar minha mãe, mas não abandonar um filho, com tão pouca idade. Isso era pura covardia, você pensou” (Tenório, 2020, p. 46). John Bradshaw *apud* hooks (2022, p. 181) declara que “todos os pais que não resolveram o próprio trauma na infância o reviverão nos próprios filhos”, sendo assim, Henrique, provavelmente por não ter se curado da ausência do seu pai, pensa em realizar o mesmo por conta do medo de ser pai, por não saber como agir por nunca ter tido um como exemplo.

hooks (2022, p. 182) cita o terapeuta Terrance Real que diz que a maturidade adulta exige cinco habilidades próprias e que se essas “capacidades saudáveis não estavam presentes em nossos relacionamentos iniciais, elas estarão ausentes em nossa personalidade”. Em seguida, hooks (2022, p. 183) descreve essas cinco habilidades:

[...] a autoestima (considerar o Eu de forma calorosa), a autoconsciência (conhecer a própria experiência e compartilhá-la), os limites (autoprotger-se, mas ainda ser capaz de se conectar com os outros), a interdependência (identificar necessidades e desejos; cuidar de si mesmo, mas ser capaz de receber o cuidado dos outros) e a moderação (experimentar e expressar-se moderadamente).

Ainda, hooks (2022, p. 183) informa que muitos dos homens negros não adquirem essas habilidades por seguirem o modelo patriarcal da masculinidade, e que elas formam a base psicológica necessária para ter filhos saudáveis. Entretanto, Henrique demonstra todas essas habilidades, mesmo que nem sempre da forma mais adequada, mas que foi poderoso e necessário para iniciar esse processo de cura por meio de seu filho, partindo de um processo de autoconhecimento intenso.

Apesar de não realizar o abandono parental, Henrique foi ausente como pai, como Pedro relata no romance:

E ainda havia as vezes em que você ia me buscar e eu queria apenas brincar de correr, de jogar bola, mas a maioria das vezes você me levava uma livraria ou biblioteca. E era bom no início, porque eu gostava de estar com você de qualquer modo, e às vezes você me trazia um livro, admirado com alguma frase, e eu fazia esforço para mostrar interesse. E então, de repente, você se voltava para o livro e esquecia de mim. E por vezes eu senti a inveja daqueles livros todos, que você lia com tanta atenção. Com minha mãe as coisas eram diferentes, porque, enquanto eu tinha que lutar para me aproximar de você (Henrique) [...] (Tenório, 2020, p. 125)

Essa ausência de Henrique na vida de Pedro é o que ele tenta entender ao reconstruir o quebra-cabeça sentimental da vida de seu pai, pois como o próprio personagem declara sobre a paternidade de Henrique: “Mas eu acho que você não sabia ser pai. Não da forma que eu precisava” (Tenório, 2020, p. 186). Pedro sentia a falta da escuta ativa de Henrique, que ele o ouvisse e o conhecesse a ponto de desejar ser um de seus livros, objetos que tinham atenção e afeto total de seu pai. Apesar de Henrique ter iniciado o processo de cura, Pedro herdou de seu pai parte do trauma da ausência, mas que também optou por quebrar esse ciclo e seguir o caminho da cura. Ao reconstruir a vida de seu pai, Pedro busca perdoar Henrique para iniciar seu processo de cura dessa relação de origem. Cura que veio também com o auxílio da

espiritualidade, com a espada do poderoso *òrìsà* guerreiro Ogum⁶, patrono de Henrique. Pedro recolhe os ensinamentos do pai, todas as suas dores, lutas, sonhos, desejos e trajetórias e, junto a Ogum, parte fortalecido para a sua trajetória de lutas:

E agora caminho por essas mesmas ruas, tenho Ogum em minhas mãos, e ainda me sinto perdido, mas a palavra continua não sendo essa. Vou em frente, na direção do Guaíba. Tenho Ogum em minhas mãos porque agora é a minha vez (Tenório, 2020, p. 188).

A relação de Henrique e Pedro, mesmo não sendo perfeita, é a base de todo o romance e revela camadas e heranças traumáticas geracionais em uma família e como cada geração de homem escolhe lidar com os seus traumas e desafios das masculinidades negras. Como Pedro diz no romance, “[...] estou reconstituindo essa história para mim” (Tenório, 2020, p.183); o legado de seu pai servindo como um pilar para a construção da sua subjetividade negra masculina. Tenório (2020) apresenta a partir de seu livro e personagens uma nova possibilidade de existir dentro das masculinidades negras, apontando que, apesar de toda dor e luta que esse indivíduo vive ao longo de sua vida, é possível encontrar uma forma melhor de viver onde as amarras patriarcais hegemônicas são desatadas de seus corpos.

2.2 – Suellen e Juliana: a relação interracial para o homem negro

Suellen foi a segunda namorada branca de Henrique, entretanto, o debate aqui será focado no namoro com Juliana, que foi sua primeira namorada branca. Pois como Pedro cita no livro, Henrique já sabia lidar com um relacionamento interracial baseado nas experiências que ele teve anteriormente com Juliana, porém, a relação com Suellen não deixa de possuir os mesmos desafios que o namoro com Juliana possuía. Sendo assim, esse momento do livro é mais focado no primeiro relacionamento de Henrique, que foi primordial em sua trajetória identitária e de letramento racial. Mas antes de mais nada, Pedro relata uma das camadas do relacionamento interracial de Henrique com Suellen:

⁶ “Ogum, em iorubá, significa luta, guerra. É a divindade da metalurgia, do ferro e do aço, da caça e dos caçadores, dos grandes caminhos. É o dono das armas, senhor dos exércitos, das guerras, da pujança e da força do sangue que corre em nossas veias e, por isso, forja o ferro e o transforma em instrumento de luta — sua espada.” (Rocha, 2001)

Entretanto, quando você começou a namorar a Suellen, uma moça loira, de classe média, vinda de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, minha mãe passou a te notar. Não só ela, mas muita gente. Ninguém entendia muito bem como aquele namoro aconteceu. Em pouco tempo você e a Suellen passaram a ser o assunto dos corredores daquela pequena faculdade particular em Porto Alegre. O centro das atenções. E por um único e simples motivo: você era negro e ela era branca. (Tenório, 2020, p. 28)

A relação entre o homem negro e a mulher branca é vista como um tabu dentro dos padrões sociais. Esse estranhamento das pessoas se deve ao racismo e à masculinidade hegemônica que realizam um importante papel na desvalorização do homem negro como parceiro afetivo. Sendo a mulher branca essa pessoa cuja imagem é comumente associada à qualidade de pureza, o porquê dela se “sujar” e se sujeitar ao namorar um negro é algo que sempre passa pela cabeça de pessoas racistas quando visualizam esse tipo de casal em espaços públicos. Pois, como Restier (2019, p. 37) aponta, desde o período da escravização “a imagem de “algoz” e “redentor” se combinariam com o homem branco”, enquanto ao homem negro, sua identificação era, e ainda é, na maioria dos casos, como o “bruto, degenerado crônico, moralmente deficitário e pouco promissor”.

Muito dessa falsa imagem do homem negro se deve ao duelo viril que existe entre as masculinidades negras e a hegemônica. Restier (2019, p. 39) informa que pode ser identificada uma rivalidade entre os brancos e os negros no campo afetivo, e que dado a esse fator ergue-se uma série de estereótipos sobre os homens negros para os desfavorecerem e dificultar seu acesso ao poder (poder no sentido que se têm ao pensar na disputa do duelo viril), além de torná-los menos atraentes para as relações afetivas. Esse poder mencionado se deve ao duelo viril, pois como Restier (2019, p. 40) declara:

O homem negro ao penetrar sexualmente a mulher branca deslocaria o imaginário de domínio viril do homem branco para si. Ao tomar “as fêmeas do grupo dominante”, ele automaticamente se apoderaria da virilidade de sua “contra a parte masculina”.

De acordo com Restier (2019, p. 41), os homens brancos enxergam as suas mulheres como sua “propriedade exclusiva”, e quando o negro se relaciona com uma mulher branca ele estaria roubando e realizando uma manobra inversa inadmissível da honra da virilidade branca. O peso de se relacionar com uma mulher branca recai muito mais sobre o homem negro do que sobre a mulher. Isso é visto por Henrique ao se questionar se esse peso, se sua parceria é branca ou não, é algo que pesa mais para o lado das pessoas não brancas do que para as brancas:

Às vezes, você (Henrique) olhava para os casais brancos andando pela rua, felizes, de mãos dadas, e pensava se eles, em algum momento da vida, se perguntaram por que seus parceiros eram brancos e não negros. Talvez isso jamais tenha sido um problema para as pessoas brancas, você pensou. (Tenório, 2020, p. 75)

Restier (2019, p. 42) adiciona ao debate que existe outra estratégia que se tornou útil pelos brancos no duelo viril, a hipervirilização do negro, no qual cria uma profusão de estereótipos sobre seus corpos com o fim de animalizá-lo, criando uma ideia da necessidade de domesticação. São esses os estereótipos: distorção do porte físico (ultrarresistente), a força (sobre-humana), a moralidade (degenerada) e a sexualidade (desenfreada) (Restier, 2019, p. 42). Sendo assim, Restier (2019, p. 42) considera que o estereótipo sobre o tamanho do pênis do homem negro é o ápice da fetichização de seu corpo, e que se torna um atributo com perigoso potencial para atrair mulheres (principalmente mulheres brancas) curiosas pelo prazer que poderiam ser proporcionadas, além de ser um instrumento que pode ser manipulado por homens negros para atrair mulheres por conta do falso poder que a virilidade exerce nas masculinidades negras. Em *O Averso da Pele* (2020), as primas de Juliana revelam suas curiosidades sobre o relacionamento da prima com Henrique pautadas nesses estereótipos que foram criados em torno do corpo do homem negro:

[...] a Juliana, por sua vez, era bombardeada pelas primas e amigas que nunca tiveram um namorado negro: *e então, como ele é? Tem pegada mesmo, como dizem dos negros? E o pau dele? É grande? É verdade que eles são insaciáveis? Qual o cheiro dele?* (Tenório, 2020, p. 29)

Além das primas, os tios assediavam Henrique com comentários e perguntas racistas, em tom de piada, baseados em mais estereótipos que envolvem o corpo negro masculino:

Você não corre? Que os negros são ruins como nadadores, já viu algum negro ganhar medalha olímpica na natação? Agora, olhem lá nas corridas. Vocês ganham tudo. É porque desde cedo aprendem a correr dos leões na África, não vê como aqueles quenianos sempre ganham a São Silvestre? (Tenório, 2020, p. 39)

Essas piadas eram a forma que os homens da família encontravam para diminuir a imagem de Henrique como homem por conta do duelo viril, pois por estar se relacionando com uma mulher branca, Henrique de certa forma desafiava a masculinidade branca dos familiares de Juliana. Logo, como uma forma de controle, para Henrique estar naquela família branca, ele tinha que “saber seu lugar”, ficar calado e não chatear os demais por demonstrar que está cansado das constantes

ofensas. O ego branco não permite que, mesmo em um ambiente familiar, o negro se sinta parte, ele sempre será colocado na posição do diferente e do negro, retirando de si toda sua humanidade e subjetividade. Chega um dado momento na relação de Henrique e Juliana em que “o amor estava condicionado e mediado pela raça” (Tenório, 2020, p. 31), a hiperssexualização do corpo negro e a branquitude de Juliana se tornam fetiche dentro do próprio relacionamento, em que suas diferenças são exaltadas de forma que o afeto e o desejo eram mediados pela menina.

César (2019, p. 60) aponta que quando o homem negro busca seu valor dentro de uma sociedade racista pode muitas das vezes recorrer ao relacionamento com uma mulher branca, o que se pode dizer que é o caso de Henrique. Sendo assim, esse é um motivo por que, por muito tempo Henrique e Juliana acreditavam na ideia de que todas as pessoas eram iguais e que isso de racismo não existia: “[...] você e a Juliana partilhavam da mesma visão de mundo. Acreditavam que raças não existiam e que a humanidade era a única coisa que havia” (Tenório, 2020, p. 29). Além do mais, foi por esse motivo, de procurar aceitação e pertencimento à família que, por muito tempo, Henrique aceitou ser chamado de *negão*. Ele aceitou se apagar e ser reduzido para tentar caber em um lugar no qual a todo momento era apontado como o diferente: “[...] o Sinval, um motorista de Kombi escolar, te chamou de *negão*, você não se importou. Não se importou porque aquilo significava algum tipo de intimidade, e você, enfim, estava sendo aceito pela família branca da sua namorada” (Tenório, 2020, p. 29).

Além disso, é possível observar que na relação interracial o homem negro recebe uma espécie de salvaguarda de possíveis atos racistas, pois, se ele namora uma mulher branca, ele provavelmente pode ser uma boa pessoa, porque o contrário, ela não estaria com ele. A mulher branca aqui se torna um passaporte para que o homem negro acesse certos espaços, e espaços que são propícios ao racismo, sem que essa forma de violência o atinja. Para o homem negro, esse “privilegio” pode ser visto como algo positivo, porém isso não modifica a sua condição no mundo, porque mesmo acompanhado, ele pode sofrer racismo. Henrique viveu essa experiência ao namorar Juliana e Pedro narra como foi esse momento da vida de seu pai:

Quando você entrava sozinho numa loja e recebia um tratamento frio e desconfiado por ser negro, se dava conta de que, quando Juliana entrava e te beijava, os vendedores te tratavam melhor. *Uma mulher branca com um negro, ele deve ser um bom homem*. E por algum tempo você passou a gostar disso também. A presença de Juliana te dava uma espécie de salvo-conduto

em certos ambientes. Porque, quando você estava com ela, você não era qualquer negro diante dos outros. Você era especial. (Tenório, 2020, p. 30)

A chegada do professor Oliveira se torna uma importante ferramenta durante essa fase de Henrique, por ele ser um modelo positivo da masculinidade negra. Um professor universitário que trazia para o ambiente acadêmico debates raciais, que ainda são esvaziados e evitados no ambiente educacional, que demonstrava amor pela sua profissão, com seu cabelo *black power*, que nega se moldar à estética padrão. Para Henrique foi um acontecimento chave em sua vida conhecer o professor Oliveira. Esse momento se torna um divisor de águas, pois antes Henrique não compreendia bem o porquê de passar por tudo o que passava, que tudo que ele sofria era por conta de um sistema pautado no racismo, uma maldição herdada dos períodos coloniais e que ainda perseguem pessoas como ele: “Será com ele que você tomará consciência de si e do mundo branco em que está inserido” (Tenório, 2020, p. 29). A partir da imagem do professor Oliveira, Tenório ressalta a importância que um indivíduo negro possui em outro, é algo que vai além da representatividade. Com Oliveira, Henrique enxerga que existem possibilidades de ser e existir além daquela em que ele é condicionado a viver e crer; ela expande os horizontes do menino negro, pois como Pedro relata, “[...] o professor Oliveira virou um modelo para você (Henrique)” (Tenório, 2020, p. 34).

Sendo assim, o professor Oliveira desempenha um papel importante na trajetória de Henrique que, a partir desse encontro entre dois homens negros na encruzilhada da vida, desenvolve em Henrique o processo de despertar para a realidade e as armadilhas que existem ao se relacionar com uma mulher branca. Logo, Pedro menciona sobre o próximo relacionamento de Henrique, agora com Suellen, que ele “não cairia novamente nas mesmas armadilhas” (Tenório, 2020, p. 36) após todo o aprendizado que obteve do professor Oliveira a partir do seu relacionamento com Juliana.

2.3 – Henrique e Martha: só o amor negro não cura

Antes de discutir a relação entre Martha e Henrique, é necessário observar o contexto e a vida de Martha antes de começar seu relacionamento com o pai de Pedro. Marta é uma mulher negra que lida com questões da ausência e falta desde criança,

quando perdeu sua mãe em um grave acidente e em seguida seu pai nos próximos meses. A tia de Martha, Julieta, que em virtude da sua condição social e econômica, não pôde cuidar de Martha e seus irmãos por muito tempo. Sendo assim, Martha é adotada por uma amiga dessa tia, uma mulher branca chamada Madalena. Madalena adota Martha e se muda para uma pequena cidade em Santa Catarina, onde Martha passaria sua infância, adolescência e o início de sua vida adulta. Depois de se casar e se separar, Martha vai para Porto Alegre, onde conhece Henrique na faculdade do curso de Letras.

As relações de origem de Martha são profundamente traumáticas, como é descrito por Pedro:

A mãe dela morreu atropelada. E tudo que sei é que ela estava bêbada, às três da manhã, caminhando no meio-fio de uma rua, na Cidade Baixa, em Porto Alegre. E isso é tudo. O pai morreu meses depois, de um ataque fulminante no coração, aos quarenta anos, numa rua qualquer do centro de Porto Alegre. (Tenório, 2020, p. 40)

Logo, como mencionado anteriormente que as relações de origem moldam como a pessoa irá construir e lidar com as suas relações futuras (hooks, 2022, p. 191), no caso de Martha, a perda brutal de seus pais gerará uma cicatriz profunda da ausência e falta no seu ser:

Sua mãe estava morta e as lembranças dela a atacavam quase todos os dias, a conta-gotas, como pequenas marteladas no coração. Lembranças que a magoavam profundamente. Essa falta será uma barreira intransponível em sua vida. Pois minha mãe irá crescer e dentro dela um poço irá nascer. E, no fundo dele, a única coisa que realmente a incomodará para sempre: a falta. A falta será a companheira. (Tenório, 2020, p. 43)

A ausência e a falta são o que fazem com que Martha se torne uma mulher possessiva, desconfiada, ciumenta, insegura e controladora, como é narrado no livro. Tudo isso pelo medo de ficar sozinha, pois por boa parte de sua vida, Martha não pode viver um afeto pleno, nem de seus pais e nem de outros membros de sua família, como a tia Julieta. No campo dos afetos, Martha sempre foi passada de um para outro. A família, que é base das relações afetivas, foi retirada de Martha e, sendo assim, ela cresce com o medo constante de ser descartada ou trocada, despejando todos seus medos e traumas em cima de Henrique.

hooks (2022, p. 192) afirma que mulheres e homens negros passam pelos mesmos desafios que outros casais possuem por estarem inseridos em uma cultura de dominação que prevalece o pensamento patriarcal. O patriarcado, junto com a masculinidade hegemônica, estipula que os casais devem resumir suas vidas e

relações somente ao outro, uma ideia de posse, e quando isso é adicionado com traumas de ausência e a carência, a situação toma proporções maiores, como pode ser observado no caso de Henrique e Martha no início de sua relação:

Mas no fim de toda a discussão você fez o que ela disse. Fez porque na sua cabeça ela estava certa. Na sua cabeça o namoro significava abrir mão dos outros para ficar apenas com ela. Então você abriu mão dos seus amigos, colegas e parentes. E você fez isso porque gostou da ideia de ser tudo que importava na vida dela. Minha mãe também não se importava de abrir mão das outras pessoas. Vocês se transformaram numa ilha. (Tenório, 2020, p. 48)

Como pode ser visto, a ideia de se anular, para agradar o outro é nada mais do que o patriarcado preza. Henrique, assim como Martha, possui seus traumas de ausência por conta de seu pai, sendo assim, se tornou um homem carente, que aceitava fechar sua rede afetiva e focar somente no seu relacionamento. Henrique também nunca soube o que é receber um afeto pleno, o que atenua a sua carência dentro da sua relação com a mãe de seu filho. Somado o racismo, pessoas negras possuem dificuldade de desenvolver uma autoestima, o que os acabam condicionando a aceitar migalhas de afetos ou relações disfuncionais, realizando o que hooks (2022, p. 192) declara que muitas das mulheres e homens negros buscam no relacionamento não é só o amor, mas também “muitas vezes trazemos a expectativa adicional de que nossos relacionamentos vão desfazer os danos causados pelo racismo”. Ou seja, Henrique e Martha tentam em diversos momentos fazer o relacionamento funcionar, acreditando que o outro que será capaz de curar suas dores e traumas, porém isso fica mais a cargo do próprio indivíduo, pois o outro não pode ser responsável por atender as expectativas de sua parceria. Muitos casais acreditam nessa ideia e é o que os levam ao fracasso, e é assim que Pedro resume a relação de seus pais:

Às vezes, você se sentia intrigado por ter se casado com a minha mãe. Mesmo passados tantos anos você não compreendia como resolvera juntar sua vida com a dela. Desde o início, nunca foram compatíveis. Talvez eu esteja simplificando as coisas. A verdade é que vocês não se amavam o suficiente para suportarem os seus fantasmas. Vocês eram apenas duas pessoas quebradas. Cada um com seus cacos. Cada um buscando uma escora. O amor como muleta. Naquele momento, a vida já havia tirado tanto, que vocês achavam injusto que o amor não pudesse servir como amparo. Acontece que, em vez de buscarem algo que pudesse reconstituir os afetos, vocês resolveram se cortar com o que restou. Laceraram um ao outro porque, a certa altura da vida, as pessoas perdem a capacidade de amar. (Tenório, 2020, p. 27)

Para corroborar os argumentos explicitados, retomamos a reflexão de hooks (2022, p. 192) que afirma que “[...] a maioria das pessoas negras se preocupa tanto em traçar

o impacto do racismo em sua vida que deixa de examinar todos os outros traumas formativos dolorosos que podem ter pouco ou nada a ver com o racismo.”

Henrique e Martha viviam uma relação cuja base era “a corda bamba como o campo dos afetos” (Tenório, 2020, p. 74). O casal disfuncional, por muitas vezes, discutia e voltava, era um terreno que ambos tinham que tentar se equilibrar. Viver dessa forma leva o casal ao fracasso, pois em uma relação não se deve ter que tentar se equilibrar ou se invalidar, é necessária a aceitação plena da parceria, com suas qualidades e defeitos e assim, estarem dispostos a estar melhor e abertas ao perdão, para que só assim possam se relacionar sem necessariamente projetar os seus traumas em sua parceria.

A comunicação afetiva e a escuta ativa são aparatos importantes para que uma relação se fortaleça, porém, não é isso que ocorre na relação de Martha e Henrique, que costumavam ter discussões agressivas ao longo de seu relacionamento que os feriam, ao contrário de curar. Pedro menciona que, mesmo após o término, seus pais nunca conseguiram desenvolver relações amorosas saudáveis por não conseguirem lidar com seus traumas: “Cada um a seu modo percebeu que o motivo das dificuldades de vocês nos relacionamentos seguintes era o fato de vocês não saberem lidar com seus fantasmas” (Tenório, 2020, p. 125). O impacto das relações de origem de Henrique e Martha são feridas abertas e muito profundas que eles carregam por toda a sua trajetória.

Além do mais, para de alguma forma tentar manter a relação equilibrada, mesmo que de maneira disfuncional, casais utilizam o filho como essa ligação, como resultado disso, o peso da relação recai sobre o filho. Pedro revela em um dado momento que ele foi, por um certo tempo, o elo que mantinha seus pais conectados, mas que isso não foi o suficiente para segurá-los juntos. Após o nascimento de Pedro, Martha se dedica integralmente à maternidade, a ponto de ficar “indiferente, como se a maternidade apagasse o mundo para ela: [...] minha mãe havia criado um instinto protetor que lembrava o de uma leoa com seus filhotes” (Tenório, 2020, p. 121). Pedro sofreu o peso de tentar equilibrar o afeto que tinha por ambos. Possivelmente pela ausência parental de origem, Martha se torna superprotetora com Pedro por não desejar que o filho passasse pelo mesmo que ela, porém isso ocorre de uma forma que pode prejudicar seu desenvolvimento.

hooks (2022, p. 204) informa que “as mulheres negras podem se comportar de maneira controladora — espelhando, assim, a mãe dominadora” e que “podem utilizar todas as estratégias de culpabilização, reencenando padrões familiares de abuso”. Isso ocorre na relação entre Pedro e sua mãe, que em um determinado momento fala que enquanto ele se esforçava para se aproximar de seu pai, ele se esforçava para se afastar de sua mãe. Sendo assim, a vida de Pedro com sua mãe se dava através dessa relação também disfuncional, pois seu trauma de abandono e carência eram projetados em forma de posse e superproteção em seu filho:

Porque, depois que vocês se separaram, acho que minha mãe, de algum modo, me sufocou ainda mais, e hoje entendo o quanto ela me queria sempre por perto, e às vezes ela me olhava e dizia com certo orgulho e saudade que eu estava muito parecido com você, mas sei que ela também tentava manipular meus afetos, por exemplo, quando dizia que eu tinha um pai que não se importava comigo, mas isso dependia do humor dela, pois havia dias em que ela te elogiava dizendo que você era um professor dedicado. (Tenório, 2020, p. 125)

hooks (2022, p. 201) declara que mães solas ou casadas que foram ou são abusadas e que desenvolveram uma intensa raiva pelos homens que as abandonaram tendem a usar o filho do sexo masculino “para satisfazer suas necessidades emocionais; isso é abuso sexual emocional”. Nota-se no trecho citado que Martha usa Henrique ao mesmo tempo como algo negativo e positivo para Pedro. Quando Pedro atende suas expectativas e vontades, ele é um bom garoto, porém quando ele a contraria, ele é rapidamente associado ao seu pai. hooks (2022, p. 201) alega ainda que esse tipo de “mãe pode exagerar o afeto pelo filho e ao mesmo tempo ser verbalmente abusiva em relação aos homens negros. Pode dizer que “todos os homens são malandros”, que eles “não prestam” [...]. Sendo assim, hooks pondera que essa criação da imagem negativa sobre os homens, especialmente sobre os homens negros, “ensina os meninos a desconfiar dos homens e a temê-los”. Além do mais, a posse de Martha sobre seu filho é tão forte que Pedro não conseguia apresentar uma namorada sem que sua mãe a tratasse mal e a espantasse, como é relatada a primeira vez em que Pedro apresentou alguém à sua mãe:

A primeira vez que apareci com uma garota em casa, ela surtou. Nunca tinha visto ela tratar tão mal uma pessoa. Depois disse que, apesar de eu ter dezesseis anos, eu tinha de estudar; que ficar com aquelas gurias perdidas não ia me levar a lugar nenhum.

Com essa relação de origem turbulenta e possessiva, Pedro é altamente afetado em como demonstrará seus afetos para sua própria mãe. Ele não se sente confortável em

compartilhar os detalhes de sua vida, temendo alguma forma de repressão ou assédio verbal:

Acho que o afeto da minha mãe me fez esconder as coisas, porque nunca disse a ela sobre a primeira vez que fumei maconha, embora eu soubesse que ela e você fumaram por algum tempo. Nunca disse nada a ela sobre o dia em que perdi minha virgindade, nunca disse nada a ela sobre a Saharienne. (Tenório, 2020, p. 126)

A forma como Henrique e Martha lidavam e entendiam o racismo era divergente e uma questão para ambos. Martha, por ter sido criada por uma mulher branca, minimiza a questão racial, apesar de compreender que de certa forma ela possui impactos em sua vida. Em uma discussão com Henrique, Martha tem a seguinte fala:

[...] até quando a gente vai ficar se lamentando? A vida é assim, Henrique, lide com isso. Temos que olhar para a frente. O movimento negro nunca fez nada por mim. O movimento negro acha que tudo se resume à cor da pele. Se esquecem que ser um homem negro é muito diferente de ser uma mulher negra. E às vezes vocês, por serem homens negros, acham que está tudo resolvido, que estamos sempre no mesmo barco e que o racismo justifica todas as merdas que vocês fazem com as mulheres. Além disso, eu queria saber onde o movimento negro estava quando me assediavam na praia quando eu tinha treze anos. Onde o movimento negro estava quando não impediu que minha mãe morresse bêbada na rua. Eu queria saber por que ninguém se importou com ela, nem com os filhos dela. Minha mãe bebia para se proteger da realidade. Ela era uma mulher negra, na década de oitenta, com quatro filhos para criar. Era o mundo contra ela e contra nós. Ela era uma presa fácil, entende? Porque a gente, às vezes, cansa de suportar. E quem a manteve de pé até que pudéssemos sobreviver não foi o discurso do movimento negro, mas as garrafas de cerveja e cachaça que ela conseguia beber. Eu não quero dizer que essa história de negritude não tenha importância, não é isso, mas esse tipo de movimento coloca todos nós no mesmo balaio. Os negros são diferentes. Nós não somos iguais. (Tenório, 2020, p. 75)

A fala de Martha é algo que revela diversas camadas de sua existência, mas também as relações de gênero dentro das pautas raciais. Martha carrega consigo o peso da realidade que as mulheridades negras enfrentam; ela compreende o peso e as consequências que o racismo e o sexismo têm em sua vida. O movimento negro, que ela tanto questiona, precisa realmente pensar e debater quando o assunto são as questões de gênero dentro do movimento, pois ao mesmo tempo que todos são negros, cada vivência será diferente e mediada pelo fator do gênero. Henrique, por ser um homem negro e que vive as influências de um sistema patriarcal, revela um certo desconhecimento ao ignorar as especificidades da realidade de Martha, que é até mais violenta que a sua, pois ser uma mulher negra abre portas para muitos mais desafios e assédios. Ambos estão corretos em reconhecer o peso do racismo em suas vidas, porém não é possível colocá-lo como a única causa de todos os percalços de

sua existência. hooks (2022, p. 193) afirma que as disfunções na vida negra têm o costume de serem mais extremas por conta do impacto do racismo. Por esse motivo, e por não saberem lidar e curar suas feridas, Henrique e Marta foram um casal que estava fadado ao término.

Ao contrário do que foi debatido na seção anterior, casais formados por pessoas negras já não são vistos ou questionados como um tabu na sociedade. Obviamente, esse casal passará por outras experiências que estão relacionadas à raça. Porém, o olhar da sociedade não será sobre o porquê dessa mulher negra escolher um homem negro como parceiro, pois um casal de pessoas negras é o que a branquitude deseja, no sentido do pensamento “eles que fiquem entre eles”, pois assim não haveria uma “contaminação” na parte branca. Henrique que já namorou duas vezes com mulheres brancas nota que os olhares das pessoas não eram os mesmos de quando se relacionava com Juliana e Suellen:

Pois, a princípio, a cor da pele não deveria ser um problema; afinal, quando vocês (Henrique e Martha) saíam na rua, isso não era um incômodo, pois, quando vocês entravam numa loja ou num restaurante, ninguém olhava para vocês com curiosidade ou espanto. (Tenório, 2020, p. 75)

Casais negros podem não receber olhares curiosos ou de espantos, porém não deixarão de receber olhares de desprezo e tratamento frio por serem negros. Eles irão experimentar uma relação que se difere das vivências da relação interracial. Sendo assim, essa experiência revela o que Restier (2019, p. 46) declara sobre o homem negro que se relaciona com a mulher negra, que essa relação ao mesmo tempo subverte e decepçiona. Restier (2019, p. 46) informa que esse relacionamento subverte, pelo fato de ser uma afirmação viril vinculado pela escolha de afeto e apreciação de uma pessoa de um grupo que historicamente é associado a um baixo *status* social. A decepção se deve pelo fato de que, na perspectiva ideológica da mestiçagem, o homem negro devia estar fora do campo das relações afetivas e sexuais (Restier, 2019, p. 46). Portanto, por não afetar diretamente o duelo viril, o casal de pessoas negras não se torna alvo de questionamento de o porquê estarem juntos. Além disso, Restier (2019, p. 46) adiciona ao debate que por meio de uma relação negro-centrada a virilidade do homem negro não dependeria da mulher branca, pelo contrário, essa relação desorganizaria o duelo viril, se reafirmando em um outro campo de ação a partir do “fortalecimento de laços identitários e (d)a construção política afetiva de relações familiares sadias com mulheres negras”.

Portanto, a relação de Henrique e de Marta é mediada por traumas que, apesar de terem influências do racismo, não se pautam somente nessa fonte. O diálogo junto com uma escuta ativa são o que seriam necessários para que essa relação desse certo, pois, como hooks (2022, p. 207) afirma, “para curar a dor entre mulheres e homens negros, precisamos aprender a dialogar, a escutar ativamente”. Além do mais, pautado nos argumentos de hooks, podemos asseverar que a relação que existia entre Henrique e Martha se tornava mais difícil ainda para que a vulnerabilidade de Henrique fosse acessada:

Dada a longa história de subordinação forçada que os homens negros sofreram como consequência da exploração e da opressão racistas, adicionada à equiparação que o patriarcado traça entre vulnerabilidade e castração, o medo de ser subjugado é ainda maior entre os homens negros. Uma vez que muitas mulheres negras emocionalmente imaturas tendem a ser controladoras, pode ser ameaçador para homens negros se abrir, ser emocionalmente receptivos e ouvir. No entanto, esse é o trabalho que precisa ser feito. (hooks, 2022, p. 208)

Para que exista a cura entre os casais negros, se torna primordial ter o hábito da conversa como base para a relação, uma conversa que seja afetiva, acolhedora e calma e, além disso, hooks (2022, p. 205) determina que, para além da conversa, é necessário que os homens e mulheres negras se conscientizem do impacto negativo e prejudicial do pensamento patriarcal e das crenças religiosas fundamentalistas, para que só assim suas relações mudem para melhor, se tornem uma relação saudável e livre de amarras opressoras e controladoras.

CAPÍTULO III: DAS VIOLÊNCIAS QUE CERCAM O CORPO NEGRO MASCULINO: DAS RELAÇÕES SOCIAIS E AFETIVAS AO ESTADO

3.1 – As violências nos campos das afetividades e nas relações sociais

Após debater sobre o que cerca as vivências das masculinidades negras e dando uma profundidade no seu campo das afetividades, outro aspecto importante da vida de muitos homens negros é a violência física e psicológica que esses corpos são afligidos por conta de fatores cuja origem parte do período colonial. Como mencionado anteriormente no primeiro capítulo, a criação dos sujeitos raciais abriu portas para que o corpo negro fosse visto como uma coisa, um objeto, logo, partindo desse conceito que objetifica os corpos negros, seu corpo também será visto como um algo em que a violência será imposta como uma regra, seja para penalização ou para puro controle. A vivência negra masculina, assim como as outras vivências negras, lida com violências contínuas em diversos âmbitos e aspectos. Ser sempre visto como o outro, já o posiciona em um local no qual o diferente tem que ser tratado diferente, o diferente que causa medo ou que é considerado inferior e, sendo assim, cria-se uma necessidade em controlar esse indivíduo de outras formas.

A violência se torna algo altamente atrelado à experiência negra masculina. A partir do romance *O Averso da Pele* (2020), pode-se observar por meio de Henrique que a violência é algo que esteve sempre atrelada à sua vida desde pequeno. O racismo é tão violento a ponto de retirar das crianças negras a vivência de uma infância saudável e inocente. Henrique por ter sido um menino negro periférico, teve boa parte da sua infância roubada pela realidade que vivia: sua mãe lutando para sustentá-lo, o abandono parental e a quase morte de uma tia pelas mãos de seu tio. Sendo assim, Henrique ao se tornar pai, enxerga a necessidade de alertar o próprio filho à dura realidade sobre ser negro, como Pedro narra uma de suas conversas com seu pai:

No entanto, naquele dia, eu não queria pensar. Estava quente e eu só tinha nove anos. [...] Conforme fui crescendo, suas perguntas foram ficando mais complexas. E confesso que às vezes eu não queria ser profundo. Eu queria apenas brincar e ser como os outros filhos eram com seus pais. No entanto, agora eu sei que você estava me preparando. Você sempre dizia que os

negros tinham de lutar, pois o mundo branco havia nos tirado quase tudo e que pensar era o que nos restava. (Tenório, 2020, p. 60-61)

Pedro aos nove anos de idade já estava sendo conscientizado sobre como seria sua vida, pois como um indivíduo negro, sua vida muitas vezes seria mediada pela sua cor, como Henrique menciona. Seu pai ressalta que o mundo branco havia tirado quase tudo dos negros e isso se conecta também ao aspecto da infância saudável, a retirada de uma experiência natural e leve que todas as infâncias merecem e possuem direito. A violência do racismo é tão forte que uma criança precisa tentar compreender o que não faz sentido, que por causa de sua cor, outras pessoas irão julgá-la, seja por sua aparência ou através de estereótipos que estão enraizados em uma ideologia hegemônica racista. Além da questão do racismo, a masculinidade hegemônica apresenta também sua parcela de peso na vivência desses meninos negros.

Henrique, não só pela ausência de seu pai, mas também por conta de sua vivência, ainda na infância desenvolve uma repressão aos seus sentimentos, ele não consegue e acreditava não poder dar vazão ao que se encontrava preso dentro de si. Por isso, em diversos momentos do romance Pedro alega que seu pai desenvolveu uma barreira emocional, que Henrique começa a “chorar para dentro” e chorava quando lembrava que podia, depois de adulto. A violência de tal ato se torna algo quase que subjetivo a todos os homens que são condicionados a uma eterna luta interna que geram ansiedades e consequências negativas em como ele irá se relacionar com o próximo para o resto de sua vida.

Além de tudo, o tio de Henrique, Zé Carlos, é uma figura masculina dentro da família que personifica a própria violência, o valor da virilidade, a masculinidade tóxica e o patriarcado. No capítulo 12, da parte *Averso*, Pedro descreve o ambiente familiar em que Henrique cresceu após se mudar para a casa de sua avó, em Porto Alegre: “Além disso, a violência não se resumia apenas à rua, ela estava também dentro da casa da sua avó” (Tenório, 2020, p. 95). Crescer em um ambiente violento contribuiu para que Henrique desenvolvesse mais traumas acerca da sua masculinidade, sobre si mesmo e como suas relações seriam estabelecidas e desenvolvidas. O tio Zé Carlos é descrito da seguinte forma:

O tio Zé Carlos era da Polícia Civil e fazia questão de que todos soubessem disso, pois, sempre que chegava, ele tirava a arma da cintura e a colocava em cima da estante e dizia: *crianças, não mexam nisso, entenderam?* E você lembra muito bem quando seu tio estava presente e todas as atenções tinham de estar voltadas para ele. (Tenório, 2020, p. 97)

A partir da figura do tio Zé Carlos, é possível notar muitos dos pontos que a masculinidade hegemônica valoriza: a virilidade exacerbada por meio da vanglória de ser membro da polícia civil, pois lhe dava um *status* de poder sobre os demais, além da arma ser uma extensão do poder, que costuma a ser associada ao falo, e no qual a masculinidade hegemônica utiliza como reforço de uma verdadeira expressão de masculinidade. Chega um dado momento em que Henrique presencia aquilo que seria uma das maiores violências em sua vida, a tentativa de assassinato à tia Sônia por intermédio do tio Zé Carlos:

E você nunca poderá esquecer aquele fim de semana em que a tia Sônia, mulher do seu tio Zé Carlos, descobriu que ele tinha uma amante. Era domingo, e logo depois do almoço os dois começaram um grande bate boca. E de repente, lá pelas tantas, a tia Sônia foi até a cozinha e pegou uma faca, daquelas de cortar carne de churrasco, e dizia que ia matá-lo, *seu filho da puta, que eu sei que você tá me traindo com aquela piranha branca. Você acha que sou idiota? O cabelo loiro dela não é melhor que o meu, seu babaca.* Então, você viu também quando seu tio pegou a arma de cima da estante e apontou para ela. E a essa altura todo mundo já havia saído correndo da sala, menos você, porque a violência sempre te paralisou. E você presenciou quando seu tio Zé Carlos apertou o gatilho. E você fechou os olhos e pôs as mãos nos ouvidos e ficou gritando: *para, para, para, eu não quero mais isso, chega, chega, chega.* Após o estampido você abriu os olhos e viu seu tio dizer: *não aconteceu nada, porra, para de gritar, guri.* E logo depois viu sua tia largar a faca e ir se agachando num canto como se fosse uma criança, e talvez ela fosse mesmo uma criança naquele momento, porque sempre nos tornamos infantis diante do desespero e da humilhação. Ao lado dela você observou que havia um buraco no chão, no lugar por onde a bala passou. (Tenório, 2020, p. 97)

Zé Carlos, dentro do duelo da virilidade, seria a figura cujo poder estaria elevado dentre os demais homens, porque, por meio da violência, ele receberia o passe para realizar todos seus desejos e vontades em detrimento aos outros em seu entorno:

A Brigada Militar veio quando os vizinhos chamaram. Mas seu tio, como eu disse, era da Polícia Civil, então tudo ficou certo, e ele alegou que tinha sido *só um mal-entendido familiar, uma briguinha entre marido e mulher*, ele disse. (Tenório, 2020, p. 98)

A partir do patriarcado, os homens se protegem dos crimes que cometem contra os demais, sejam essas vítimas seus parceiros ou não. Sendo assim, Zé Carlos acaba se tornando um exemplo daquilo que Henrique não gostaria de ser, pois por meio das violências do tio, ele desenvolve traumas e ansiedade, como é descrito no romance:

E, ao chegar à primeira aula, a professora de matemática fez a chamada, mas você não respondeu, pois sua cabeça ainda estava naquele buraco no assoalho, sua cabeça ainda repercutia os ecos dos gritos da noite anterior, dos gritos da sua tia, das ameaças do seu tio e dos latidos do Urso. Então a professora de matemática te chamou novamente e alguém te cutucou, e você

respondeu *presente* como se fosse um robô. Na hora do recreio você ainda não tinha fome, mas seu estômago doía. E na aula seguinte, na de ciências, aliás, a aula que você mais gostava, você teve o primeiro ataque de ansiedade, depois de ouvir do professor que o sol ia explodir um dia. E você não sabia mais o que era pior: o burquinho no assoalho ou a explosão do sol. (Tenório, 2020, p. 98)

O buraco no assoalho pode ser visto como um buraco que também foi aberto dentro de Henrique, algo mudou em si ao presenciar o momento de violência de seu tio contra sua tia Sônia. Uma abertura que rasgou violentamente seu peito, forçando um espaço para que o medo e o trauma penetrassem seu íntimo. O paralelo entre a explosão do sol e o buraco do assoalho revela como, para Henrique, a morte era algo inevitável, algo muito próxima de si e isso o aterrorizava, além de revelar a fragilidade da vida. Pois, o ambiente familiar não proporcionava a segurança para a criança que se sentia ameaçada tanto nas ruas, quanto dentro da própria casa. Para Henrique, o fim era inevitável e isso o assustava.

Crescer no meio de exemplos masculinos negativos, além da ausência, cria medos e traumas na criança sobre crescer, pois é apavorante pensar que tudo aquilo que ele viveu, pode se repetir ao se tornar um adulto. A criança ao mesmo tempo em que ela pode escolher se desvencilhar do exemplo negativo, ela também pode, mesmo que não intencionalmente, trilhar o mesmo caminho da masculinidade violenta em que foi apresentada em sua infância, ou seja, caindo nas armadilhas de uma masculinidade hegemônica patriarcal. Entretanto, Henrique escolhe ressignificar a sua trajetória como homem negro e opta por uma vivência no qual a violência não tem lugar. Um único momento em que o trauma da violência vai se exhibir na vida de Henrique, será nos momentos de intensas discussões com Martha, em que não só ela, mas quanto ele, aumentam o tom da voz e gritam um com o outro.

Existe também a violência que é decorrente à hiperssexualização do homem negro. Seus corpos vistos como objetos do prazer são constantemente vinculados ao sexo e por muitas vezes essa condição imposta será um artifício da masculinidade hegemônica, juntamente com o racismo, para segregar o homem negro no campo das afetividades, como mencionado anteriormente. Entretanto, isso conduz o homem negro a uma possível condição de solidão, em que, juntamente com a repressão emocional, irá impossibilitar ou dificultar a sua vivência em um meio social. A solidão será uma condição que pode adoecer esse homem e levá-lo a condições em que sua mente pode ser altamente afetada negativamente. É de grande grau de violência a

condição que esses fatores têm sobre o homem negro, pois criam uma imagem negativa desse indivíduo a ponto de se tornar uma visão coletiva e hegemônica no imaginário social, assim como o mito do negro estuprador que foi mencionado no capítulo anterior.

A partir da hiperssexualização do corpo do homem negro, juntamente com a ideia de que esse corpo possa ser acessado livremente, sem consentimento, abrem portas para a violência sexual. No romance de Tenório (2020), Pedro relata que Henrique, aos doze anos de idade, sofre de violência e abuso sexual por parte de sua prima violeta:

A não ser quando a sua prima Violeta te puxava para o quarto, depois do almoço, e fazia você beijar ela na boca. A prima Violeta tinha treze anos. E você tinha doze. Você lembra da primeira vez que a beijou e teve vontade de vomitar cada vez que sentia a língua dela entrando na sua boca. Você não entendia por que um beijo tinha que ser daquele jeito. [...] a prima Violeta te ameaçava dizendo que podia inventar uma série de coisas a seu respeito. (Tenório, 2020, p. 96)

É gravíssimo pensar que, ainda criança, o menino negro experiencia uma violência tão grande ao seu corpo que já vive cercado por marcas de outras violências. O que torna mais grave ainda é pensar que a prima também é uma criança, cuja mentalidade se encontra afetada pela sexualização precoce que provavelmente pode ter origem de outro abuso ou a partir do que essa criança vivencia em casa a partir das suas relações de origem. Às crianças negras, principalmente os meninos, costumam ser requeridas uma maturidade precoce, o que se torna injusto para um ser que ainda está em pleno desenvolvimento. hooks (2022, p. 139) menciona que o “abuso sexual generalizado de meninos negros recebe pouca ou nenhuma atenção”. Tal assunto se torna necessária a ampliação do debate, pois o abuso costuma gerar consequências negativas para esse indivíduo. Muitos podem desenvolver uma questão mais negativa sobre sua autoimagem, além de o que hooks (2022, p. 138) adiciona através da declaração do terapeuta George Edmond Smith, em que garotos que são abusados sexualmente são propensos a comportamentos negativos quando adultos e maior ainda as chances de se tornarem pessoas abusivas para outros.

Henrique ao longo de seu crescimento tem problemas em se enxergar como alguém bonito, não só por ser um homem negro que está fora do padrão ideal dos afetos, mas também por conta do abuso sofrido na infância, pois, como hooks (2022, p. 138) informa sobre o assunto, “os homens negros que cooperam com sua própria

desumanização sexual, frequentemente o fazem porque adquiriram consciência sexual por meio do abuso”. hooks (2022, p. 140) diz ainda que “os meninos negros são frequentemente encorajados a se envolver em relações sexuais com mulheres adultas por homens que acham que isso é legal”. Essa lógica que existe dentro da masculinidade hegemônica, pautada na virilidade, se torna algo comum na vivência de muitos meninos negros, cuja a sexualização precoce seria o reforço da virilidade masculina, mas em uma criança. A masculinidade hegemônica desempenha tanto poder de vigilância e cobrança que seus valores negativos recaem ainda no corpo de crianças. A violência toma outra proporção quando o alvo é um menino negro, pois desde cedo seu corpo se encontra sujeito à sexualização por parte dos outros e isso requer uma maturidade precoce de um ser que ainda está em desenvolvimento, o que pode deixá-lo ainda mais confuso sobre como as relações se dão ao longo de sua vida.

Em decorrência das violências raciais e do padrão estético estabelecido pela masculinidade hegemônica, que negligencia e exclui corpos negros, a criação da autoestima se torna um desafio para homens negros em se enxergarem como indivíduos providos de beleza. A baixa ou a falta de autoestima em homens negros é resultado de uma violência contra sua identidade, uma vez que para homens brancos é muito mais possível e fácil alcançar um bom nível de autoestima, já que suas características físicas são valorizadas pela sociedade. Pedro, apesar de não passar pela violência sexual como seu pai, demonstra que sua aparência sempre foi uma questão para si e essas questões sempre vinham à tona quando ele sentia uma atração por uma mulher, nesse caso, ele menciona quando conheceu Saharianne e se arrumava para um encontro: “Não me achei bonito, na verdade eu nunca me achei bonito” (Tenório, 2020, p. 108). A partir dessa fala, é revelado que a questão com sua aparência estética é algo que o persegue desde o início de sua vida, assim exemplificando como a violência racial atinge homens negros desde o início de sua vida, é algo que vai acompanhar por toda sua trajetória. Por não estar dentro de um padrão de beleza, Pedro desenvolve o medo de ser repellido e, a partir desse medo, ele descreve quando ele teve a sua primeira relação sexual:

Eu também continuei de camiseta, porque achava meu corpo muito magro e não queria que ela reparasse na saliência dos meus ossos. E também porque eu não tinha muito pelo embaixo do braço. E na minha cabeça ser homem era ter muitos pelos no sovaco. (Tenório. 2020, p. 111)

Ficar de camisa durante o ato sexual ressalta a questão corporal de Pedro, além de demonstrar como sua autoimagem era uma questão profunda em sua subjetividade que, mesmo estando com alguém que se relacionava em um momento de intimidade, ele não é capaz de mostrar seu corpo. Além dessa questão, tem a associação de pelos corporais com a masculinidade, Pedro acreditava que para ser homem era necessário ter pelos nas axilas. Essa associação do pelo ao masculino está muito ligado à questão da virilidade dentro da masculinidade hegemônica, no qual os pelos irão criar a imagem de um homem viril, forte, atrativo e sensual. Os pelos podem se tornar mais uma questão em relação à autoestima, pois o indivíduo não se enxerga como um homem por não seguir um padrão/critério que é pré-estabelecido dentro das masculinidades. Sendo assim, mais um peso violento é colocado sobre os homens negros quando o assunto é ser visto como homem pela sociedade.

3.2 – “Parado é suspeito, correndo é ladrão”: O homem negro, a necropolítica e violência policial

As experiências das masculinidades negras, que são pautadas na masculinidade hegemônica, juntamente com os artifícios do racismo, se tornam parte de uma grande estratégia que existe dentro do conceito desenvolvido por Sueli Carneiro (2023) como *dispositivo de racialidade*. De acordo com a autora, esse dispositivo da racialidade existe e opera na sociedade brasileira através de uma “articulação de múltiplos elementos, configura a racialidade como um domínio que produz poderes, saberes e subjetividades pela negação e interdição de poderes, saberes e subjetividades” (Carneiro, 2023, p. 13).

Além disso, Carneiro adiciona ao conceito e ideia de dispositivo de racialidade que, esse instrumento, realiza uma divisão pautada na afirmação do ser de pessoas brancas que ocorre pela negação do ser pessoas negras e que, grosso modo, “a superioridade do Eu hegemônico, branco, é conquistada pela contraposição com o Outro, negro” (Carneiro, 2023, p. 13). Sendo assim, toda a discussão até o momento em torno da representação do homem negro, como objeto, um animal e uma coisa, faz parte do dispositivo de racialidade que se empenha em criar essa imagem do não ser do homem negro para fortalecer o ser dos brancos. Além disso, a masculinidade hegemônica trabalha dessa forma, ela cria uma valorização para os homens brancos

em detrimento da imagem do homem negro, criando uma espécie de subalternização e desumanização desse indivíduo negro.

A partir do epistemicídio, Carneiro (2023, p. 14) adiciona que o dispositivo de racialidade vai anular as pessoas negras enquanto sujeitos de conhecimento e, como consequência, os inferiorizando intelectualmente. Essa inferiorização intelectual é vista não só na comunidade negra em geral, mas também como os homens negros são amplamente reduzidos aos seus corpos e nunca lembrados pelas suas mentes. Para o imaginário social hegemônico e racista, o homem negro é considerado nada mais do que um corpo ferramenta, cuja única função é servir ao outro através de trabalhos, principalmente os braçais.

Sendo assim, Carneiro (2023, p. 14) informa que além das pessoas negras serem “assassinadas intelectualmente”, elas são “interditadas enquanto seres humanos e sujeitos morais, políticos e de direito”. Ou seja, os direitos que deviam ser para todos em uma determinada sociedade, não irão cobrir a população negra por conta das artimanhas do dispositivo de racialidade, pois nesses termos, esses indivíduos são inscritos “no âmbito da anormalidade, na esfera do não ser, da natureza e da desrazão” (Carneiro, 2023, p. 14). Portanto, esse dispositivo tem como função contribuir a “para a formação de um imaginário social que naturaliza a subalternização dos negros e a superioridade dos brancos (Carneiro, 2023, p. 14). Sendo assim, a masculinidade hegemônica vai trabalhar através desse dispositivo para que o poder e *status* social do homem branco seja mantido e preservado.

Entretanto, o que seria um dispositivo? De acordo com Carneiro (2023, p. 27), dispositivo é um conceito de Foucault de que um dispositivo de poder “opera em um determinado campo e se desvela pela articulação que se engendra a partir de uma multiplicidade de elementos e pela relação de poder que entre eles estabelece” e que ainda possui o objetivo estratégico de atender uma urgência histórica. Em adição, Carneiro (2023, p. 37) informa que o dispositivo de racialidade se beneficia das representações estereotipadas e racistas construída sobre a imagem das pessoas negras durante o período colonial no que se refere aos discursos e práticas que justificavam e legitimavam a escravização. Assim como o dispositivo de racialidade, a masculinidade hegemônica se beneficia desses estereótipos racistas criadas a partir da imagem do negro para que possam legitimar seu *status* social em detrimento das masculinidades negras, como é apresentado e discutido ao longo desse trabalho.

Todavia, Carneiro (2023, p. 61) declara que o dispositivo de racialidade toma uma outra proporção, ao operar em conjunto com o biopoder ao ser instrumentalizado por ele. O biopoder se constitui na ideia do poder de “fazer viver e deixar morrer”, ao contrário da soberania cuja ideia de poder era pautada no “fazer morrer e deixar viver” (Carneiro, 2023, p. 61). Em suma, o biopoder é nada mais que uma forma de poder que trabalha na gestão da vida e da população e regula os aspectos da vida humana como a saúde, a reprodução e o bem-estar e, como consequência, na modernidade desloca o seu foco para a administração da vida e a otimização da população (Foucault, 2010, p. 290 e 294). Carneiro (2023, p. 63) esclarece a ideia de biopoder afirmando que esse poder se trata mais do “direito de intervir para fazer viver a massa da população”. Como linha de pensamento, cria-se a questão de onde que surge o direito de matar dentro dessa modalidade de poder. Carneiro (2023, p. 63) responde ao questionamento afirmando que o racismo intervém no biopoder por ter sido inserido nos mecanismos internos do Estado pela emergência do próprio biopoder. Pois como Carneiro (2023, p. 63) declara, “o racismo cumpre o papel de fragmentar o campo biológico, do qual o poder tomou conta, para dividi-lo conforme “raças” e assim introduzir um corte entre quem deve viver e quem deve morrer”.

Outra função do racismo na biopolítica, além de promover cisão, é a sua função baseada na ideia de que “quanto mais você deixar morrer, por isso mesmo você viverá” (Foucault apud Carneiro, 2023, p. 63). Assim sendo, Carneiro (2023, p. 64) chega ao pensamento:

[...] a morte do outro — que é Outro porque degenerado e de raça inferior — permite ao biopoder promover a vida da raça mais sadia e mais pura. Em outras palavras, o racismo é indispensável para que o poder, enquanto biopoder e com função primordial de promover a vida, venha a tirar a vida. “A função assassina do Estado só pode ser assegurada desde que o Estado funcione, no modo do biopoder, pelo racismo”,¹⁴ lembra Foucault.

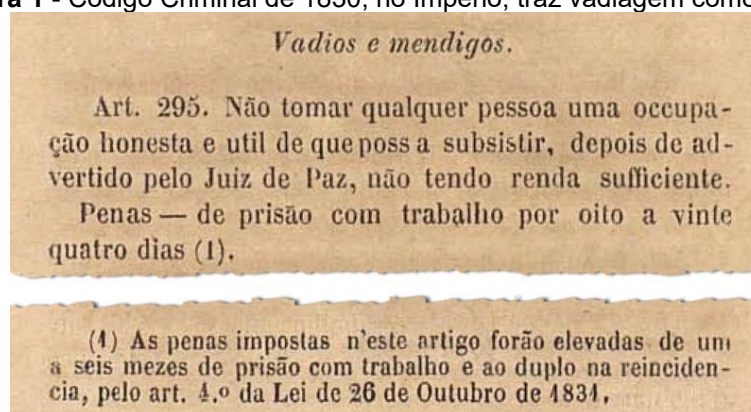
As pessoas negras são esse outro, pois tendo o racismo nessa forma de poder, o branco se torna centro, enquanto os não brancos se tornam o outro, o inferior, que pode e deve ser eliminado. Carneiro (2023, p. 64) adiciona ao pensamento, declarando que o filósofo Michel Foucault afirma a existência de dois modos em que o Estado tira a vida desses outros: “[...] pelo assassinato direto e pelo assassinato indireto, neste caso quando expõe à morte, quando multiplica os riscos de morte, quando promove a morte política dos racialmente ‘inferiores’”. Pautada nessa perspectiva é que a filósofa Carneiro (2023, p. 64) acredita em que a negritude está

inscrita sob o signo da morte na sociedade que exerce o biopoder. Portanto, a autora propõe que as sociedades multirraciais resultantes da colonização utilizam do dispositivo de racialidade como um instrumento disciplinador e normalizador das relações raciais.

Portanto, o dispositivo da racialidade e o biopoder irão andar em conjunto com o que Mbembe (2018, p. 123) propôs como necropolítica, em que “pressupõe que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer”. Mbembe ainda adiciona ao seu conceito que “por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder”. E nesse momento de escolher quem deve viver e quem deve morrer que entra o racismo, que através do dispositivo de racialidade vai se tornar uma ferramenta para que corpos negros sejam o alvo dessa necropolítica. Mbembe (2018, p. 128) diz que “a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou dominá-los”.

Dentro da legislação brasileira, existe um histórico dentro das próprias leis do país, desde o período colônia, relacionado à legitimação e ao incentivo da perseguição dos corpos negros por meio da força policial a mando do Estado. A Lei da Vadiagem teve seu início no código penal de 1830 em que a “vadiagem” foi criminalizada:

Figura 1 - Código Criminal de 1830, no Império, traz vadiagem como crime.



Fonte: Agência Senado⁷

⁷ Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/09/delito-de-vadiagem-e-sinal-de-racismo-dizem-especialistas#:~:text=A%20vadiagem%20foi%20um%20crime,est%C3%A1%20em%20vigor%20at%C3%A9%20hoje.> > Acesso em: 16 de jan. 2025.

Apesar de não explicitar na legislação, os corpos que eram perseguidos à mando desta lei eram os corpos de escravizados que, se fossem pegos, seriam punidos. Em seguida, em 1890 a Lei da Vadiagem entrou no primeiro código penal do Brasil República, funcionando da seguinte forma:

[...] CAPITULO XIII
DOS VADIOS E CAPOEIRAS

Art. 399. Deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistencia e domicilio certo em que habite; prover a subsistencia por meio de occupação prohibida por lei, ou manifestamente offensiva da moral e dos bons costumes:

Pena - de prisão cellular por quinze a trinta dias.

§ 1º Pela mesma sentença que condemnar o infractor como vadio, ou vagabundo, será elle obrigado a assignar termo de tomar occupação dentro de 15 dias, contados do cumprimento da pena.

§ 2º Os maiores de 14 annos serão recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriaes, onde poderão ser conservados até á idade de 21 annos.

Art. 400. Si o termo for quebrado, o que importará reincidencia, o infractor será recolhido, por um a tres annos, a colonias penaes que se fundarem em ilhas maritimas, ou nas fronteiras do territorio nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presidios militares existentes.

Paragrapho unico. Si o infractor for estrangeiro será deportado.

Art. 401. A pena imposta aos infractores, a que se referem os artigos precedentes, ficará extincta, si o condemnado provar superveniente aquisição de renda bastante para sua subsistencia; e suspensa, si apresentar fiador idoneo que por elle se obrigue.

Paragrapho unico. A sentença que, a requerimento do fiador, julgar quebrada a fiança, tornará effectiva a condemnação suspensa por virtude della.

Art. 402. Fazer nas ruas e praças publicas exercicios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena - de prisão cellular por dous a seis mezes.

Paragrapho unico. E' considerado circumstancia aggravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.

Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidencia, será applicada ao capoeira, no gráo maximo, a pena do art. 400.

Paragrapho unico. Si for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Si nesses exercicios de capoeiragem perpetrar homicidio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor publico e particular, perturbar a ordem, a tranquillidade ou segurança publica, ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas comminadas para taes crimes. (Deputados, 2025)

Como pode ser observado, foi adicionada à antiga lei do império, agora na república, a criminalização da capoeira, revelando um ataque direto à população de escravizados que tinham acabado de passar pela Lei Áurea. Claramente essa lei veio para realizar e fortalecer o necropoder e o encarceramento em massa de pessoas

negras, pois, após a libertação, muitos dos ex-escravizados se encontravam em situação de rua pela ausência de políticas de reparação, mas na verdade o que houve foi a perpetuação de políticas de extermínio e controle. Carneiro (2023, p. 79) sugere que é nesse momento que surge o dito popular no qual diz que o “negro parado é suspeito, correndo é ladrão”.

Carneiro (2023, p. 80) declara que tal lei ressalta o caráter simbólico da abolição em um contexto que “a maioria da mão de obra masculina era formada por ex-escravizados” negligenciados e excluídos pelo mercado, sendo assim, se tornando uma política que perseguia principalmente homens negros. Portanto, Carneiro (2023, p. 81) alega que por conta dessas leis, o direito de ir e vir não se constituía como direito básico à essa população negra e, que assim, se tornavam dependentes dos critérios da repressão policial. Lúcio Ronaldo Pereira Ribeiro (*apud* Carneiro, 2023, p. 81) em um trecho do seu artigo “Vadiagem” relata sobre o caso:

A polícia é que faz o enquadramento inicial, assim é que ficava com um grande poder nas mãos: o poder de restringir, no cotidiano, a liberdade da pessoa. Da parte da pessoa detida e/ou presa ou das que assim podem ser representadas pelo seu perfil, havia uma crescente expectativa de vulnerabilidade em face da polícia, pois que sabiam que sempre poderia — e a probabilidade é de que o seriam — ser abordadas pela polícia devido às suas características que a faziam compor um tipo suspeito e perigoso.

Apesar da Lei de Vadiagem ter deixado de ser considerado um crime em 1940 (Westin, 2023), os resquícios desse poder do Estado sobre os corpos negros por meio da polícia ainda é presente na realidade de muitos brasileiros e o romance *O Averso da Pele* (2020) é uma obra que evidência a política do necropoder ainda na contemporaneidade.

Custódio (2019, p. 136) revela que os homens negros são os indivíduos que mais morrem na mão do Estado, quanto na mão da violência urbana desorganizada pelo tráfico e a criminalidade, além de serem os mais encarcerados. O homem negro carrega em seu peito o alvo que não se desgruda de seu corpo, em que a qualquer momento um tiro, tanto no sentido literal quanto no conceito de ter sua vida ceifada, pode acertá-lo e ali terminar com sua vida. Uma das formas do Estado de realizar o assassinato direto desses corpos é por meio da violência policial. Diariamente homens negros são alvos dessa necropolítica, basta abrir os jornais, ligar a televisão e acessar a internet para observar que sempre aparece um caso novo em que uma abordagem policial acaba resultando na morte de um indivíduo negro.

Henrique foi mais uma vítima dessa violência depois de muitas outras abordagens que sofreu ao longo de sua vivência negra masculina. A abordagem policial na vida de Henrique se torna algo como se fosse uma rotina, porém isso fica claro no romance que a rotina é somente por parte da força policial, pois ele nega que a violência seja algo subjetivo da identidade negra masculina, pois ela é nada mais do que um fator externo, não identitário e pessoal.

Antes mesmo de aprofundar nos momentos em que o Estado ataca Henrique por meio das abordagens policiais, tem um acontecimento importante no livro que é necessário ser discutido. No início do romance, Pedro narra um momento em que Henrique é “confundido” como um assaltante e em decorrência ele é perseguido por uma multidão enfurecida de ódio e com sede de morte, que o espanca e em seguida é levado à delegacia:

Você foi levado algemado para uma delegacia. Foi a primeira vez que você sentiu o ferro frio de uma algema nos pulsos. Ao seu redor, pessoas te xingavam e te chamavam de ladrão e ainda diziam que daquela você não escaparia. Somente na delegacia as coisas foram esclarecidas: você havia sido confundido com um bandido. (Acharam que você tinha roubado o boné de um daqueles moleques.) E ser confundido com bandido vai fazer parte da sua trajetória. (Tenório, 2020, p. 18)

Ser confundido com um bandido ou assaltante é algo que acabou sendo naturalizado na sociedade, em vista da imagem negativa do homem negro que ocorre através do dispositivo de racialidade e da masculinidade hegemônica, se tornando algo que atravessa os corpos das masculinidades negras. Muitos homens negros são presos injustamente por conta da homogeneização que foi criada sobre os homens negros, de que todos são iguais fisicamente. Homens negros inocentes morrem por conta desses linchamentos praticados pela sociedade, o que de certa forma exalta como o corpo do homem negro é algo passível de violência gratuita. Indivíduos brancos que são bandidos, a sociedade os trata de forma diferente, para começar, não o nomeiam como ladrão ou bandido, mas sim como estudante, ou pela sua profissão ou por simplesmente como homem, além de suas informações pessoais, como a identidade, serem preservadas.

O homem negro não possui essa defesa, pois o pacto da branquitude pretende defender somente os seus, diminuir as consequências de seus atos e torná-los alguém que errou por ser vítima da sociedade, mas que é passível de uma redenção. A violência aos corpos negros é tão naturalizada que, mesmo sem ação do Estado, as pessoas acreditam que podem assassinar uma pessoa negra, assim, à sangue frio

e nessa muitos morrem, mas felizmente não foi o caso de Henrique. Após ser liberado da delegacia por conta da “confusão”, o homem negro não recebe nenhum tipo de auxílio ou apoio por após toda violência gratuita sofria, como se for agredido, preso e humilhado, toda situação é diminuída e ignorada pelo Estado e a sociedade.

Não é segredo que uma das temáticas centrais do romance *O Averso da Pele* (2020) é a crítica em relação à violência policial por meio do Estado contra os homens negros por meio da figura de Henrique, porém, o capítulo 4 da parte “De volta a São Petersburgo”, se torna o centro de no qual diversas camadas da subjetividade do homem negro em relação à violência são apontados e ressaltados. Nesse capítulo, Pedro narra um momento em que Henrique reflete sobre sete abordagens policiais que ele sofreu ao longo de sua vida após acabar de ser abordado pela polícia antes de ir para a escola que trabalhava. Após Henrique ser liberado pelos policiais, Pedro relata:

Eles sorriram, te desejaram um bom dia, subiram em suas motos e foram embora. Você ficou ali na esquina, parado, ainda sob o olhar de gente desconfiada. Porque um suspeito é sempre um suspeito, mesmo que a polícia te libere e te diga bom-dia e tenha-um-bom-trabalho. (Tenório, 2020, p. 143)

É muito perspicaz o comentário de Pedro sobre como o negro é visto como um suspeito, mesmo após ser liberado pela polícia. A visão do negro bandido está fortemente enraizada no imaginário social, como pode ser observado. Apesar de ter sido liberado, ele é um suspeito, ainda será pego e punido, é o que muitos pensam, é questão de tempo. Esses olhares irão acompanhar Henrique durante todas abordagens policiais em que ele foi publicamente abordado.

Não é novidade que corpos negros não são bem vindos em espaços elitizados na sociedade, seu acesso é totalmente mal visto e digno de recepção violenta. Isso também é discutido em algumas das abordagens de Henrique em que, por estar em um local elitizado, sua presença se torna uma “ameaça” para aquele lugar branco. O negro quando acessa tais espaços, por exemplo bairros tidos como nobres, que visam a higienização e a dita pureza, será visto como um intruso e invasor, uma sujeira que devia estar em seu lugar, além de sua imagem e motivação por estar em tal espaço é muitas vezes associado como uma possível ação criminal. Pedro informa que a primeira abordagem policial de Henrique foi ainda aos quatorze anos quando ele e seus amigos decidem jogar futebol em uma quadra que era localizada em um bairro nobre de Porto Alegre. Durante a abordagem, um dos policiais diz:

E por que vocês vêm jogar bola aqui, por que não ficam na vila de vocês? Porque a gente gosta de jogar aqui, respondeu o Pão com Ki-Suco. Os policiais se olharam novamente, dessa vez com ironia. *Vocês são cheiradores de cola?* Ninguém respondeu. *Alguém aqui cheira cola, loló?* Você tomou coragem e disse que não, que ninguém ali era cheirador de cola. (Tenório, 2020, p. 144)

A ideia de que os negros tem de “ficar no seu lugar” é uma ideia que parte do princípio da marginalização e da segregação e que revela uma herança histórica do período colonial, em que os corpos negros eram proibidos de acessar certos locais. Além disso, a fala do policial insinuando que as crianças utilizavam drogas é mais um dos estereótipos ligados ao homem negro. Em outras abordagens de Henrique, tal pensamento é sempre retomado como forma de questionar se ele era usuário de algum tipo de droga, sendo assim, o negro além de ser visto como um bandido, automaticamente a imagem de usuário de drogas será atrelado ao seu ser. Não se pode negar que as drogas desempenham um forte impacto nas masculinidades negras, pois o próprio Estado para legitimar o assassinato desses homens utilizam das “Guerra às Drogas” com fachada para a ação de seu necropoder sobre esses corpos.

Por meio da “Guerra às Drogas”, o Estado consegue se financiar e realizar o controle das populações marginalizadas, assassinando, pelas mãos de agentes mal preparados e corruptos, principalmente homens e crianças em comunidades negligenciadas pelo governo.

Duas vezes, ainda criança e em um bairro considerado nobre, Henrique é abordado por estar apenas parado em um lugar. Em uma das vezes em que Henrique foi visitar um colega da escola, ele foi abordado enquanto aguardava na porta do prédio que o atendesse. Porém não demorou muito para que um policial o abordasse: “No entanto, em minutos surgiu o policial da Brigada Militar ao seu lado dizendo para você circular que ali não era lugar para pedir coisas” (Tenório, 2020, p. 145). Por meio dessa nova abordagem, é revelado como que a categoria de pedinte é outra imagem fortemente associada ao negro, principalmente à criança negra. O imaginário racista coloca o negro sempre nessa posição inferior, de necessitado e que sempre precisa da ajuda dos outros e Henrique também não escapou dessa visão da criança negra pedinte. Essa visão é muito irônica, pois se existe um grande número de indivíduos em tal condição, isso é responsabilidade do próprio Estado, porém no lugar de

solucionar e propor medidas que mudassem essa realidade, a necropolítica entra em ação para eliminar esses indivíduos para falsamente contornar a situação.

Retomando ao dito que Carneiro menciona de que “negro parado é suspeito, correndo é ladrão”, uma das abordagens de Henrique foi por conta de estar correndo da chuva. Como Pedro narra, Henrique estava em um parque, depois do horário de trabalho, apenas passeando quando começou a chover. Por estar sem guarda-chuva, Henrique corre para poder se proteger em algum lugar, entretanto um policial o para:

O dia estava nublado, e de repente uma chuva fina começou e, para não se molhar, você começou a correr. Foi nesse momento que você escutou um ei-ei-para. E, ao olhar para trás, você viu um policial apontando uma arma para você. [...] Outro policial se aproximou, também de arma em punho. [...] Os policiais continuavam apontando a arma para você. Depois mandaram você colocar a mochila no chão devagar e sem movimentos bruscos. Pelo rádio de um deles você escutou que o suspeito vestia uma jaqueta preta mas não era negro. (Tenório, 2020, p. 151)

Ser suspeito parado ou correndo revela essa herança da Lei da Vadiagem, pois mesmo parado o negro é visto como um vadio, alguém que não presta serviços à sociedade além de ser um bandido promissor. Essa abordagem foi marcante para Henrique porque essa era uma fase em que ele trabalhava no escritório do Bruno Fragoso e começou a se vestir da mesma forma como os outros da área, com roupas sociais e caras. Até certo momento, Henrique notou que era menos mal visto e parado por estar portando um estilo “aceito” pela sociedade:

Foi a primeira vez que você usou um terno na vida, e um dia, quando estava entrando no banco, você foi chamado de doutor por uma atendente. Aquilo te fez pensar na sua aparência, nas suas roupas, nos seus sapatos, no seu cabelo. Como num estalo, percebeu que o modo como se vestia poderia ser o motivo de haver recebido tantas abordagens policiais durante a vida. Assim, pelos próximos meses você cuidará da sua aparência, manterá o cabelo sempre bem aparado e curto, as roupas bem alinhadas e passadas. (Tenório, 2020, p. 151)

A violência estética-racial contra as pessoas negras por muitas vezes faz esses indivíduos acreditarem que são abordados por conta de suas vestimentas e aparência, sendo que não importa sua classe ou vestimentas, só por ser negro você está fadado a sofrer as consequências do racismo. Muitas pessoas negras, assim como Henrique, não assumem seus cabelos naturais, pois muitas vezes é atrelado a uma má aparência que o impedirá de acessar certos espaços, principalmente uma vaga de emprego, como Henrique revela em um pensamento em um dado momento: “O anúncio dizia que era preciso ter boa aparência. E ler uma frase daquelas significava

que aquele emprego não era para você. “Boa aparência” significava, na maioria das vezes, ser branco” (Tenório, 2020, p. 149). Aproximar-se da aparência branca é um mecanismo que pessoas negras utilizam para tentar serem aceitas em certos espaços e assim evitar uma possível repressão motivada pelo racismo. Entretanto, Henrique é parado portando a sua jaqueta “chique” em mais um caso de “confusão” como bandido. Após essa abordagem, Henrique tem um clique e percebe que suas roupas não são um escudo para o racismo: “No meio do caminho, você tirou a jaqueta reversível das lojas Tevah e jogou numa lixeira. No dia seguinte, você foi a uma loja esportiva e comprou, em dez prestações, uma japona do Chicago Bulls e um boné importado de seis linhas” (Tenório, 2020, p. 152). Ao jogar a jaqueta no lixo, Henrique revela através do seu ato a sua insubordinação a não se dobrar e moldar ao padrão estético de vestimenta e assume sua verdadeira identidade ao comprar a nova jaqueta e o boné, apresentando assim um ato de resistência identitária e de autoafirmação.

Movendo dentro do romance e tendo enfatizando a última parte intitulada “A Barca”, é interessante analisar o título. O próprio romance explica que o nome barca é associado à viatura da polícia (Tenório, 2020, p. 170), mas também esse nome pode ser associado à barca de Caronte, ser da mitologia grega que levava as almas dos recém mortos pelo rio Estige até o submundo, o mundo dos mortos (Cartwright, 2021). Portanto, é nessa parte do livro em que a morte de Henrique será narrada. Tenório nessa parte deixa explícito que a trajetória de Henrique chegará ao fim, em que a sua vida será ceifada por meio da violência policial. Porém, antes de mais nada, é preciso falar como estava a vida de Henrique nesse momento. É revelado no romance, em diversos momentos, que a profissão de Henrique como professor se tornou algo maçante, pois por conta do sucateamento da educação e a fatores sociais, sua vivência na educação foi árdua e desgastante. Henrique estava cansado por não conseguir acessar seus alunos, por não conseguir enxergar a sua relevância naquele ambiente. Porém, quando Henrique finalmente consegue a atenção e o engajamento de seus alunos, por meio da leitura do livro *Crime Castigo* de Fiódor Dostoiévski, e começa a acreditar que está fazendo a diferença, chega o “Estado” e retira a sua vida.

Quando Henrique estava começando a se sentir realizado com o trabalho, por estar acessando seus alunos, ele não se sentia incapaz, pelo contrário, ele se sente capaz de tudo. Ele se sente o dono de si mesmo e nenhuma viatura ou policial iria tirar isso dele naquele momento. Henrique toma as rédeas da vida, apesar de esse

ato custar muito caro: a própria vida. Henrique escolhe não se dobrar a uma rotina que é dos policiais, ele não aceita que a abordagem seja algo natural de sua vivência: “era só para ser mais uma abordagem de rotina. Só isso, *vamos, porra, colabora*. Mas você não estava se importando mais com a rotina deles” (Tenório, 2020, p. 176). A morte de Henrique se dá por meio de um ato de insubordinação e insubmissão que, mesmo custando sua vida, ele escolhe não se submeter às ordens e vontade dos outros, demonstrando que seu corpo, assim como qualquer outro, é livre e que sua subjetividade não estava ligada à cor de sua pele, mas sim ao seu avesso, onde vivia e guardava o Henrique professor, pai, filho e homem:

Então, você abriu a pasta, ignorando os gritos do policial, os gritos de *larga a pasta, porra*. Você ignorou porque agora era a sua vez. Era a sua vez de ditar as regras. E a regra, agora, era seguir seu movimento, colocando a mão dentro da pasta. (Tenório, 2020, p. 177)

A morte de Henrique se torna um processo doloroso e longo para que Pedro possa superar. Mas como também superar uma perda tão violenta e que se não fosse pelo racismo, seu ente querido ainda estaria ao seu lado? Não foi uma doença ou um acidente que levou a sua pessoa amada, mas sim pessoas que acreditam ter o poder sobre a vida de outro. Pedro, após o velório de seu pai, constata: “A morte é sempre uma ofensa. Ela nos reduz a poeira. Nos reduz a nada, pensei” (Tenório, 2020, p. 180). Seu pensamento reforça como a sociedade enxerga a morte das vítimas pela abordagem policial violenta, mais uma estatística que é esquecida pela sociedade. Até em sua morte o negro tem sua humanidade retirada. A partir da morte de seu pai, Pedro gera um temor em si sobre a finitude e a fragilidade da vida do homem negro, pois à exemplo de seu pai, Pedro enxerga que a morte está sempre próxima a pessoas como ele, mas que isso só é observado de forma mais clara quando se perde alguém próximo.

Além disso, Pedro revela que os policiais que mataram Henrique seguem impunes e livres, mesmo após cometerem um crime. A impunidade sobre as mortes decorrentes às violentas abordagens policiais ainda é uma realidade, pois existe um acobertamento dos casos. A situação de Henrique se enquadra no caso do “negro errado”, como Carneiro (2023, p. 84) comenta sobre um ocorrido em que um homem negro foi morto pela polícia, apesar de não ser um bandido e ser “confundido” como um: “Era o ‘negro errado’ porque fora de lugar: tinha educação, ocupação de nível superior, capital social e que lhe permitia escapar de um enterro como indigente”.

Henrique é esse “negro errado” que além de minimizar a vida negra como algo ínfimo e descartável, ela ainda hierarquiza a vida desses homens negros como se uma vida fosse mais importante que a do outro, em outras palavras, alguns negros merecem morrer mais do que outros. Através do caso do “negro errado” é que a polícia consegue se desviar da punição pelos seus assassinatos e assim continuar ceifando a vida de outros homens negros.

Para sobreviver ao racismo, as pessoas negras criam estratégias de sobrevivência, como dito pela tia Luara para Pedro:

Aprendi a inventar estratégias de sobrevivência. Seu pai também teve de inventar estratégias. Mas isso não significa que sejamos sempre bem-sucedidos. Quero dizer que nós, às vezes, falhamos. E falhar, no nosso caso, pode resultar num erro fatal.” (Tenório, 2020, p. 181)

Como Henrique, muitos homens negros aprendem o que devem ou o que não podem falar durante uma abordagem e também o que devem e o que não podem fazer, pois sua vida naquele momento está em jogo e qualquer erro pode ser fatal. Henrique aprendeu que não pode ficar parado, senão é suspeito, que não pode correr, senão é bandido, que não pode gritar com os policiais, que tem que obedecer e acatar tudo que fazem e dizem, mesmo sendo humilhante, que tem que se movimentar devagar ou toma um tiro e que não pode demonstrar sua inteligência. Apesar de conhecer essas estratégias, Henrique demonstra um cansaço e resolve ir contra tudo que aprendeu em sua vivência.

É doloroso ter que ter uma estratégia para viver, para essas pessoas viver é uma luta constante contra algo que está a todo momento tentando realizar o seu extermínio, como se todo dia fosse uma ida a um campo de batalha de uma guerra. A violência do racismo nega às pessoas negras os direitos básicos da vida, como o direito de ir e vir, de acesso pleno à saúde e educação de qualidade e o direito à liberdade e a igualdade, logo, essas negações impedem a possibilidade de construir uma vida tranquila e saudável, em que não exista um dia que não tenha que pensar no que enfrentará pela frente, antes mesmo de levantar de sua cama.

Sendo assim, para concluir o capítulo, uma experiência pessoal, mas que não é única, será compartilhada. O autor do texto que vos escreve também já sofreu com uma abordagem policial. Ela não foi tão violenta quanto costumamos ouvir, a ponto de sofrer agressões físicas, porém não é menos angustiante ou assustadora.

Foi a primeira vez que fui abordado. Era um dia frio, nublado em que caía uma chuva fina e lenta. Minha mãe estava preparando o almoço e sentiu a falta de algum ingrediente, e me pediu para ir à padaria comprar o que faltava. Por conta da chuva, ela me aconselhou a colocar a blusa de frio e usar o capuz, pois a chuva não era forte a ponto de precisar usar um guarda-chuva. Saí de casa e fiz o que ela aconselhou, coloquei o capuz e segui meu caminho. Andei um quarteirão e quando estava prestes a atravessar a rua, a viatura vinha descendo e parei, pois ela ia passar em minha frente e não daria para atravessar. Porém, a viatura parou em minha frente. O policial que estava à janela do carro, segurava uma arma que se encontrava apoiada em seu colo, essa visão me deu um frio na barriga, pois nunca tinha visto uma arma tão de perto. Ele me perguntou para onde eu ia, e eu respondia que ia à padaria comprar algo. Mesmo assim, o policial repetiu a pergunta mais duas ou três vezes, provavelmente para ver se eu modificaria a minha resposta. Depois das perguntas, ele mandou eu levantar a minha blusa de frio e camisa, para ver se havia algo na minha cintura. Em seguida, só seguiam o seu caminho naturalmente, como se não fosse nada. Me senti muito mal, com medo, confuso e irritado. Tudo ao mesmo tempo.

Depois que pude atravessar a rua, retirei o capuz da cabeça e não me importava mais com a chuva. Depois desse ocorrido, nunca mais utilizei o capuz de qualquer blusa de frio que eu vestisse, exceto quando estivesse dentro de casa. Sei que por ser um homem negro de tom de pele mais claro, e por não portar um estilo que é marginalizado pela mídia, não sofro no mesmo grau que outras pessoas negras mais retintas sofrem durante essas abordagens policiais e em outros âmbitos de suas vidas. Pedro no romance também reconhece essa realidade, que é similar à minha, que por conta do seu tom de pele só havia sido parado pela polícia duas vezes (Tenório, 2020, p. 181). Entretanto, essa experiência serve para lembrar que tudo isso não importa, “o negro é um negro”, como já dizia Fanon (2008, p. 26).

Por ser negro, toda a sua vida será mediada e reduzida pela cor de sua pele. Irão desviar de você na rua, te seguir em lojas, te vigiar em espaços elitizados, sua beleza será exótica, seus saberes e intelecto serão invalidados ou diminuídos e você será um dos poucos negros na faculdade, principalmente na pós-graduação. Ser negro é viver uma eterna luta. Lutar para demonstrar o tempo todo que é capaz, lutar para sobreviver, lutar para trabalhar, lutar para ter uma vida digna e minimamente confortável e lutar para ser visto como um ser possuidor de direitos e subjetividades.

Escrevo aqui a partir de um ponto vista, a partir do qual muito do que vivo e assisti ao longo de minha vida, é retratado no romance *O Averso da Pele* (2020). Tenório teve a capacidade de abordar aspectos de uma vivência única e comunitária, que me toca em lugares sensíveis. Realizar essa pesquisa sendo um homem negro e gay foi também um processo de autoconhecimento, pois por eu não me encaixar na heterossexualidade compulsiva da masculinidade hegemônica, vivo na pele e no meu ser o peso de seguir na contramão daquilo que é imposto aos homens mesmo antes de meu nascimento. Já nasci com a expectativa de meu pai de que eu fosse um filho que jogasse futebol e “pegasse” muitas mulheres, e não foi um processo fácil me assumir e me aceitar sendo que tal peso foi colocado sobre minhas costas ainda antes de nascer. Mas estou aqui, vivo, produzindo saberes sobre mim e sobre os nossos, seguindo em frente e, assim como a tia Luara aconselha Pedro, continuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para abordar as masculinidades negras é necessário um olhar especial para o conceito de gênero para compreender como as relações entre os gêneros (na visão binária do masculino e feminino) e as masculinidades foram importantes para chegar no que se tem como homem por definição. Sendo assim, por conta do colonialismo e o patriarcado como poderes e valores na sociedade, como defendemos neste trabalho, houve a valorização de uma masculinidade pautada na imagem do homem branco, que perpetua valores e hábitos considerados base para a performance de uma masculinidade ideal. Esses valores e ações são geralmente a repressão de sentimentos e da vulnerabilidade, uma intensa demonstração e reforço da virilidade, a heterossexualidade compulsória, sexismo, força física e brutal e a violência.

Assim, a masculinidade negra é atravessada por esses valores, além de trazer os efeitos do racismo para o campo das masculinidades. Para que a masculinidade hegemônica exerça seu poder e se mantenha no topo, ela utiliza das masculinidades negras como instrumento de uso e de abuso, como um objeto de servitude. Desde o período colonial, por meio da coisificação do negro, que seus corpos são desumanizados, legitimando, assim, a violência e o controle de seus corpos, fazendo com que os homens negros sofram as consequências da masculinidade hegemônica. A partir do romance *O Averso da Pele* (2020), Jeferson Tenório traz à luz o drama da vivência negra masculina na contemporaneidade, apresentando os atravessamentos que cruzam esse corpo desde sua travessia do Atlântico, de forma única ao narrar a história de um homem negro, professor, que se torna vítima de uma violência causada pelo Estado. Por meio do romance, Tenório (2020) apresenta a subjetividade da vivência negra masculina que, permeada pelo racismo e os valores e influências da masculinidade hegemônica, sofre impactos em diversos âmbitos, como na sua autoimagem e autoestima, na criação de estereótipos, a hiperssexualização, desumanização e a naturalização da violência a esses corpos, gerando um impacto negativo e árduo na vida dos homens negros.

O campo das afetividades do homem negro também sofre com os impactos causados pelo racismo e as masculinidades. Por existir um duelo entre as masculinidades, a masculinidade negra será atacada pela hegemônica em diversos aspectos de forma que, geralmente, o que se nota é o favorecimento dessa última na disputa do amor e nas construções de outras relações afetivas. A imagem

hiperssexualizada do homem negro contribui fortemente para que esse indivíduo não seja visto como opção para relacionamentos sérios e, como consequência, ocorre o processo de objetificação desse ser que acaba recebendo a inscrição em suas imagens de certos estereótipos que os generalizam como violentos, malandros e péssimos pais. É verdade que o abandono parental é uma grande questão para as masculinidades negras, porém ela não deve ser tratada como uma regra, pois não se pode generalizar todas as vivências. Foi discutido neste trabalho que o abandono parental negro gera consequências nas relações ao longo da vida do homem negro, o trauma da ausência pode acarretar em um indivíduo um apego ou um afastamento em suas relações afetivas.

Em adição, o abandono parental faz com que o homem negro cresça sem saber exatamente como é e como deve ser o papel de um pai, fazendo com esse homem considere, muitas vezes, realizar o abandono parental. No romance de Tenório (2020), mesmo Henrique tendo crescido sem a presença de seu pai e ter considerado o abandono de seu filho, o personagem resolve quebrar com esse ciclo traumático de abandono, mesmo que o exercício de sua paternidade não tenha sido perfeito, como Pedro relata em diversos momentos da narrativa. A ausência-presença de Henrique era uma realidade na vida de Pedro e isso é uma consequência decorrente da masculinidade e a repressão emocional.

Além da relação entre pai e filho, uma relação afetiva que apresenta diversas camadas é o relacionamento interracial. Para o homem negro se relacionar com uma mulher branca trará outros atravessamentos que serão mediados pelo racismo e pela masculinidade hegemônica. O racismo e a masculinidade hegemônica, que colocam o homem negro fora do mapa dos afetos, faz com que o relacionamento interracial seja visto como um tabu, pois não seria possível que uma mulher branca, cuja imagem no imaginário social é associada à pureza, escolhesse um homem negro para se relacionar. Sendo assim, essa relação é vista pelo branco como um ataque, pois o negro está invadindo e tomando essa mulher que é vista como propriedade. O homem negro enfrenta a possibilidade do racismo no meio social em que esse está inserido como casal, mesmo em um ambiente familiar, como é visto através do namoro de Henrique e Juliana.

Já na relação entre duas pessoas negras, o racismo sofrido por ambos pode intensificar seus traumas e assim corroborar a disfunção. Diferentemente do casal

interracial, o casal negro-centrado não será visto como um tabu, pois são vistos como uma relação ideal por não se misturarem. Muitas vezes, o casal negro acredita que o amor cura tudo, porém é visto que antes de mais nada a cura não reside na união, mas sim em como ambos estão autoconscientes e dispostos a curar seus traumas e só assim tratar a relação. Os traumas de Henrique e Martha sobre o abandono e a ausência em suas vidas foram questões que nunca foram resolvidas e que levaram o casamento ao fim.

O racismo pode até ser a causa de muitos traumas em relacionamentos, porém ele nem sempre é motivo pelo qual as relações podem falhar. Portanto, o romance e Tenório evidenciam as complexidades que giram em torno das afetividades do homem negro, explicitando por meio de relações primordiais, que moldam a subjetividade dos indivíduos, além de demonstrar a possibilidade da hereditariedade de traumas masculinos e como elas afetam a sua autoimagem.

Tratando-se da violência, o corpo negro é um alvo constante. A violência está altamente presente na vivência negra masculina desde sua infância, em que a violência racial priva o menino negro de ter uma infância minimamente saudável e natural, retirando a sua inocência precocemente e revelando os horrores de um sistema racista.

Logo, a violência abre portas para que esse corpo negro sofra abusos e, a partir da hiperssexualização, os meninos negros se tornam vítimas de abuso sexual que trarão mais consequências para essa criança quando adulta. A violência é tão naturalizada no meio das masculinidades que ela é utilizada como forma de poder e de autoproteção, como Henrique nota por meio da figura de seu tio Zé Carlos, a própria personificação do homem violento e patriarcal. Viver em um meio familiar violento faz com que o menino negro não se sinta seguro em nenhum ambiente, podendo assim levá-lo a um caminho em que a violência será internalizada e levada para frente como base para suas relações ou ele opta por quebrar com esse trauma e seguir uma vida em que a violência não será uma opção em suas relações futuras. Jeferson Tenório (2020) demonstra através de Henrique a possibilidade da escolha para a quebra dos ciclos tóxicos que abrem portas para um novo viver.

Entretanto, a violência estatal ao corpo negro é real e ainda apresenta suas artimanhas cuja origem se dá desde o período colonial. Por meio do dispositivo de racialidade juntamente com o biopoder, surge a necropolítica, que é a escolha de

quem deve viver ou morrer, que em nome do Estado, são assassinados principalmente homens negros, para assim, promover o controle dessa população marginalizada. Tal metodologia de controle já existe na legislação desde o período colonial, como foi descrito e discutido a partir da “Lei da Vadiagem” que visava punir quem fosse considerado um “vadio”. Na maioria das vezes, o homem negro era quem sofria as consequências dessa lei, que toma uma proporção maior ao entrar na primeira legislação do Brasil república em 1889, ampliando a violência contra esses corpos. Há que se ressaltar que, mesmo após à abolição, muitos homens negros se encontravam em situação de rua e sem empregos por não haver políticas de reparação, além de abranger os termos da lei com a criminalização das práticas de capoeira.

Sendo assim, a abordagem policial era a forma em que essa lei era executada e até hoje, apesar da descriminalização da vadiagem, a abordagem policial é truculenta, demonstrando como o “Estado” realiza o seu necropoder. No romance de Tenório (2020), Henrique possui uma trajetória altamente permeada pela violência policial. Por meio das abordagens policiais, até o fatídico momento da morte de Henrique, Tenório (2020) expressa os estereótipos que cercam o homem negro dentro da visão racista do Estado, além de demonstrar como esse indivíduo cria estratégias para sobreviver a tamanha violência. Desde cedo, Henrique sofreu com constantes abordagens policiais, que, mesmo não compreendendo o motivo para tal, ele associava à presença da polícia como algo perigoso e negativo.

Para poder sobreviver, homens negros desenvolvem estratégias de sobrevivência, tais como: não ficar parado em determinados lugares, pois pode ser visto como suspeito, não pode correr, porque pode ser visto como um bandido ou assaltante, não pode falar alto com os policiais, tem de obedecê-los, o quão seja humilhante e degradante a situação, uma vez que sua vida está em jogo, se movimentar devagar durante a abordagem e não demonstrar sua inteligência.

O romance *O Averso da Pele* (2020) de Tenório se torna essencial para os estudos que cercam a realidade das masculinidades negras por abordar vivências que retratam uma realidade que não é distante e nem incomum a milhares de brasileiros que vivem na mesma situação que seus personagens. A literatura é um instrumento primordial para pensar e analisar as estruturas sociais, para que só assim se torne possível a possibilidade de um deslocamento emocional e intelectual necessário para

a mudança efetiva de alguns paradigmas. No caso do romance em questão, ele abre portas para a ampliação do debate e da produção de saberes entorno das masculinidades negras, que ainda urge de mais discussões e debates sobre a condição do homem negro na sociedade. Ademais, o romance pode ser visto como um porta-voz sobre como a violência policial ainda atinge muitos homens negros, além de denunciar os efeitos do racismo e da masculinidade hegemônica na vivência negra masculina, sem mencionar as consequências nas relações afetivas desses sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- AUBIN, Arthur Flannigan Saint. The Male Body and Literary Metaphors for Masculinity. In: BROD, Harry; KAUFMAN, Michael (ed.). **Theorizing Masculinities**. Estados Unidos: Sage Publications, 1994. Cap. 13. p. 239-258.
- BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CAMILO, Vandelir; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. Masculinidades Negras em Perspectiva Histórica: A História de Vida do Médico Dr. José Maurício Nunes Garcia Junior (1808-1884). In: CAMILO, Vandelir; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da (org.). **Masculinidades Negras: Novos Debates Ganhando Formas**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2022. Cap. 13. p. 227-256.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CARTWRIGHT, Mark. **Caronte**. 2021. World History Encyclopedia. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-11835/caronte/>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- CÉSAR, Caio. Hipersexualização, autoestima e relacionamento inter-racial. In: RESTIER e SOUZA (Org.). **Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019, p. 53-76.
- CONNELL, Robert William. **Masculinities**. University of California Press, 2005.
- CONNELL, Robert W. Studying men and masculinity. **Resources for feminist research**, p. 43-57, 2001.
- CUSTÓDIO, Túlio Augusto. Per-vertido Homem Negro: reflexões sobre masculinidades negras a partir de categorias de sujeição. In: RESTIER e SOUZA (Org.). **Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019, p. 131-162.
- DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. 2. Reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021, vol. 1, Precursores, p. 13-48.
- DUARTE, E. A. e FONSECA, M. N. S. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 4, História, teoria, polêmica.
- DUTRA, Guilherme Pessoa. A Construção do negro enquanto em não-ser na modernidade: A fábrica de sujeitos Raciais e suas implicações para as engrenagens do capitalismo no ontem e no hoje. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 14, n. 2, p. 107-130, ago. 2022.
- ELLISON, Ralph. **Homem Invisível**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

ELOI, Yago. Paternidades Negras: Transformando o Drama em um Ato Político de Resistência. In: CAMILO, Vandellir; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da (org.). **Masculinidades Negras: Novos Debates Ganhando Formas**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2022. Cap. 2. p. 41-54.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. 2. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2010

GLISSANT, Édouard. **Pela opacidade**. Revista Criação & Crítica, n. 1, p. 53-55, 2008.

hooks, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. Trad. Vinícius da Silva. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

IPEAFRO. **Frente Negra Brasileira**. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/antecedentes-do-ten/frente-negra-brasileira/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

LEMELLE JR, Anthony J. **Black masculinity and sexual politics**. Routledge, 2010.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Trad. Renata Santini. Arte & Ensaios. Rio de Janeiro, v. 2, n. 32, p. 122-151, 2016.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória**. Letras, n. 26, p. 63-81, 2003.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021.

MARTINS, Soraya. **Teatralidades-aquilombamento: várias formas de pensar-ser-estar em cena e no mundo**. Belo Horizonte: Javali, 2023.

MNU. **MNU**. Disponível em: [https://mnu.org.br/mnu-2/#:~:text=O%20Movimento%20Negro%20Unificado%20\(MNU,Paulo%20em%20ple no%20regime%20militar..](https://mnu.org.br/mnu-2/#:~:text=O%20Movimento%20Negro%20Unificado%20(MNU,Paulo%20em%20ple no%20regime%20militar..) Acesso em: 11 jan. 2025.

MOMBAÇA, Jota. **A plantação cognitiva**. MASP Afterall-Arte e Descolonização, São Paulo, 2020.

NUNES, Carolina; PAZ, Dindara. **190 anos de imprensa negra: história, luta e legado**. 2023. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/190-anos-imprensa-negra-historia-luta-legado/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Os quilombos editoriais como iniciativas independentes. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 28, n. 4, p. 155-170, 2018.

PALMARES, Fundação. **Teatro Experimental do Negro (TEN)**. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/teatro-experimental-do-negro-ten>. Acesso em: 11 jan. 2025.

QUILOMBHOJE. **Quilombhoje: espírito de quilombo nos dias de hoje. Desde 1980 colocando mais africanidade na literatura brasileira. Quilombhoje: missão.** Disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/quilombhoje/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes; FAUSTINO, Deivison Mendes. Negro Tema, Negro Vida, Negro Drama: Estudos Sobre Masculinidades Negras na Diáspora. **Transversos: Revista de História**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 163-182, ago. 2017.

RESTIER, Henrique. O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (org.). **Diálogos Contemporâneos Sobre Homens Negros e Masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. Cap. 1. p. 21-52.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SEIDLER, Vic. **Transforming masculinities**: Men, cultures, bodies, power, sex and love. Routledge, 2006.

STAPLES, Robert. **Masculinity and race**: The dual dilemma of Black men. Journal of Social Issues, v. 34, n. 1, p. 169-183, 1978.

PINHO, Osmundo. O Corpo do Homem Negro e a Guerra dos Sexos no Brasil. In: RESTIER e SOUZA (Org.). **Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019, p. 105-130.

RESTIER e SOUZA (Org.). **Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019, p. 131-162.

ROCHA, Marlúcia Mendes da. Ogum. **Revista Kàwé**, Ilhéus, v. 1, p. 14-16, jan. 2001. Disponível em: https://www.uesc.br/nucleos/kawe/revistas/Ed_02/ogum.pdf. Acesso em: 14 jan. 2025.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. Companhia das Letras, 2020.

TENÓRIO, Jeferson. Uma entidade que fabrica as próprias armas. Entrevista cedida a Luiz Felipe Cunha. **Jornal Cândido**, Paraná, janeiro. 2022. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/ENTREVISTA-Jeferson-Tenorio>. Acesso em: 22 de outubro de 2023.

WESTIN, Ricardo. **Delito de 'vadiagem' é sinal de racismo, dizem especialistas**. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/09/delito-de-vadiagem-e-sinal-de-racismo-dizem-especialistas#:~:text=A%20vadiagem%20foi%20um%20crime,est%C3%A1%20em%20vigor%20at%C3%A9%20hoje..> Acesso em: 16 jan. 2025.